

ENSINAMENTOS DE UM INICIADO

Max Heindel

SUMÁRIO

<u>PREFÁCIO.....</u>	<u>3</u>
<u>CAPÍTULO I.....</u>	<u>4</u>
<u>Os Dias de Noé e de Cristo.....</u>	<u>4</u>
<u>CAPÍTULO II.....</u>	<u>8</u>
<u>O Sinal do Mestre.....</u>	<u>8</u>
<u>CAPÍTULO III.....</u>	<u>11</u>
<u>O Que é Trabalho Espiritual?.....</u>	<u>11</u>
<u>CAPÍTULO IV.....</u>	<u>16</u>
<u>O Caminho da Sabedoria.....</u>	<u>16</u>
<u>CAPÍTULO V.....</u>	<u>19</u>
<u>O Segredo do Sucesso.....</u>	<u>19</u>
<u>CAPÍTULO VI.....</u>	<u>23</u>
<u>A Morte da Alma.....</u>	<u>23</u>
<u>CAPÍTULO VII.....</u>	<u>26</u>
<u>O Novo Sentido da Nova Era.....</u>	<u>26</u>
<u>CAPÍTULO VIII.....</u>	<u>29</u>
<u>O Povo Escolhido de Deus.....</u>	<u>29</u>
<u>CAPÍTULO IX.....</u>	<u>31</u>
<u>Luz Mística na Guerra Mundial (1914-1918).....</u>	<u>31</u>
<u>Parte I - Fontes Secretas.....</u>	<u>31</u>
<u>CAPÍTULO X.....</u>	<u>34</u>
<u>Luz Mística na Guerra Mundial (1914-1918).....</u>	<u>34</u>
<u>Parte II - Seu desenvolvimento sob o ponto de vista espiritual.....</u>	<u>34</u>
<u>CAPÍTULO XI.....</u>	<u>38</u>
<u>Luz Mística na Guerra Mundial (1914-1918).....</u>	<u>38</u>
<u>Parte III - Paz na Terra.....</u>	<u>38</u>
<u>CAPÍTULO XII.....</u>	<u>41</u>
<u>Luz Mística na Guerra Mundial (1914-1918).....</u>	<u>41</u>
<u>Parte IV - O Evangelho do Regozijo.....</u>	<u>41</u>
<u>CAPÍTULO XIII.....</u>	<u>45</u>
<u>O Significado Esotérico da Páscoa e o Início da Filosofia Rosacruz. . .</u>	<u>45</u>
<u>CAPÍTULO XIV.....</u>	<u>48</u>
<u>Os Ensinamentos da Páscoa.....</u>	<u>48</u>

CAPÍTULO XV.....	50
Método Científico do Desenvolvimento Espiritual.....	50
Parte I - Analogias materiais.....	50
CAPÍTULO XVI.....	53
Método Científico do Desenvolvimento Espiritual.....	53
Parte II - Retrospeccão - Um meio de evitar o Purgatório.....	53
CAPÍTULO XVII.....	56
Os Céus proclamam a Glória de Deus.....	56
CAPÍTULO XVIII.....	58
Religião e Cura.....	58
Os Princípios Rosacruz de Cura.....	59
CAPÍTULO XIX.....	61
Discurso na colocação da Pedra Fundamental em Mt. Ecclesia.....	61
CAPÍTULO XX.....	64
Nosso Trabalho no Mundo.....	64
Parte I - (Publicação - Maio, 1912).....	64
CAPÍTULO XXI.....	67
Nosso Trabalho no Mundo.....	67
Parte II.....	67
CAPÍTULO XXII.....	71
Nosso Trabalho no Mundo.....	71
Parte III.....	71
CAPÍTULO XXIII.....	74
Condenação Eterna e Salvação.....	74
CAPÍTULO XXIV.....	78
O Arco nas Nuvens.....	78
CAPÍTULO XXV.....	81
A Responsabilidade do Conhecimento.....	81
CAPÍTULO XXVI.....	85
A Jornada no Deserto.....	85

PREFÁCIO

Este volume das obras de Max Heindel, o Místico do Ocidente, é a conclusão que engloba as mensagens por ele transmitidas a seus alunos através de aulas mensais. Estes ensinamentos, reeditados desde que esse grande espírito foi chamado para uma obra mais elevada nos mundos superiores em 6 de Janeiro de 1919, podem ser encontrados, além deste volume, nos seguintes livros: "Maçonaria e Catolicismo", "A Teia do Destino", "A Interpretação Mística do Natal", "Os Mistérios das Grandes Óperas", "Coletâneas de um Místico" e "Cartas aos Estudantes". Estas obras abrangem as últimas investigações desse vidente.

Sabemos que as proveitosas mensagens e o estímulo espiritual que os leitores têm recebido das inspiradoras palavras contidas nos livros anteriores, foram de grande eficácia. Também temos certeza que, com o correr do tempo, os estudantes esclarecidos e avançados e os que buscam a verdade através do misticismo e do ocultismo, compreenderão cada vez mais o verdadeiro valor das obras de Max Heindel. Suas palavras atingem bem fundo o coração dos leitores. Muitos que leram sua primeira obra "O Conceito Rosacruz do Cosmos", emocionaram-se com o seu profundo conteúdo.

Max Heindel, o mensageiro autorizado da verdadeira Fraternidade Rosacruz, viveu os ensinamentos que divulgou. Somente quem sofreu como ele, durante toda sua vida, consegue tocar as fibras do coração humano. Somente ele, que sentiu as dores do parto do nascimento espiritual e que foi admitido nos reinos da alma, tem o poder de emocionar seus leitores. Como conseqüência desse nascimento espiritual, as obras que Max Heindel legou à humanidade viverão e frutificarão. Possam os leitores deste livro sentir o palpitar do coração desse homem que tanto amou a humanidade, que sacrificou sua própria existência física no desejo de transmitir ao homem, as maravilhosas verdades que acumulou em seus contatos com os Irmãos Maiores da Ordem Rosacruz.

Augusta Foss Heindel

CAPÍTULO I

Os Dias de Noé e de Cristo

NICODEMUS ao ouvir Cristo falar-lhe sobre a necessidade do renascimento, perguntou: "Como pode ser isso?" Com nossas mentes inquiridoras, nós também ansiamos por mais luz sobre os vários ensinamentos referentes ao nosso futuro. Ajudaria muito se pudéssemos sentir que esses ensinamentos se enquadram em fatos físicos que conhecemos. Então, teríamos uma base mais firme para nossa fé sobre outras coisas que ainda não experimentamos.

Tem sido trabalho do autor investigar fatos espirituais e correlacioná-los com fatos físicos, de tal modo que, através da razão, venham despertar a fé. Desta maneira, tem sido sua prerrogativa esclarecer as almas ansiosas sobre os mistérios da vida. Recentemente realizou-se uma nova descoberta que parece ter uma relação com a vinda de Cristo, embora um tanto remota quanto o leste está para o oeste, mas lança uma luz considerável sobre esse evento, principalmente sobre o nosso encontro com o Senhor que, como diz a Bíblia, será "num piscar de olhos". Nossos estudantes sabem muito bem como é desagradável para o autor relatar experiências pessoais mas, algumas vezes, como no caso presente, parece necessário e pedimos excusas por usar um pronome pessoal ao relatar o incidente.

Numa noite, há algum tempo atrás, ao transportar-me para um lugar numa terra distante onde devia desempenhar uma missão, ouvi um grito. Embora a voz humana só possa ser ouvida através do ar, há sons que são perceptíveis no reino espiritual à distâncias que excedem as percorridas pelas mensagens do telégrafo sem fio. Contudo, o grito vinha de perto e eu estava no local no mesmo instante, mas não tão depressa para poder oferecer o socorro necessário. Vi um homem deslizando por um aterro inclinado, sem vegetação, com mais ou menos quatro metros de largura e, como ficou provado em exame subsequente, sem nenhuma fresta em que pudesse firmar os dedos. Para tê-lo salvo, seria necessário materializar os braços e ombros, mas não havia tempo. Num instante, ele já havia deslizado pelo desfiladeiro e estava caindo no precipício, provavelmente a algumas centenas de metros, embora não possa ter certeza pois não sei calcular distâncias.

Impelido por um natural espírito de ajuda ao próximo, aproximei-me e então observei o fenômeno que é a base deste artigo, ou seja, quando o corpo atingiu uma velocidade considerável, os éteres do corpo vital começaram a fluir para fora. Quando o corpo se chocou contra as pedras lá embaixo, tornando-se uma massa esfacelada, havia pouco ou nenhum éter interpenetrando-o. Contudo, gradativamente, os éteres agruparam-se, tomaram forma, e pairaram com os veículos mais sutis sobre o corpo espedaçado. Mas o homem estava em estado letárgico e incapaz de sentir ou compreender as mudanças em suas condições.

Quando percebi que ele estava além de qualquer ajuda, retirei-me. Mas, pensando no caso, comecei a sentir que algo de extraordinário havia acontecido e que era meu dever procurar saber se os éteres fluíam dessa maneira em todos os que despencavam e, se assim fosse, por quê. Sob condições anteriores, isso teria sido mais difícil, mas o advento das máquinas voadoras faz muitas vítimas, principalmente nestes infelizes tempos de guerra. Portanto, era fácil averiguar que se um corpo em processo de queda atinge uma certa velocidade, os éteres superiores

deixam o corpo denso e o homem que está caindo permanece insensível. Quando o corpo atinge o solo, fica esstraçalhado, mas a pessoa pode voltar a ficar consciente quando o éter se reorganizar. Então, começará a sofrer as conseqüências físicas da queda. Se a queda continuar depois que os éteres superiores saíram, o aumento da velocidade desaloja os éteres inferiores e o Cordão Prateado é só o que permanece unido ao corpo. Este é rompido no momento do impacto com o solo, e o átomo-semente transfere-se para o ponto de ruptura, onde fica preso da maneira usual.

Por esses fatos, chegamos à conclusão que é a pressão normal do ar que retém o corpo vital dentro do corpo denso. Quando nos movemos com uma velocidade anormal, a pressão é removida de algumas partes do corpo e um vácuo parcial é formado e, por esse motivo, os éteres deixam o corpo e fluem para dentro desse vácuo. Os dois éteres superiores, unidos mais frouxamente, são os primeiros a sair e deixam a pessoa inconsciente após lhe apresentarem, num rápido instante, o panorama da sua vida. Depois, se a queda continuar a aumentar a pressão do ar na frente do corpo e o vácuo atrás, os éteres inferiores mais firmemente aderidos expelem-se também e o corpo estará morto antes de chegar ao solo.

Examinando uma série de pessoas em estado normal de saúde, verificou-se que cada um dos átomos prismáticos que compõem os éteres inferiores, irradiam de si mesmos as linhas de força que fazem voltear os átomos físicos em que estão inseridos, provendo todo o corpo com vida. A direção de todas estas unidades de força está para além da periferia do corpo, onde constituem o que se convencionou chamar "Fluido Ódico", também designado por outros nomes. Quando a pressão do ar exterior é reduzida por estar a uma grande altitude, manifesta-se uma tendência para o nervosismo, porque a força etérica interna tende a sair desordenadamente. Se o homem não fosse capaz de impedir a entrada da emanação de energia solar, em parte por grande força de vontade e em sobrepujar a dificuldade, ninguém poderia viver em tais lugares.

Já tínhamos ouvido falar do "choque por explosão" e sabíamos de várias pessoas que, mesmo sem o menor ferimento, foram encontradas mortas nos campos de batalha. Na verdade, tínhamos visto e falado com pessoas que haviam morrido assim, mas que estavam perplexas querendo saber por que morreram. Todos negavam ter sentido medo, e foram unânimes em afirmar que, de repente, ficaram inconscientes e logo em seguida encontraram-se na condição atual. Ao contrário de seus companheiros, não tinham sequer um arranhão em seus corpos. Nossa idéia preconcebida de que deveria ter havido um instante de medo que, embora incompreendido naquele momento, causou essas mortes, evitou uma investigação mais completa. Mas os resultados averiguados sobre as conseqüências de uma queda, levam-nos a acreditar que algo semelhante deva acontecer em relação a isso, e esta suposição provou ser acertada.

Quando um grande projétil cruza o ar, cria um vácuo atrás de si pela enorme velocidade com que se move. E se uma pessoa estiver nessa área de vácuo quando da passagem da cápsula, sofrerá numa medida determinada por sua própria natureza e por sua proximidade do centro de sucção. Sua posição é, na realidade, uma réplica inversa do homem que cai; pois ele fica parado enquanto que um corpo em movimento remove a pressão do ar e permite a saída dos éteres. Se a quantidade de éter deslocado for comparativamente pequena e composta apenas do terceiro e quarto éteres, que governam o sentido da percepção e da memória, ele provavelmente sofrerá apenas uma perda de memória temporária e incapacidade de sentir

as coisas ou de se mover. Essa incapacidade desaparecerá quando os éteres extraídos forem novamente alojados dentro do corpo denso, uma tarefa muito mais difícil do que quando o corpo denso sucumbe e se reorganiza sem a participação desse veículo.

Se as pessoas assim atingidas soubessem como efetuar os exercícios que separam os éteres superiores e os inferiores, ter-se-iam encontrado fora do corpo em plena consciência e talvez prontos para o primeiro vôo de sua alma, se tivessem coragem de executá-lo. Não importa como, mas podemos dizer com segurança que, no seu retorno ao corpo denso, teriam sentido pouco ou nenhum incômodo, e se o vácuo fosse suficientemente intenso para conseguir desalojar todos os quatro éteres e causar a morte, provavelmente não haveria inconsciência como acontece com uma pessoa comum; pois foi constatado que as pessoas que disseram ter ficado inconscientes por apenas um instante, estavam erradas. Teria sido necessário um tempo variável de um a vários dias, nos casos que investigamos, para que o corpo vital se reorganizasse e a consciência fosse restabelecida.

Vejamos agora que relação existe entre esses fatos recentemente descobertos, o advento de Cristo e nosso encontro com Ele. Quando vivíamos na antiga Atlântida, nas bacias da Terra, a pressão da névoa carregada de umidade era muito grande. Isso enrijeceu o corpo denso, resultando que as vibrações da interpenetração dos veículos mais sutis ficaram consideravelmente retardadas. Esse fato está correto em relação ao corpo vital, que é formado de éter, matéria que pertence ao mundo físico e sujeita a algumas leis físicas. A força da vida solar não penetrava na névoa densa com tanta abundância como está presente na atmosfera clara de hoje. Acrescente-se a isto o fato de que os corpos vitais dessa época eram quase que inteiramente compostos dos dois éteres inferiores, o que favorecia a assimilação e a reprodução, e assim poderemos compreender que o progresso era muito lento. O homem levava uma existência principalmente vegetativa, e seus maiores esforços eram no sentido de obter alimento e reproduzir sua espécie.

Se tal homem fosse removido para nossas condições atmosféricas, a falta de pressão exterior teria resultado numa saída do corpo vital, o que significaria a morte. Gradativamente, o corpo físico tornou-se menos denso e a quantidade dos dois éteres superiores aumentou. Assim, o homem tornou-se apto a viver numa atmosfera límpida, sob uma pressão decrescida como a que temos desfrutado desde o acontecimento histórico conhecido como "O Dilúvio", quando a névoa se condensou.

Desde essa época, também temos sido capazes de especializar mais a força vital do Sol. A proporção maior dos dois éteres superiores, que agora existem em nosso corpo vital, permite-nos expressar os mais elevados atributos humanos e colaborar para o desenvolvimento desta era.

As vibrações do corpo vital, sob a presente condição atmosférica, capacitaram o espírito a construir o que chamamos civilização, que consiste em conquistas industriais e artísticas e normas de conduta morais e espirituais. A superioridade moral e industrial estão tão interligadas e tão interdependentes, como a conquista artística é dependente de uma concepção espiritual. As ocupações produtivas têm a finalidade de desenvolver o lado moral da natureza humana, a arte desabrocha o lado espiritual. Assim, estamos sendo preparados para o próximo passo de nosso desenvolvimento.

Recordemos que as qualificações necessárias para emanciparmo-nos das condições predominantes na Atlântida eram parcialmente fisiológicas; nós precisávamos desenvolver pulmões para respirar o ar puro no qual estamos agora imersos e que permite o corpo vital vibrar mais rapidamente do que o fazia na pesada umidade da Atlântida. Pensando nisso, podemos perfeitamente perceber que o futuro avanço consiste em livrar inteiramente o corpo vital dos entraves do corpo denso e deixá-lo vibrar ao ar puro.

Foi isto o que aconteceu na sublime altitude, esotéricamente conhecida como o "Monte da Transfiguração". Homens altamente desenvolvidos de várias épocas, Moisés, Elias e Jesus (ou antes, o corpo de Jesus que recebeu a alma de Cristo) apareceram nas vestes luminosas do corpo-alma liberado, que todos usarão na Nova Galiléia, o Reino de Cristo. "Carne e sangue não podem herdar o reino", pois isso iria interferir no progresso espiritual desse dia. Assim, quando Cristo aparecer, devemos estar preparados com um corpo-alma e prontos para abandonar nosso corpo denso para sermos "arrebatados e encontrá-Lo no ar".

O resultado da investigação, que é a base do presente artigo, pode fornecer um vislumbre do método de transição quando comparado com a informação bíblica. Diz-se que o Senhor aparecerá acompanhado de um som vibrante e poderoso. Lemos que haverá trovões e toques de trombetas relacionados com o evento. Um som é uma perturbação atmosférica, e como a passagem de um projétil construído pelo homem pode arrebatá os corpos vitais de soldados de seus corpos densos, não há necessidade de argumentos para provar que o grito de uma voz sobre-humana pode conseguir o mesmo resultado com maior eficácia - "num piscar de olhos".

"Quando acontecerão essas coisas?" perguntaram os discípulos. Disseram-lhes que como fora nos dias de Noé (quando estava para começar a Época Ária), assim deveria ser no Dia de Cristo. Eles comiam, bebiam, casavam e eram dados em casamento. Porém, alguns, que talvez não se diferenciavam tanto dos outros, haviam desenvolvido os tão importantes pulmões e, quando a atmosfera ficou clara, foram capazes de respirar o ar puro, enquanto os outros, que só possuíam as fendas das guelras, pereceram. No Dia de Cristo, quando Sua voz emitir o Chamado, aqueles que tiverem desenvolvido o corpo-alma serão capazes de elevar-se acima dos descartados corpos densos, enquanto outros serão como os soldados que morreram do "choque por explosão" nos campos de batalha.

Oxalá possamos estar preparados para esse dia, seguindo os Seus passos.

CAPÍTULO II

O Sinal do Mestre

Na época atual, há muitos que, julgando pelos sinais dos tempos, acreditam que Cristo está para retornar e esperam Sua vinda em alegre expectativa. Embora, na opinião do autor, as "coisas que antes devem acontecer" ainda não ocorreram em muitas particularidades importantes, não devemos esquecer que Ele preveniu que "assim como era no tempo de Noé, assim será no dia do Filho do Homem". Então, eles comiam, bebiam, divertiam-se, casavam e eram dados em casamento até o momento em que aconteceu o dilúvio que os tragou. Apenas um pequeno número se salvou. Portanto, nós que oramos pela Sua vinda, também devemos estar atentos e vigiar para que nossas preces não sejam atendidas antes de estarmos preparados, pois Ele disse: "O dia do Senhor virá como um ladrão na noite".

Mas ainda existe outro perigo, um enorme perigo que Ele salientou, isto é, "haverá falsos Cristos", e "eles enganarão até mesmo os próprios escolhidos, se isso for possível". Assim, ficamos prevenidos que se pessoas disserem: "Cristo está aqui na cidade ou lá no deserto", não devemos ir, ou certamente seremos enganados.

Mas, por outro lado, se não investigarmos, como O conheceremos? Não podemos correr o risco de rejeitar Cristo recusando-nos a ouvir os que julgam tê-Lo visto. Quando examinamos as exortações da Bíblia a esse respeito, ficamos confusos pois não nos esclarecem a questão e a pergunta permanece: "Como conheceremos Cristo quando Ele voltar?" Publicamos um panfleto sobre o assunto, mas acreditamos que seria muito bem-vindo para todos um esclarecimento adicional.

Cristo disse que alguns dos falsos Cristos operariam sinais e maravilhas. Quando instado pelos escribas e fariseus a provar Sua divindade por esses meios, Ele sempre Se recusou, porque sabia que esses fenômenos apenas excitariam a impressão do maravilhoso e aguçariam a ânsia por muito mais. Os que prezavam essas manifestações são, às vezes, sinceros em seus esforços para convencer os outros e, em geral, conseguem fazê-lo, pois estes respondem prontamente: "Vocês afirmam ter visto alguém fazer maravilhas e por essa razão acreditaram. Muito bem! Nós também queremos ver e acreditar".

Mas, mesmo supondo que um Mestre acedesse a provar sua identidade, quem na multidão estaria qualificado para julgar a validade da prova? Ninguém! Quem reconhece o sinal do Mestre ao vê-lo? O sinal do Mestre não é um fenômeno que possa ser repudiado ou explicado pelos sofistas, nem é algo que o Mestre possa mostrar ou esconder a seu bel-prazer. É obrigado a carregá-lo sempre, assim como nós carregamos nossos membros. Seria absolutamente impossível esconder o sinal do Mestre aos qualificados para vê-lo, reconhecê-lo e julgá-lo, como seria impossível para nós esconder nossos membros de quem quer que tenha visão física. Por outro lado, como o sinal do Mestre é espiritual, deve ser percebido espiritualmente. Portanto, é impossível mostrar o sinal do Mestre aos que não possuem visão espiritual, como é impossível mostrar uma forma material a alguém fisicamente cego.

Assim lemos: "Uma geração corrompida e adúltera procura encontrar o sinal, mas o sinal não lhe será dado". Mais adiante, no mesmo capítulo (Mateus 16), vemos Cristo perguntando a Seus discípulos: "Quem dizem os

homens que eu, o Filho do Homem, sou?" A resposta revela que embora os judeus vissem Nele um ente superior, fosse Moisés, Elias ou algum dos profetas, eram incapazes de reconhecer Sua verdadeira personalidade. Eles não podiam ver o sinal do Mestre, do contrário não teriam necessidade de outro testemunho.

Então, Cristo voltou-se para Seus discípulos e perguntou-lhes: "E vós, quem dizeis que Eu sou?" E de Pedro veio a resposta cheia de convicção, rápida e incisiva: "Tu és Cristo, o Filho do Deus vivo". Ele havia visto o sinal do Mestre e sabia do que falava, independentemente de prodígios ou circunstâncias exteriores, como o próprio Cristo enfatizou ao dizer: "Bem aventurado és tu, Simão, Filho de Jonas, pois não foi a carne de sangue que te revelou, mas meu Pai que está no Céu". Em outras palavras, a compreensão dessa grande verdade era consequência de uma qualificação interior.

Que qualificação era essa, e ainda o é, compreendemos pelas palavras de Cristo que se seguiram: "Pois também te digo que és Pedro (Petros uma rocha) e sobre esta rocha (Petra) edificarei a minha Igreja".

Cristo disse ao referir-se à multidão de judeus materialistas: "Uma geração corrompida e adúltera tenta encontrar o sinal, mas o sinal não lhe será dado, a não ser o sinal do profeta Jonas". Também entre os cristãos materialistas de nossos tempos tem havido muita especulação nesse sentido. Alguns afirmaram que uma baleia comum havia engolido o profeta e mais tarde o depositou na praia. As igrejas dividem-se em relação a este tema, como em relação a muitos outros. Mas, ao consultarmos registros ocultos, encontramos uma interpretação que satisfaz o coração sem violentar a inteligência.

Essa grande alegoria, como muitos outros mitos, está retratada no filme do firmamento, pois ela foi representada no céu antes de ser encenada na Terra; e ainda podemos ver no céu estrelado "Jonas, a Pomba" e "Cetus, a Baleia". Mas não vamos nos preocupar tanto com a parte celestial, mas sim com sua função terrestre.

"Jonas" significa pomba, o bem conhecido símbolo do Espírito Santo. Durante os três "dias" que abrangem as revoluções de Saturno, do Sol e da Lua do Período Terrestre, e as "noites" entre eles, o Espírito Santo e todas as Hierarquias Criadoras trabalharam no Grande Abismo, aperfeiçoando as, partes internas da Terra e dos homens, removendo o peso morto da Lua. Então, a Terra emergiu de seu estágio aquático de desenvolvimento na metade da Época Atlante, e assim "Jonas, a Pomba Espiritual", realizou a salvação da maior parte da humanidade.

Nem a Terra nem seus habitantes eram capazes de manter seu equilíbrio no espaço, portanto, o Cristo Cósmico principiou a trabalhar com e em nós, finalmente descendo como uma pomba no batismo (não em forma de uma pomba, mas como uma pomba) sobre o homem Jesus. Assim como Jonas, a pomba do Espírito Santo, ficou três Dias e três Noites no Grande Peixe' (a terra submersa em água), assim também, no fim da nossa peregrinação involucionária, possa outra pomba, o Cristo, entrar no coração da Terra para o advento dos três revolucionários Dias e Noites que nos darão o impulso necessário em nossa jornada de evolução. Ele deve ajudar-nos a eterizar a Terra na preparação para o Período de Júpiter.

Dessa forma, Jesus tornou-se no Seu batismo, "um Filho da Pomba", e foi reconhecido por outro, "Simão Bar-Jonas" (Simão, filho da pomba). Com

este reconhecimento pelo sinal de uma pomba, o Mestre denomina o outro "uma rocha", a Pedra fundamental, e promete-lhe as "Chaves do Céu". Estas não são palavras vãs, nem promessas a esmo. São fases que envolvem o desenvolvimento da alma a que cada um deve ser submetido, se já não passou por elas.

O que é então o "sinal de Jonas" que Cristo ostentou em Si, visível para todos que pudessem ver, a não ser a "casa do céu", com a qual Paulo ansiava ser envolvido: a gloriosa casa de tesouros, dentro da qual todos os atos nobres de muitas vidas brilham e resplandecem como pérolas preciosas? Todos temos uma pequena "casa do céu". Jesus, santo e puro acima de tudo, provavelmente era uma visão esplêndida. Imaginem quão indescritivelmente resplandecente deve ter sido o veículo no qual Cristo desceu; teremos então alguma idéia da "cegueira" dos que pediam "um sinal". Mesmo entre Seus outros discípulos, Ele encontrou a mesma catarata espiritual. "Mostra-nos o Pai", disse Filipe, desatento sobre o misticismo da Trindade da Unidade, que deveria ter sido óbvio para ele. Simão, contudo, percebeu rapidamente, porque ele, por uma alquimia espiritual, tinha preparado esta pedra espiritual, ou "pedra" do filósofo, que lhe deu o direito de receber as "Chaves do Reino"; uma Iniciação que torna utilizáveis os poderes latentes do candidato evoluído pelo serviço.

Chegamos à conclusão que estas "pedras" para o "templo feito sem mãos" sofrem uma evolução ou processo de preparação. Antes é "petros", o diamante bruto, por assim dizer, encontrado na natureza. Quando lidas com o coração, tais passagens como: 1Q Cor., 10:4: "E todos beberam da mesma bebida espiritual; pois beberam da Rocha espiritual (Petros) que os acompanhava, e essa Rocha era Cristo", são reveladoras sobre este ponto. Gradativamente, ficamos impregnados com a água da vida que jorrou da grande Rocha. Também ficamos polidos como as "lithoi zontes" (pedras vivas) destinadas a se juntarem àquela Grande Pedra que o Construtor rejeitou; e quando estivermos completamente lapidados, receberemos finalmente no Reino o diadema, o mais precioso de todos, o "psiphon leuken" (a pedra branca) com seu Novo Nome.

Há três fases na evolução da "Pedra da Sabedoria": Petros, a dura pedra bruta; Lithon, a pedra polida pelo serviço e pronta para receber impressões; e Psiphon Leuken, a suave pedra branca que atrai para si todos os que são fracos e oprimidos. Há muita coisa escondida na natureza e na composição da pedra em cada fase que não pode ser descrita; deve ser interpretada nas entrelinhas.

Se esperamos construir o Templo Vivo com Cristo no Reino, preparemo-nos para ser capazes de reconhecer o Mestre e o Sinal do Mestre

CAPÍTULO III

O Que é Trabalho Espiritual?

Sobre este ponto apresentaremos trechos de um maravilhoso poema de Longfellow, "A Lenda Formosa" (The Beautiful Legend).

"Sozinho em sua cela,
Ajoelhado no chão de pedra,
O monge rezava em profunda contrição
Por seus pecados de indecisão.

Rezava por maior renúncia
Na tentação e na provação;
O mostrador meio dia marcava
E o monge sozinho em sua cela estava".

"De repente, como num relâmpago,
Um desusado esplendor iluminou
Tudo dentro e fora dela,
E nessa estreita cela de pedra ficou;
E ele teve a Abençoada Visão
De Nosso Senhor, com a Luz do Eliseu
Como um manto envolvendo-O,
Como uma veste abrigando-O".

Contudo, este não era o Salvador sofrido, mas o Cristo que alimentava os famintos e curava os enfermos.

"Em atitude de prece,
As mãos sobre o peito cruzadas,
Reverente, adorando, assombrado,
O monge, perdido em êxtase, ficou ajoelhado".

"Depois, em meio à sua exaltação,
Bem alto e assustador o sino do convento,
Em seu campanário chamando, chamando,
Por pátios e corredores tangeu
Com persistência badalando,

Como nunca antes sucedeu".

Esse era o chamado para seu dever de alimentar os pobres, como Cristo o fizera, pois ele era o esmoler da Irmandade.

"Profunda angústia e hesitação
Misturava-se à sua adoração;

Deveria ir, ou deveria ficar?
Poderia os pobres esperando deixar
Famintos no portão,
Até que se desvanecesse a Visão?

Poderia ele seu brilhante hóspede desfeitear?

Seu visitante celestial desconsiderar
Por um grupo de esfarrapados, bestiais
Mendigos no portão do convento?

Será que a Visão esperaria?

Será que a Visão voltaria?

Então, uma voz dentro do seu peito
Audível e clara sussurrou,
E ele, externamente escutou:

"Cumpre teu dever; isso é o certo,
Deixa aos cuidados do Senhor o resto!"

"Imediatamente pôs-se de pé,
E com um ardente e decidido olhar
Dirigido à Abençoada Visão,
Lentamente deixou sua cela,
Lentamente foi cumprir sua missão".

"No portão, os pobres estavam esperando
Através do gradil de ferro olhando,
Com esse terror no olhar
Que só se vê naqueles
Que no meio de suas misérias e desgraças
Ouvem o som de portas a se fechar,
E de passos que deles correm;
Com o desdém familiarizados,
Com o sabor acostumados
Do pão pelo qual os homens morrem!

Mas hoje, sem o porque saber,
Como a porta do Paraíso
Parecia-lhes a porta do convento ser!

E como um divino Sacramento
Parecia-lhes o pão e o vinho do convento!

Em seu coração o Monge estava orando,
Nos pobres sem teto pensando,
O que sofrem e suportam,
O que não vemos, e o que vemos enfim.

E uma voz lá dentro dizia:

"O que quer que faças
Ao último e menor dos meus,
O fazes a Mim!"

"A Mim! Mas se tivesse a Visão
Vindo a ele em farrapos,
Como um mendigo implorando,
Ter-se-ia ajoelhado em adoração?

Ou teria ouvido com escárnio
E ter-se-ia afastado com aversão".

"Assim questionou sua consciência,
Cheia de importuna insinuação,
Quando, por fim, com passos apressados
Em direção à sua cela sua face
Contemplou o convento iluminado

Por uma luz sobrenatural,
 Como uma nuvem luminosa se expandindo
 Sobre o chão, e pelas paredes e tetos subindo".

"Mas parou com uma sensação de pasmo.

Em sua porta, no limiar, A Visão ainda lá estava
 Como antes dele a deixar,
 Quando o sino do convento assustador,
 De seu campanário a chamar, a chamar,
 Intimou-o para os pobres alimentar.

Pela longa hora que mediou,
 Esperando seu regresso ficou.

E sentiu seu coração inflamado
 Compreendendo o significado,

Quando disse o Vulto Amado:

"Eu teria desaparecido, se tu tivesses ficado!"

Vou contar-lhes uma história:

Há muitos e muitos anos atrás - na verdade, há tanto tempo, quase um ontem longínquo - a Terra estava em trevas e o homem tentava em vão buscar a luz. Alguns a haviam encontrado e decidiram mostrar aos outros seu reflexo e, por isso, foram ansiosamente procurados. Entre estes, estava um que havia estado na cidade da luz por algum tempo e conseguiu absorver um pouco do seu brilho. Imediatamente homens e mulheres, vindos do país da escuridão, foram procurá-lo. Andaram milhares de milhas por terem ouvido falar dessa luz; e quando ele soube que um grande grupo se dirigia para a sua casa, começou a trabalhar e preparou-se para dar-lhes o melhor que pudesse. Fincou estacas ao redor de sua casa e colocou luzes sobre elas para que os visitantes não se machucassem na escuridão. Ele e seus familiares proveram as suas necessidades e ele ensinou-lhes o melhor que sabia.

Entretanto, alguns visitantes começaram a murmurar. Esperavam encontrá-lo num pedestal radiante de luz celestial. Imaginavam-se venerando seu santuário; mas, em vez da luz espiritual que esperavam, apanharam-no no momento em que estendia fios com lâmpadas elétricas para iluminar o local. Nem mesmo usava um turbante ou um manto, porque *a ordem à qual pertencia, tinha como uma de suas regras fundamentais que seus membros deveriam usar as vestes do país onde vivessem.*

Então, os visitantes chegaram à conclusão de que haviam sido enganados, logrados, e que ele não tinha nenhuma luz. A seguir, eles o apedrejaram e também aos seus familiares; tê-lo-iam matado se não fosse por medo da lei que imperava nessa região e que requeria olho por olho, dente por dente. Voltaram, então, para o país das trevas, e sempre que viam uma alma dirigindo-se para a luz, levantavam os braços e aconselhavam: "Não vás para lá; essa não é a luz verdadeira, é como uma lanterna de bruxa que vai levar-te para o mau caminho. Sabemos que não há espiritualidade naquilo". Muitos acreditaram neles e repetia-se nessa ocasião o que foi dito muito tempo antes, e que estava escrito num dos velhos livros: "É esta a condenação: que a luz tenha vindo ao mundo, mas que os homens tenham preferido as trevas à luz".

Como era nesse ontem distante, assim é ainda hoje. Os homens correm de cá para lá procurando a luz. Muitas vezes, como Sir Launfal, viajam para os

confins da Terra desperdiçando toda sua vida à procura de uma coisa que chamam "Espiritualidade", mas só encontram desapontamentos atrás de desapontamentos. Sir Launfal passou toda sua vida em vã busca, longe do seu lar, e finalmente encontrou o Santo Graal exatamente às portas do seu próprio castelo. Portanto, qualquer um que honestamente esteja em busca da espiritualidade, com certeza deverá encontrá-la em seu próprio coração. O único perigo é que, como o grupo de viajantes mencionado, ele possa perdê-la por não saber reconhecê-la. *Ninguém poderá reconhecer a verdadeira espiritualidade nos outros, enquanto não a tiver desenvolvido em si mesmo.*

Portanto, será interessante tentar estabelecer definitivamente: "O que é Espiritualidade?" para termos uma indicação pela qual possamos identificar esta grande característica de Cristo. Para conseguí-lo, devemos abandonar nossas idéias preconcebidas ou do contrário falharemos. A idéia mais comumente aceita é que a espiritualidade se manifesta pela prece e pela meditação; mas, se observarmos a vida de nosso Salvador, veremos que não foi uma vida ociosa. Ele não foi um recluso, Ele não Se afastou nem Se escondeu do mundo. Ele andava entre as pessoas, Ele proveu-lhes as necessidades diárias; Ele alimentou-as quando foi necessário; Ele curou-as quando teve a oportunidade e também as ensinou. Portanto, Ele era, no verdadeiro sentido da palavra, um SERVIDOR DA HUMANIDADE.

O monge da "Lenda Formosa" viu-O quando estava em oração, enlevado em êxtase espiritual. Mas, nesse exato momento, o sino do convento soou as doze badaladas e era seu dever ir e imitar o Cristo, alimentar os pobres reunidos à porta do convento. Na verdade, a tentação de ficar foi muito grande, pois queria banhar-se nas vibrações celestiais; mas, então, ouviu a voz: *"Cumprê teu dever, isso é o certo; deixa aos cuidados do Senhor o resto"*. Como poderia ter ficado adorando o Salvador a quem vira alimentando os pobres, curando os enfermos e, ao mesmo tempo, deixar os pobres famintos fora das portas do convento esperando que ele cumprisse seu dever? Na verdade teria sido injusto se tivesse ficado lá; assim, quando voltou, a Visão lhe disse: "Eu teria desaparecido, se tu tivesses ficado".

Tal auto-indulgência teria sido inteiramente contrária ao propósito em vista. Se não tivesse cumprido fielmente os pequenos encargos, próprios da vida terrena, como esperar que fosse fiel na grande obra espiritual? Naturalmente, se não tivesse sido capaz de resistir à prova, não teria recebido maiores poderes.

Há pessoas que buscam poderes espirituais passando de um centro de ocultismo para outro. Há as que entram para conventos e outros lugares de reclusão na esperança de desenvolver sua natureza espiritual, fugindo do apelo e fascinação do mundo. Aquecem-se ao sol da oração e da meditação, desde o amanhecer até o anoitecer, enquanto o mundo geme em agonia. Depois se espantam por não progredirem; não entendem porque não avançam no caminho de sua aspiração. Preces sinceras e meditação são necessárias, absolutamente essenciais para a elevação da alma. No entanto, estamos destinados a fracassar se, para a elevação da alma, dependermos de orações que não são mais que palavras. *Para obter resultados devemos viver de tal maneira que toda nossa vida seja uma aspiração.* Como disse Emerson:

"Embora teus joelhos nunca se dobrem,
De hora em hora ao céu tuas preces sobem,
E sejam elas para o bem ou para o mal formuladas,
Ainda assim são respondidas e gravadas".

Não são as palavras que pronunciamos ao rezar que contam, mas sim a *vida que conduz à prece.*

Qual a vantagem de orar pela paz na Terra aos domingos, quando durante o resto da semana fabricamos armas? Como podemos pedir a Deus que perdoe nossas ofensas como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, quando temos nossos corações cheios de ódio?

Há apenas um modo de mostrar nossa fé, e isto é realizado por nossas obras. Não importa qual seja a nossa situação na vida, se estamos numa escala social alta ou baixa, se somos ricos ou pobres, se estamos ocupados em colocar lâmpadas elétricas para evitar que nossos companheiros sofram uma queda física, ou se temos o privilégio de estar numa tribuna apontando aos outros uma luz espiritual, ensinando os caminhos da alma. Não é importante que nossas mãos estejam encardidas pelo trabalho mais humilde, talvez cavando um esgoto para conservar a saúde da nossa comunidade, ou macias e brancas para tratar de doentes.

O fator determinante que decide se qualquer tipo de trabalho é espiritual ou material, é nossa atitude ao executá-lo. O homem que coloca as lâmpadas elétricas pode ser muito mais espiritual do que aquele que se apresenta na tribuna, pois, que tristeza, há muitos que exercem essa sagrada missão com o desejo de deliciar os ouvidos de sua congregação com bela oratória, em vez de prodigar-lhes verdadeiro amor e solidariedade. É um trabalho muito mais nobre limpar um esgoto entupido, como o fez o *irmão desprezado* no livro "O Servo da Casa" (The Servant in the House), de Kennedy, do que viver falsamente com as honrarias do cargo de mestre, subentendendo uma espiritualidade que na realidade não existe. *Qualquer um que tente desenvolver essa qualidade rara de espiritualidade, deve começar oferecendo todo o seu trabalho para a glória de Deus. Quando fazemos, seja o que for, como se a fizéssemos ao Pai, não importa a espécie de trabalho que desenvolvemos. Cavando um esgoto, inventando um mecanismo que poupe trabalho, pregando um sermão, ou desempenhando qualquer outro serviço, tudo é uma obra espiritual quando é feita por amora Deus e ao homem.*

CAPÍTULO IV

O Caminho da Sabedoria

Já faz muitos anos que os ensinamentos dos Irmãos Maiores foram publicados pela primeira vez no "*Conceito Rosacruz do Cosmos*" e, desde então, nossa literatura ampliou-se bastante. Parece-nos oportuno fazer um levantamento do nosso trabalho para avaliar o que fizemos com os talentos confiados a nós.

Em primeiro lugar, devemos asseverar que a razão de estarmos na Fraternidade Rosacruz é porque, numa determinada época, já não estávamos satisfeitos com as explicações sobre os problemas da vida que recebemos em outros lugares. Todos procuram uma luz sobre o enigma, e há alguns dentre nós que, como o homem de que fala a Bíblia, vendo uma pérola de grande valor vendem tudo o que possuem e compram a pérola, que simboliza o conhecimento do Reino do Céu. Em outras palavras, alguns dentre nós estão tão ansiosos por encontrar a luz e ficam tão contentes quando a encontram, que dão a esse trabalho toda sua vida, seus pensamentos e sua energia. Compromissos assumidos anteriormente impossibilitam a maioria de gozar deste grande privilégio. No entanto, cada um de nós, se recebemos ajuda, somos obrigados pela lei da compensação a dar algo em troca, pois, intercâmbio e circulação estão em toda parte em relação direta com a vida, como a estagnação está com a morte.

Estamos conscientes que não é possível ingerir alimento físico e reter o que comemos, e também sabemos que, a menos que a eliminação mantenha o equilíbrio, logo virá a morte. Da mesma maneira, não podemos impunemente nos faltar com uma alimentação mental. Devemos compartilhar nosso tesouro com os outros e empregar nossos conhecimentos nas obras do mundo, ou correr o risco de estagnação no pântano da especulação metafísica.

Nos anos que se seguiram desde a publicação do "*Conceito Rosacruz do Cosmos*", os estudantes têm tido bastante tempo para conhecer e praticar esses ensinamentos. Não mais poderão se desculpar dizendo que não conhecem a filosofia por não disporem de tempo de estudá-la e, em consequência, não poderem explicá-la aos outros. Mesmo aqueles que têm pouco tempo disponível para estudar, devido aos deveres que desempenham no mundo, deveriam estar agora suficientemente posicionados. "*para dar um sentido à sua fé*", como Paulo nos exortou a fazê-lo. Mesmo que não consigamos mostrar a luz a todos que a pedem, devemos tentar fazê-lo a nós mesmos, aos Irmãos Maiores e à humanidade. O desenvolvimento de nossa própria alma depende da participação que possamos dar ao movimento ao qual estamos ligados. Portanto, é conveniente que compreendamos detalhadamente *qual a missão da Fraternidade Rosacruz*.

Isto está inteira e claramente elucidado no capítulo de introdução do "*Conceito*". Resumindo, a missão é dar *uma explicação sobre o problema da vida que irá satisfazer tanto a mente como o coração*. Isso deverá resolver a confusão de duas classes de pessoas que estão tateando nas trevas pela carência deste conhecimento unificador, e que podem ser grandemente elucidadas sobre os objetivos de nossos debates: os eclesiásticos e os cientistas. Referindo-nos aos primeiros, designamos todos os que são guiados por uma sincera devoção ou bondade natural, pertençam ou não a alguma igreja. Quanto aos segundos, incluímos os que encaram a vida de um ponto de vista puramente mental, sejam classificados como cientistas ou não. É propósito e objetivo do "*Conceito Rosacruz do Cosmos*" ampliar o campo de ação espiritual de um número sempre crescente

dessas duas classes que pressentem, com maior ou menor clareza, a falta de algo de importância vital em sua visão da existência.

Devemos lembrar que quando Daví desejou construir um templo a Deus, foi-lhe negado o privilégio porque ele havia sido um guerreiro. Atualmente há organizações que estão sempre combatendo outras organizações, sempre encontrando erros e esforçando-se por destruí-las, guerreando tanto quanto Daví o fez outrora. Com essa mentalidade, elas não têm permissão de construir o templo que é feito de pedras vivas de homens e mulheres, esse templo ao qual o personagem Manson se refere com tão belas palavras no livro "O Servo da Casa" (The Servant in

the House). Portanto, quando tentamos divulgar as verdades dos Ensinamentos Rosacruz, devemos sempre ter em mente que não podemos impunemente depreciar a religião de quaisquer outros nem antagonizá-los. Não é nossa missão lutar contra seus erros, que se manifestarão no devido tempo.

Estão lembrados de que quando Daví morreu e Salomão reinou em seu lugar, este teve uma visão de Deus em sonho e pediu sabedoria? Foi-lhe dada a oportunidade de pedir o que quisesse, e ele pediu sabedoria para guiar seu povo. Na verdade, foi esta a resposta que recebeu: "Porque em teu coração pediste sabedoria, porque não pediste riquezas ou vida longa ou vitória sobre os teus inimigos ou qualquer coisa semelhante, mas pediste sabedoria, ser-te-á concedida essa sabedoria e muito mais do que isso". Portanto, será bom que nos dediquemos a orar sinceramente por sabedoria. Para que possamos reconhecê-la, convém comentar o que ela é verdadeiramente.

Diz-se, e é verdade, que saber é poder. Saber, embora em si mesmo não seja nem o bem nem o mal, pode ser usado tanto para um como para o outro fim. O gênio apenas mostra a propensão para o saber, mas o gênio pode também ser bom ou mau. Falamos de um gênio militar, um que tenha maravilhoso conhecimento de táticas de guerra. Tal homem, porém, não pode ser verdadeiramente bom, pois está destinado a ser impiedoso e destrutivo ao manifestar sua genialidade.

Um guerreiro, seja ele um Napoleão ou um simples soldado, nunca poderá ser sábio, porque deliberadamente deve esmagar todos os bons sentimentos, dos quais tomamos o coração como um símbolo. Por outro lado, um GOVERNADOR SÁBIO TEM UM GRANDE CORAÇÃO, assim como tem uma inteligência superior, para que um equilibre o outro, promovendo o desenvolvimento de seu povo. Mesmo o mais profundo conhecimento sobre assuntos religiosos ou ocultos não é sabedoria, como nos ensina Paulo no seu magnífico 13º capítulo da primeira Epístola aos Coríntios: "Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, se não tiver amor, nada serei". Somente quando o conhecimento se mesclar com o amor é que realmente se converterá em sabedoria, a expressão do princípio de Cristo, a segunda fase da Divindade.

Deveríamos ser muito cuidadosos em diferenciar corretamente esse ponto. Podemos discernir entre o que é vantajoso para alcançar um determinado objetivo e o que o retarda. Podemos optar por sofrimentos presentes visando futuras realizações, mas mesmo nisto não expressamos necessariamente sabedoria. Conhecimento, prudência, discrição e discernimento são próprios da mente; todos, por si só, são tentações do mal, das quais Cristo na oração do Senhor nos ensinou a pedir: "Livrai-nos do mal". Somente quando essas faculdades inatas da mente são

temperadas com a qualidade inata do coração, o amor, essa mescla converte-se em sabedoria. Se lermos o capítulo 13º da primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, substituindo a palavra sabedoria pela palavra caridade ou amor, entenderemos o que é esta grande qualidade e a desejaremos ardentemente.

Portanto, é missão da Fraternidade Rosacruz divulgar uma doutrina que una o intelecto ao coração. Esta é a única verdadeira sabedoria, pois nenhum ensinamento a que falte qualquer destes componentes pode ser chamado sábio, do mesmo modo que não podemos fazer soar um acorde musical com apenas uma corda. Assim como a natureza humana é complexa, assim também os ensinamentos que vão ajudar a limpar, purificar e elevar esta mesma natureza devem ter aspectos múltiplos. Cristo seguiu este princípio quando nos deu aquela prece magnífica que, em suas sete estrofes, atinge a nota-chave de cada um dos sete veículos do homem e os agrupa nesse magistral acorde de perfeição que chamamos Oração do Senhor (Pai Nosso).

Mas como transmitiremos ao mundo esta maravilhosa doutrina que recebemos de nossos Irmãos Maiores? A resposta a esta pergunta é: agora e sempre *vivendo a vida*. Diz-se, para o eterno mérito de Maomé, que sua esposa foi sua primeira discípula, e com toda certeza não foram apenas seus ensinamentos, mas a vida que vivia no lar, dia a dia, ano após ano, que conquistou a confiança de sua companheira, de tal modo que ela não hesitou em depositar rias suas mãos seu destino espiritual. É relativamente fácil permanecer diante de estranhos que desconhecem nossas mazelas e para quem nossos defeitos não são visíveis, e pregar por uma ou duas horas cada semana. Mas é muito diferente pregar vinte e quatro horas por dia dentro do lar, como Maomé deve ter feito vivendo a vida. Se tivéssemos o sucesso em nossa divulgação que ele obteve na sua, deveríamos, cada um de nós, principiar pelo exemplo em casa; começar demonstrando aos que vivem conosco que os ensinamentos que nos guiam são realmente de sabedoria. Diz-se que a caridade começa em casa. Esta é a palavra que deveria ser traduzida por "amor" no 13º capítulo da primeira Epístola aos Coríntios. Mude isto também para sabedoria e leia: *A divulgação da sabedoria começa em casa. Que seja este o nosso lema através dos anos*. Vivendo a vida em *nosso lar*, promoveremos melhor a causa do que por qualquer outro modo. Muitas pessoas céticas se converteram à Fraternidade Rosacruz através da conduta de seus maridos, esposas ou familiares. Possam os demais segui-los.

CAPÍTULO V

O Segredo do Sucesso

Este é um assunto que deve interessar a todos, pois com certeza todos almejam o sucesso. Mas a questão é: o que constitui o sucesso? Talvez cada indivíduo tenha uma resposta diferente para esta pergunta. Mas, se pensarmos um pouco, será evidente que seja qual for o caminho que sigamos em nosso desejo de alcançar o sucesso, esse caminho deve seguir os rumos da evolução da humanidade. Portanto, deve haver uma resposta comum sobre o que constitui o sucesso e qual o seu segredo. Contudo, seria um erro tentar achar a solução deste problema apenas estudando a vida do homem na época presente. Considerando cuidadosamente o que ele foi no passado, e ficando atentos também ao futuro desenvolvimento da humanidade, temos a única maneira de obter a perspectiva necessária para chegar à perfeita resposta para esta questão importante.

Não precisamos entrar em grandes detalhes. Podemos mencionar que, nas épocas anteriores da nossa evolução, quando o homem em formação surgia de um mundo espiritual para sua presente existência material, o segredo do sucesso estava no conhecimento do mundo físico e nas suas condições. Nesse tempo não havia necessidade de falar aos homens sobre o mundo espiritual e sobre nossos veículos mais sutis, pois estes fatos eram patentes para todos. Nós víamos e vivíamos num reino espiritual. Nesse tempo estávamos entrando no mundo físico, portanto, as escolas de Iniciação ensinavam aos pioneiros da humanidade as leis que governam o mundo físico, e os iniciaram nas artes e engenhos com os quais poderiam conquistar o reino material. Desde essa época até uma data comparativamente recente, a humanidade vem trabalhando para aperfeiçoar-se nesses ramos de conhecimento, que atingiram sua mais alta expressão nos séculos imediatamente anteriores à descoberta do vapor. Estão agora em decadência.

A primeira vista, esta parece ser uma afirmação injustificada, mas um exame mais cuidadoso dos fatos irá rapidamente revelar a verdade nela contida. Na chamada Idade Média não, havia fábricas, mas todas as cidades e aldeias possuíam pequenas oficinas onde o dono, às vezes só ou com artesãos e aprendizes, executava as obras do seu ramo, desde a matéria prima até o produto final, desempenhando sua arte e espírito criativo com toda a alma e coração em cada peça que saía de suas mãos. Se fosse ferreiro, sabia como produzir trabalhos ornamentais em ferro para tabuletas, portões e outras peças que iriam constituir as originais belezas dessas cidades e aldeias medievais. Sua obra também não seria olvidada; ao andar pela cidade podia ver este ou aquele ornamento e orgulhar-se de sua beleza; orgulhar-se também por saber que havia conquistado o respeito e admiração de seus concidadãos por seu trabalho artístico e consciencioso. O marceneiro que preparava a estrutura das cadeiras, também as estofava com trabalhos de tapeçaria, cujos desenhos artísticos tentamos agora imitar. O sapateiro, o tecelão e todos os outros artífices, sem exceção, produziam o artigo final desde a matéria prima, e todos se orgulhavam de sua obra. Trabalhavam arduamente por muitas horas, mas não se queixavam, pois todos gratificavam-se ao exercitar sua criatividade. O canto do ferreiro, acompanhado pelo martelo na bigorna, era ouvido por todos e os oficiais e aprendizes não se consideravam escravos mas *mestres em formação*.

Depois veio a época do vapor e da máquina e, com ela, um novo tipo de mão-de-obra. Em lugar da produção de um objeto que era confeccionado por uma só pessoa, desde a matéria prima, o que gratificava seu talento criativo, o novo plano preparava os homens para cuidarem das máquinas que apenas faziam parte dos produtos finais. Depois, essas partes eram montadas por outros. Embora este plano diminuísse o custo da produção e aumentasse o rendimento, não deixava campo para o instinto criativo de um homem. Ele se transformou meramente em um dente da engrenagem de uma grande máquina. Na loja medieval, o dinheiro era, na verdade, pouco considerado; o prazer de produzir era tudo; o tempo não importava. Mas sob o novo sistema, o homem começou a trabalhar *por dinheiro e contra o tempo*, daí resultando que as almas dos mestres, assim como as dos homens ficaram insaciáveis. Perderam o essencial e conservaram apenas a sobra daquilo que torna a vida digna de ser vivida, pois estão trabalhando por algo que não poderão usar nem desfrutar. Isto se aplica tanto ao mestre como aos homens.

Que diríamos de um jovem que se propusesse a acumular um milhão de lenços que nunca poderia usar? Com certeza o considerariamos um tolo; e por que não colocarmos na mesma categoria o homem que gasta todas as suas energias e se priva de todos os confortos da vida para tornar-se um milionário? Este sistema não pode continuar, pois ele está dando ao homem uma pedra quando este pede pão, e deve estar reservando outro tipo de desenvolvimento para ele. Novos critérios devem estar sendo processados, novos ideais devem estar surgindo para ampliar nossa visão. Sobre a tendência da evolução devemos observar os que dentre nós são melhor dotados e inspirados, como os poetas e videntes. James Russell Lowell emite talvez a nota mais clara em sua Visão de Sir Launfal. Um cavaleiro deixando seu castelo, imbuído do desejo de realizar grandes e corajosos feitos para Deus, vai juntar-se aos Cruzados e procurar o Santo Graal na distante Palestina. Deixa seu castelo satisfeito consigo mesmo, orgulhoso, arrogante, voltado para sua missão. No portão do palácio encontra um pobre mendigo, um leproso, que estende a mão pedindo uma esmola. Sir Launfal não tem compaixão, mas, para ver-se livre daquela coisa repugnante, atira uma moeda de ouro e procura esquecê-lo.

Mas o leproso não ergueu o ouro do pó e disse:

"Melhor para mim é a côdea de pão que o pobre me dá,
e melhor sua mão que me abençoará,
ainda que de mãos vazias de sua porta me deva afastar.

As esmolas que só com as mãos são ofertadas,
não são as verdadeiras.

Inúteis são o ouro e as riquezas dadas
apenas como um dever a cumprir.

A mão, porém, não consegue a esmola abarcar,
quando vem daquele que reparte o pouco que tem,
que dá o que não é possível visualizar.

- esse fio de beleza que tudo sabe unir,
que tudo sustenta, penetra e mantém -

O coração ansioso estende a mão
quando Deus acompanha a doação,
alimentando a alma faminta,
que sucumbia só na escuridão".

Mas, e Sir Launfal? Com esse modo de pensar poderia esperar alcançar sucesso e encontrar o Graal? É claro que não. Só encontra decepção sobre decepção e, por fim, retorna a seu castelo, desalentado e com o coração humilde. Aqui, depara-se novamente com o leproso, mas, ao vê-lo,
"Seu coração era só cinza e pó.

Ele partiu em duas, sua única côdea de pão,
ele quebrou o gelo da beira do córrego
e ao leproso deu de comer e beber pela mão".

Tendo cumprido seu ato de misericórdia, recebeu a recompensa:

"Não mais o leproso ao seu lado se curvava Mas, à
frente dele, glorioso se levantava".

E a voz, ainda mais doce que o silêncio, disse:

"Vê, Sou Eu, não temas!
Na busca do Santo Graal, em muitos lugares
Gastaste tua vida, sem nada lucreres.

Olha! Ei-lo aqui: o cálice que acabaste de encher

com a límpida água do regato que Me deste de
beber.

Esta côdea de pão é Meu corpo
que foi para ti partido.

Esta água é Meu sangue
que na cruz por ti foi vertido.

A Santa ceia é mantida, na verdade,
Por tudo que ajudamos o outro em sua necessidade.

Pois a dádiva só tem valor
quando com ela vem o doador
e a três pessoas ela alimenta assim:
ao faminto, a si própria e a Mim".

Nestas palavras está o segredo do sucesso, que consiste em fazer as pequenas coisas, talvez algumas aparentemente desagradáveis que estão próximas de nossas mãos, em lugar de ir longe à procura de fantasmas quiméricos que nunca se transformarão em algo definido e tangível.

Que representa para nós o que foi relatado anteriormente? Ainda uma vez podemos obter a resposta de um poeta, Oliver Wendell Holmes, que nos fala do pequeno náutilo. Primeiro ele constrói uma concha, suficientemente grande para abrigá-lo. À medida que vai crescendo, constrói outro compartimento maior que passa a ocupar até o período seguinte do crescimento, e assim por diante até construir uma concha em espiral, tão grande quanto possa, e depois a abandona. Esta idéia ele a transmite nas seguintes estrofes:

"Oh, Minh'alma! Constrói para ti mansões mais
majestosas,
enquanto as estações passam ligeiramente!

Abandona o teu invólucro finalmente;
Deixa cada novo templo, mais nobre que o
anterior,
com cúpula celeste, com domo bem maior,
e que te libertes, decidida
largando tua concha superada nos agitados mares
desta vida!"

Quando atingirmos este ponto, teremos alcançado o sucesso - todo o
sucesso que podemos conquistar em nosso mundo atual - e estaremos
entrando numa nova esfera de melhores oportunidades.

CAPÍTULO VI

A Morte da Alma

De tempos em tempos, aparentemente seguindo uma lei de periodicidade, as mesmas dificuldades surgem inesperadamente na mente dos estudantes. De diferentes partes do mundo, ao mesmo tempo, chegam cartas pedindo informações sobre um assunto, em outra ocasião sobre outro, mas depois de anos os mesmos assuntos ressurgem. Enquanto é dada a resposta aos que perguntam, pode ser que haja muitos outros interessados no mesmo assunto e ao mesmo tempo; daí esta lição sobre a morte da alma que parece tanto preocupar a mente, talvez porque a morte do corpo seja tão comum e freqüente.

Há alguns anos atrás, publicamos uma lição sobre "O Pecado Imperdoável e Almas Perdidas", com relação aos sacramentos que então explicávamos. Dissemos que todos os sacramentos têm relação com a transmissão dos átomos-semente que formam o núcleo de nossos vários corpos. O germe de nosso corpo terrestre deve ser corretamente colocado em solo fértil para formar um veículo denso apropriado e, por essa razão, como está escrito no Gênesis, 1:27, "Eloim criou o homem varão e fêmea". As palavras hebraicas são *Sacr* va *N'cabah*. Estes são os nomes dos órgãos sexuais. Em tradução literal *Sacr* significa o portador do germe, portanto, *casamento* é um *sacramento*, pois abre o caminho para a transmissão do átomo-semente físico do pai para a mãe e cuida de preservar a raça contra a destruição da morte. Finalmente, a *extrema unção* é o *sacramento* que caracteriza o rompimento do Cordão Prateado e a extração do germe sagrado, até que seja novamente plantado em outra *N'cabah*, ou mãe.

Como-a semente e o óvulo são a raiz e a base de um desenvolvimento racial, é fácil perceber que nenhum pecado pode ser tão sério quanto o que abusa da função criadora, pois por este sacrilégio impedimos o crescimento de futuras gerações e transgredimos contra o Espírito Santo, Jeová, que é o guardião da criativa força lunar. Seus anjos anunciam nascimentos, como no caso de Isac, João Batista e Jesus. Quando Ele quis recompensar Abraão, Seu mais fiel seguidor, prometeu-lhe que sua descendência seria tão numerosa como as areias da praia. Ele também puniu terrivelmente os Sodomitas que cometeram sacrilégio usando incorretamente a função criadora, e o pecado de Onã, que a desperdiçava, é também indicação no mesmo sentido.

A Bíblia relata que o homem estava proibido de comer da árvore do Conhecimento sob pena de morrer. Mas, em vez de esperar pacientemente pelas condições interplanetárias propícias, Adão conheceu Eva e, desde então, ela deu à luz a seus filhos com dores, sofrimentos e sujeitou-os à morte prematura. Portanto, o abuso desta sagrada função para gratificação da natureza passional, e particularmente por perversão, é reconhecido pelos esotéricos como o pecado imperdoável. É a isto que se refere James, quando diz: "Há um pecado mortal. Não digo que deveis rezar para isso".

Investigações ocultas provaram neste caso, assim como em todas as outras formas de comunicação, que Deus e a natureza são muito mais clementes e misericordiosos para com o homem, do que o homem para com seus iguais. Embora a punição justa aplicada aos que viveram uma vida de pecados e vícios tenha sido realmente severa em todos os casos, nada ocorre tão sério como a "morte da alma". Tanto quanto é do nosso conhecimento, *apenas o Mago Negro abusa conscientemente da força criadora para propósitos malévolos*, e enfrenta algo tão terrível como o subentendido na

frase acima. Realmente não haveria necessidade de abordar o assunto, a não ser porque projeta uma luz sobre outros temas valiosos para o estudante.

Para bem entender isto devemos relembrar as precisas definições dos termos espírito, alma e corpo dadas no "Conceito Rosacruz do Cosmos". Lá se diz que no princípio da manifestação do Espírito Virginal, uma centelha do Divino envolveu-se em um tríplice véu de espírito-matéria e tornou-se o Ego.

O espírito tríplice moldou uma sombra tríplice no reino material, e assim o *corpo denso* desenvolveu-se como uma contraparte do Espírito Divino, o *corpo vital* como uma réplica do Espírito de Vida, e o *corpo de desejos* como a imagem do Espírito Humano. Finalmente, e o que é mais importante, formou-se o elo da mente entre o tríplice espírito e seu tríplice corpo. Esse foi o princípio da consciência individual, e marca o ponto onde a involução do espírito na matéria termina e começa o processo evolucionário pelo qual o espírito se retira da matéria. A involução envolve a cristalização do espírito em corpos, mas a evolução depende da dissolução dos corpos, da extração da substância da alma de dentro deles, e da amalgamação alquímica desta alma com o espírito.

No começo da evolução, o homem era constituído apenas de espírito e corpo - não tinha alma - mas, desde então, cada vida vivida na Terra, na grande escola da experiência, tornou-o mais e mais sensível, conforme o uso que fez de suas oportunidades. Isto se verifica nas diferentes gradações entre o selvagem e o santo que vemos ao nosso redor. É a perda da alma que está implicada na experiência que descrevemos como a morte da alma. É claro que o verdadeiro espírito nunca pode morrer, sendo ele uma centelha do Divino sem princípio nem fim. Como falar na morte da alma e qual o verdadeiro sentido da palavra? Este é um assunto sobre o qual o autor não gosta de repisar, mas como lança uma importante luz para o avanço espiritual, recordaremos alguns fatos.

Vimos que o tríplice espírito projetou um tríplice corpo e que o objetivo da evolução é a extração da tríplice alma deste tríplice corpo e a amalgamação com o tríplice espírito. Prestem atenção sobre esta parte, pois é o ponto crucial de todo o assunto, uma importante e valiosa informação que ajudará os estudantes a entender mais profundamente tudo que já ficou dito aqui. Fala-se muito na literatura ocultista sobre "*O Caminho*", e, embora o iniciado já tenha recebido afirmações abundantes do que é isto e onde está, esta informação nunca foi dada antes ao estudante exotérico. Paulo diz que estar mentalizado na carne é a morte, mas estar espiritualmente mentalizado é vida e paz. Esta é a verdade exata, pois a *mente é o elo entre o espírito e o corpo, é o caminho ou ponte, o único meio de transmissão da alma para o espírito*. Enquanto o homem estiver mentalizando a matéria e dirigindo sua atenção para os sucessos mundanos, acalentando como sua nota tônica o provérbio: "Vamos comer, beber e divertir-nos, pois amanhã morreremos", todas as suas atividades estarão centralizadas na parte inferior do seu ser, a personalidade, e ele vive e morre como os animais, inconsciente das reservas magnéticas do espírito. Entretanto, chega uma ocasião em que os anseios do espírito são sentidos e a personalidade vê a luz e propõe-se a atingir seu Eu Superior através da ponte da mente. E como a carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, o corpo é crucificado para que a alma possa ser libertada e juntar-se ao seu Pai no Céu, o tríplice espírito, o Eu Superior.

A tendência geral é para que o superior eleve o inferior. Mas, infelizmente, há exemplos do oposto, onde a personalidade inferior se torna tão forte em seu materialismo e onde a mente se mostra tão fortemente enredada com os veículos inferiores, que a personalidade se recusa a sacrificar-se pelo espírito, resultando *que a ponte da mente finalmente se quebra*. A personalidade sem alma pode continuar a viver por muitos anos depois que esta separação se efetuou, e pode executar os mais violentos atos de crueldade e astúcia até sucumbir. Magia Negra envolvendo o uso pervertido da semente obtida de outros, geralmente é usada por essas personalidades desalmadas com o propósito de satisfazer seus desejos demoníacos. Frequentemente, eles obtêm poderes numa nação ou numa sociedade, que depois se comprazem em destruir.

Enquanto isso, o espírito permanece desnudo; não tem átomos-semente com os quais possa construir corpos adicionais e, então, automaticamente, gravita para o planeta Saturno e depois para o Caos; onde deve permanecer até a aurora de um novo dia de criação. A primeira vista, pode parecer injusto que o espírito seja assim condenado a sofrer, embora não tenha cometido qualquer perversidade, mas, por outro lado, compreendemos que, sendo a personalidade uma criação do Eu Superior, a responsabilidade existe e não pode ser evitada. Felizmente, porém, esses casos são cada vez mais raros à medida que avançamos no caminho da evolução. Apesar disso, é necessário que todos se voltem seriamente para esse objetivo, para que a luz no caminho que leva ao nosso ideal espiritual, a união com o Eu Superior, resplandeça cada vez mais.

CAPÍTULO VII

O Novo Sentido da Nova Era

No fim da Idade de Taurus, há mais ou menos 4.000 anos atrás, o "Povo de Deus" fugiu da ira que ia cair sobre o Egito, a terra onde esse povo adorava o touro. Era guiado, em sua fuga rumo à terra prometida, por Moisés, cuja cabeça em antigas representações esotéricas está adornada com chifres de carneiro, simbolizando o fato de que era o precursor dos 2.100 anos da Época Ária, durante os quais, em cada manhã de Páscoa, o Sol vernal tingia de vermelho as soleiras das portas como se fosse o sangue da ovelha quando passa pelo Equador na constelação (não no signo) do Carneiro, Aries. De igual modo, quando o Sol, por precessão, se aproximava da constelação aquosa de Pisces, os Peixes, João mergulhava nas águas do Jordão os convertidos à religião Messiânica, e Jesus chamava seus discípulos de "pescadores" de homens. Assim como a "ovelha" foi sacrificada na Páscoa enquanto o Sol passava pela constelação de Aries, o Carneiro, também os fiéis, em obediência aos mandamentos de sua igreja, alimentavam-se de peixe durante a Quaresma no atual ciclo de Pisces, os Peixes.

Na época em que o Sol, por precessão, deixou a constelação de Taurus, o Touro, o povo que adorava esse animal foi considerado pagão e idólatra. Um novo símbolo do Salvador ou Messias foi encontrado no cordeiro, que correspondia à constelação de Aries. Mas quando o Sol, por precessão, deixou esse signo, o judaísmo passou a ser uma religião do passado. Desde então, os bispos da nova religião Cristã usaram uma mitra com a forma de uma cabeça de peixe para indicar sua posição como ministros da igreja durante a Era de Pisces, que agora está chegando ao seu final.

Considerando o futuro pela perspectiva do passado, é evidente que uma nova era deverá iniciar-se quando o Sol transitar pela constelação de Aquarius, o Portador da água, daqui a algumas centenas de anos. A julgar pelos acontecimentos do passado, é razoável esperar-se que uma nova fase religiosa suplantará nosso presente sistema, revelando maiores e mais nobres ideais do que a nossa presente concepção da religião Cristã. Portanto, é certo que, se nesse dia não formos incluídos entre os idólatras e pagãos, devemos cerrar fileiras com estes novos ideais.

João Batista pregou o evangelho da preparação, sem palavras ambíguas, advertindo o povo que o machado deve ser colocado na raiz da árvore. Advertiu-os também para fugir da ira que se aproximava quando chegasse o Filho de Deus (o Sol), para separar o trigo do joio e queimá-lo. Cristo comparou o evangelho ao fermento que leveda uma medida de farinha.

A primeira vista, o método de João parece ser muito mais drástico, colocando o machado na base de toda a estrutura social, enquanto o processo de levedura mencionado por Cristo parece ser mais suave. Mas, na realidade, é mais severo e drástico, como tornar-se-á evidente se observarmos cuidadosamente o que acontece quando preparamos o pão. É uma revolução química, uma guerra em miniatura, envolvendo uma completa transformação de cada átomo de farinha. Nenhum escapa à ação do fermento, e há um som como de um contínuo canhoneiro, explosões de bombas e granadas, até que a força do fermento se esvai e a massa fica esponjosa. Mas, esta guerra dos átomos, esta revolução química, é absolutamente indispensável na fabricação do pão, pois se fosse omitido o processo da fermentação, o resultado seria um produto pesado, intragável, indigesto.

E a transformação processada pelo fermento que torna o pão saudável e nutritivo.

O processo de preparação para a Era de Aquarius já começou, e como se trata de um signo aéreo, científico e intelectual, conclui-se inevitavelmente que a nova fé basear-se-á na razão, e será capaz de resolver o mistério da vida e da morte de maneira a satisfazer tanto a mente como o sentimento religioso.

Tal é a Sabedoria da Religião Ocidental divulgada pela Fraternidade Rosacruz que, como o fermento no pão, está dissipando o medo da morte. Está demonstrando que a vida e a consciência continuam sob leis tão imutáveis como Deus, as quais tendem a elevar o homem à condições de espiritualidade

cada vez mais elevadas, nobres e sublimes. Acendem o farol da luz da esperança no coração humano assegurando que, por termos no passado desenvolvido os cinco sentidos pelos quais contactamos o atual mundo visível, poderemos num futuro não muito distante, desenvolver um outro sentido que nos possibilitará ver os habitantes das regiões etéricas, bem como os nossos entes queridos que abandonaram os corpos físicos e habitam o éter e o mundo dos desejos inferiores durante o primeiro estágio no reino espiritual. A missão de Aquarius está representada apropriadamente pelo símbolo do homem esvaziando o cântaro d'água.

Aquarius é um signo aéreo regendo especialmente o éter. O Dilúvio tornou o ar parcialmente seco, depositando a maior parte de sua umidade no mar. Mas quando o Sol entrar em Aquarius, por precessão, o restante da umidade será eliminado e as vibrações visuais, transmitidas mais facilmente numa atmosfera etérica seca, serão mais intensas. Assim, as condições serão particularmente propícias para produzir a ligeira extensão de nossa atual visão, necessária para abrir os nossos olhos à região etérica. O aparecimento de sensitivos na Califórnia é um exemplo desse efeito de uma atmosfera seca e elétrica, embora não tanto como será na Era de Aquarius.

A fé será complementada pelo conhecimento, e todos poderemos lançar o brado triunfal: "Oh! morte, onde está teu aguilhão? Oh! tumba, onde está tua vitória?" Mas é mister compreender que, pela aspiração e meditação, aqueles que esperam ansiosamente por esse dia não devem deixar a oportunidade escapar, podendo facilmente superar seus companheiros que estão inconscientes do que lhes está reservado. Por outro lado, estes últimos podem retardar o desenvolvimento da visão acreditando que -estão sofrendo de alucinações quando começarem a ter os primeiros vislumbres das entidades etéricas, temendo ser considerados loucos se contarem o que viram.

Portanto, a Fraternidade "a cruz foi incumbida pelos Irmãos Maiores da missão de promulgar o Evangelho da Era Aquariana e de dirigir uma campanha educativa e iluminadora para que o mundo se possa preparar para o que lhe está reservado. O mundo deve ser fermentado com as seguintes idéias:

(1) As condições na terra dos mortos que vivem não estão envoltas em mistério, mas o conhecimento delas é tão válido como o sabermos algo a respeito de países estrangeiros através das descrições dos viajantes.

(2) Encontramo-nos próximos do limiar onde conheceremos estas verdades.

(3) O mais importante é apressarmos o dia, em nosso caso pessoal, por meio do conhecimento dos fatos concernentes à existência "post-mortem" e às coisas que podemos esperar ver. Então, saberemos o que procurar, e quando começarmos a obter vislumbres dessas coisas não teremos medo, não nos surpreenderemos e não mais seremos incrédulos.

Embora esse desenvolvimento seja maravilhoso, ele vem acompanhado de uma grande responsabilidade. Os estudantes devem compreender que uma séria responsabilidade é inerente à posse do conhecimento, porque "a quem muito é dado, muito será exigido". Se enterramos nosso talento, não devemos esperar uma merecida condenação? A Fraternidade Rosacruz poderá cumprir sua missão somente quando cada membro fizer a sua parte, difundindo os Ensinamentos e vivendo a vida. Portanto, esperamos que isto alerte os estudantes quanto aos seus deveres individuais.

A visão etérica é semelhante ao Raio X, que capacita a quem a possui ver através dos objetos, mas ela é ainda muito mais poderosa e torna tudo transparente como o vidro. Sendo assim, na Era de Aquarius muitas coisas serão diferentes, por exemplo, será muito fácil estudar anatomia e detectar um tumor maligno, uma luxação ou um estado patológico do corpo. Atualmente, médicos eminentes pesarosamente admitem que seus diagnósticos muitas vezes estão errados, como se observa por exames feitos depois da morte do paciente. Mas, quando tiverem desenvolvido a visão etérica, serão capazes de estudar tanto a estrutura anatômica como o processo fisiológico, sem obstáculos.

A visão etérica não nos capacitará a ler o pensamento dos outros, pois ele é formado de matéria mais sutil ainda, porém, ser-nos-á impossível levar uma vida dupla e agir em nossas casas diferentemente do que o fazemos em público. Se soubéssemos que entidades invisíveis freqüentam as nossas casas, ficaríamos envergonhados das coisas que fazemos, mas, na Era de Aquarius, não haverá privacidade que não possa ser violada por quem nos quiser observar. Não adiantará mandar a criada dizer a uma visita indesejável que "não estamos". Isto significa que na Nova Era a honestidade e a retidão serão as únicas condutas válidas, pois não poderemos agir mal e esperar fugir ao è ermos descobertos. Haverá, tanto como agora, pessoas cujas características básicas levá-las-ão ao caminho da maldade, mas serão pelo menos reconhecidas e assim poderão ser evitadas.

O estudante pode tecer conjecturas sobre outras condições resultantes da ampliação da visão que ocorrerá na Era Aquariana: Vivendo o mais próximo possível essa realidade, estará em posição de tornar-se um dos pioneiros dessa era, quando "não haverá noite", e a "árvore da vida" florescerá constantemente pelo etérico "mar de vidro" transparente, que impregna todas as coisas.

CAPÍTULO VIII

O Povo Escolhido de Deus

Quando estudamos a história dos Hebreus, como está descrita na Bíblia e em relatos da Idade Média e Moderna pelos vários povos que habitam o mundo ocidental, um fato incontestável se destaca com grande clareza. Eles foram conduzidos ao exílio e à escravidão, odiados em todos os países por onde se espalharam e perseguidos em qualquer parte onde a característica das nações, nas quais viviam, permitia recorrer a essas medidas. De acordo com a Bíblia e respeitada "a Palavra de Deus" pelos povos ocidentais, os judeus são "o povo escolhido de Deus" num sentido especial. Mesmo assim, entre essas mesmas nações, os judeus são menosprezados. Quando investigamos a razão dessa tragédia, dois fatos relevantes se apresentam:

(1) Em toda a parte os judeus proclamaram-se "o povo escolhido de Deus", destinados por escolha divina a se tornarem com o tempo os senhores do mundo, a quem todas as nações terão finalmente de prestar homenagem e tributo.

(2) Seu procedimento com os não judeus quase que invariavelmente se caracteriza pela astúcia e, na mente popular, o personagem Shyloc, de Shakespeare, cobrando seu "meio quilo de carne" corrobora o conceito geral sobre sua natureza.

Assim, inconscientemente, estabeleceu-se na mente de outros povos um ressentimento contra a pretensão dos judeus de se considerarem os filhos divinamente favorecidos de Deus e de classificarem os demais como enteados, pagãos e idólatras, que aguardam o dia da ira quando Israel virá triunfalmente governá-los com bastão de ferro. Esse ressentimento se acentua pela observação dos hábitos atuais dos judeus.

Se os judeus tivessem justificado a sua pretensão de serem os favoritos da divindade por vidas nobres e conduta elevada, provavelmente teriam atraído a admiração de muitos dos povos com os quais têm estado em contato. Se tivessem despertado em alguns o espírito da emulação, mesmo aqueles que invejavam suas convicções, provavelmente seriam mais respeitados. Mas, por ser sua crença tão elevada e seus hábitos tão discordantes com ela, é lamentável, mas não admira, que sejam perseguidos por tantos.

Advertimos os estudantes para não considerarem o exposto como uma crítica aos judeus. É errado comentar as faltas alheias e criticá-las, a não ser que se tenha em vista um fim construtivo. É sempre fácil notar o cisco no olho de nosso próximo, mas é muito mais fácil ignorar uma trave no nosso próprio. A razão para abordarmos o assunto dos judeus com suas crenças elevadas e seus hábitos discordantes, é para perguntar se, procurando com a lanterna o cisco em seus olhos, não encontraremos a trave nos nossos. Se assim for, teremos conseguido algo realmente valioso, colocando-nos em posição de remover essa trave.

Enquanto vivermos ao nível do mundo, fazendo as coisas que os outros fazem, boas, más e indiferentes, ninguém toma conhecimento de nós, mas, no momento em que, como os judeus, afirmamos que somos diferentes, a sociedade imediatamente escolhe-nos como objetos de observação para avaliar a coerência entre nossas crenças e nossas ações. Seremos observados onde estivermos e o que quer que façamos. Portanto, uma grande

responsabilidade pesa sobre nós, para que desempenhemos bem os nossos deveres, justificando assim os Ensinamentos de nossos Irmãos Maiores e estimulando no próximo o desejo de abraçar esta filosofia.

Por isso, devemos parar e avaliar nossos atos e realizações no ano passado. Depois, tomemos as resoluções que julgarmos necessárias para tornar o futuro mais proveitoso do ponto de vista da alma.

Em primeiro lugar, devemos reconhecer que fomos especialmente agraciados, muito além de nossos merecimentos, em receber de nossos Irmãos Maiores os Ensinamentos Rosacruz. Esperamos ter-lhes expressado a nossa gratidão durante todo o ano que passou, e mandemo-lhes, neste momento, especiais pensamentos de carinho e gratidão. Não é preciso dizer que eles não necessitam da nossa gratidão, pois estão acima disso, mas, sendo gratos, progrediremos espiritualmente.

Avaliemos como aproveitamos esses ensinamentos preciosos no ano passado: temos tratado com justiça nosso próximo? Esforçamo-nos por controlar nosso temperamento, desenvolver nosso equilíbrio, e superar qualquer que seja nossa falha preponderante?

Quanto sucesso obtivemos? Esperemos que nossas conquistas tenham sido pelo menos razoáveis, pois como a sinceridade das elevadas crenças dos judeus tem sido julgada pela sua atuação, do mesmo modo, certos ou errados, os Ensinamentos dos Irmãos Maiores serão avaliados na comunidade pelos atos dos que se confessam seus seguidores.

No entanto, há uma conclusão que teremos de admitir no final de nossa retrospectiva. Estamos muito aquém dos sublimes ideais que nos foram apresentados. E sempre um momento crítico quando nosso caminho espiritual corre risco de soçobrar nos rochedos da pusilanimidade, isto é, se tivermos o temperamento de ficar chocados ou exagerar um fracasso. Tal atitude mental antecipa o desastre, pois rouba-nos a vontade de vencer, leva-nos a acreditar que não vale a pena lutar, que as desvantagens contra nós são muito grandes. Encontramos desculpas no antagonismo dos amigos e da família sobre nossas crenças, nos deveres que nos ocupam o tempo, etc. Mas, na verdade, o problema está dentro de nós e, se cedermos, vamos constatar que nossos amigos irão desprezar-nos, embora não o demonstrem abertamente como o fazem no caso dos judeus.

Ao contrário, longe de fazer-nos abandonar o caminho do progresso, nossos fracassos deveriam servir como incentivos para esforços maiores, e deveríamos tomar nossas resoluções com maior determinação, para que no próximo ano sejamos invencíveis.

Todos conhecem seus próprios defeitos, "o pecado que tão facilmente nos domina" e, naturalmente, cada qual deve formular as suas próprias resoluções. Mas, para conseguir cumpri-las, para que sejam benéficas para o crescimento de nossa alma e nos ajudem a tecer o *Dourado Manto Nupcial*, será de muita ajuda fixarmos nossos olhos e pensamentos em alguém que possua a virtude que estamos procurando cultivar. Temos um magnífico exemplo em Cristo, que "foi tentado de todos os modos como nós, porém, não cometeu pecado". Tenhamo-Lo bem perto de nós durante o próximo ano, e certamente nossa alma crescerá muito. Esta será também a melhor divulgação que poderemos fazer dos Ensinamentos Rosacruz, pois é vivendo de acordo com eles que poderemos despertar nos outros o desejo de partilhar de suas bênçãos.

CAPÍTULO IX

Luz Mística na Guerra Mundial (1914-1918)*Parte I - Fontes Secretas*

Os estudantes dos Ensinamentos Rosacruz sabem muito bem que nós como espíritos somos imortais, sem princípio e sem fim; que já estivemos na grande escola da experiência da vida muitos dias no passado, cada vez revestidos de um novo corpo melhor constituído, no qual vivemos por determinado tempo variando desde algumas horas até uma vida longa.

Quando um dia da escola da vida se completa, descartamo-nos desse invólucro mortal desgastado e decrépito, e retornamos ao nosso lar celestial para repouso e assimilação das lições aprendidas. Mais tarde, renascemos e retomaremos nossas lições onde as deixamos no período anterior da escola da vida, quando fomos chamados de volta ao lar.

Durante cada dia dessa escola, encontramos outros espíritos e estabelecemos laços de amor e ódio. Em vidas futuras encontrar-nos-emos novamente, para que as dívidas do destino, então contraídas, possam ser liquidadas. Assim, nossos amigos de hoje são aqueles com quem travamos amizade na vida anterior, e nossos inimigos são aqueles com quem nos indispusemos no passado esquecido. Desse modo, estamos continuamente tecendo a teia do destino no tear do tempo e criando, para nós mesmos, um manto de glória ou de trevas, conforme tenhamos agido bem ou mal.

Mas nós não realizamos apenas nosso destino *individual*, pois como diz o provérbio: "Nenhum homem vive só". Somos agrupados em famílias, tribos, raças e nações e, além de nosso destino individual, estamos unidos pelos destinos de família e de nação, porque estamos sob a guarda dos Anjos e Arcanjos que atuam respectivamente como espíritos de família e de raça. São estes grandes espíritos que fixam em nossos átomos-semente a forma racial e as características do corpo físico. Eles também implantam nos átomos-semente de nossos mais refinados veículos, as simpatias e ódios nacionais, porque o espírito de raça paira como uma nuvem sobre a terra habitada por seus tutelados, que absorvem dessa atmosfera as matérias para seus corpos mais sutis. Verdadeiramente, eles vivem, movem-se e formam seus seres neste espírito de raça. Disto são formados seus veículos. Sim, em cada sopro, eles respiram este espírito de raça, sendo totalmente verdadeiro o fato deste sentimento estar mais próximo deles do que seus pés e mãos. É este espírito de raça que os impregna de amor ou ódio por outras nações, determinando assim o relacionamento inamistoso e desconfiado que predomina entre certos povos, e a confiança e amizade existentes entre outros.

Segundo os Ensinamentos Rosacruz, todo espírito renasce duas vezes durante o tempo que o Sol, por precessão, transita por um signo do zodíaco, uma vez como homem e outra como mulher. Isso acontece para que possa ter as experiências que são adquiridas nesse signo, do ponto de vista de ambos os sexos. Há muitas exceções a esta regra, de acordo com as necessidades individuais do espírito, pois a lei não é cega, mas está sob a administração de grandes seres chamados os Anjos do Destino na terminologia cristã, que têm a obrigação de zelar pelo Relógio do Destino e verificar quando a ocasião é propícia para colher a safra do passado. Isso se aplica tanto para indivíduos como para nações. Portanto, se estudarmos as características das nações recentemente empenhadas numa luta titânica, bem como os objetivos pelos quais estão lutando, e

lançarmos um olhar retrospectivo pelas páginas da história, não há necessidade do dom da visão nem mesmo o da intuição para localizar e ver como as fontes da recente guerra foram geradas num passado distante.

Sugerem os historiadores que os filhos de Albion são uma reencarnação dos antigos romanos. Sob a luz das investigações ocultistas não é a verdade completa, pois há muitas raças estranhas presentes. Mas, elas têm-se mesclado com a raça dominante, podendo-se quase dizer que isso constitui um fato.

Recordemos a história de Roma e lembremos que o espírito democrático, depois do reinado dos sete primeiros reis, manifestou-se pela formação de uma república. Então, iniciou-se uma guerra de conquista para obter o domínio do mundo e, no decurso dessas operações militares, houve luta contra Cartago numa violenta disputa pelo domínio do Mar Mediterrâneo. Para expandir-se para o oeste, os romanos lutaram para expulsar os cartagineses da Sicília. Nessa época, Cartago era uma grande potência marítima, mas foi vencida pelos romanos em 260 A.C. em seu próprio elemento. Em seguida a esta vitória, Roma levou a guerra para a África e no princípio foi bem sucedida, mas Régulo, o cônsul que lá ficou, foi derrotado e feito prisioneiro. Seguiu-se uma série de desastres navais para Roma, e Cartago esteve na iminência de ganhar mais do que havia perdido na Sicília. Foi quando Tétulus, o cônsul romano, obteve outra vitória decisiva sobre os cartagineses em 241 A.C., e, em consequência, procedeu a evacuação da Sicília e ilhas adjacentes. Este foi o fim da primeira Guerra Púnica que durou vinte anos.

Mas Cartago não seria conquistada tão facilmente. Considerando Roma um real adversário no mar, retomou as hostilidades adquirindo uma posição segura na Espanha. O grande general cartaginês, Aníbal, que odiava Roma profundamente, tentou sua conquista durante a segunda Guerra Púnica declarada em 218 A.C. Seus planos, elaborados em segredo, foram executados com rapidez nunca vista. Cruzou os Pirineus da Espanha para a França, lutou através dos Alpes contra todos os obstáculos, e invadiu a Gália Cisalpina com apenas 26.000 sobreviventes de seu exército de 59.000 homens. Depois de várias derrotas dos romanos, sobreveio a grande batalha de Cannas em 216 A.C., onde a vitória de Aníbal foi completa. A Macedônia e a Sicília uniram-se aos conquistadores e Aníbal avançou até a porta das colinas de Roma. Considerando essa cidade muito poderosa, recuou para o sul da Itália onde foi derrotado e Cartago viu-se obrigada a pedir a paz. Roma tornou-se a senhora do Mediterrâneo.

Mas o ódio de Aníbal não arrefeceu, e quando ele e seus compatriotas, os cartagineses, renasceram na Prússia, os antigos romanos, como senhores dos mares, ocupavam as Ilhas Britânicas e era inevitável que com o tempo um grande conflito acontecesse. Como as antigas Guerras Púnicas geraram o recente conflito, também esta guerra, no seu devido tempo, trará a renovação da luta, a não ser que demonstremos um espírito de bondade ao tratar com o adversário vencido, ao invés de tratá-lo como fez Roma no passado, sem misericórdia, nem consideração. O poder de agredir os outros deve ser eliminado dos militaristas dessas nações. E absolutamente imperativo que o mundo seja salvo da repetição dessa catástrofe. *As medidas tomadas para assegurar este desejável fim deveriam ser tais, que não só garantissem a paz para a vida atual como também para as futuras vidas, quando encontraremos, com outra aparência, aqueles com os quais estivemos recentemente em guerra.*

Deveria ser feita justiça, mas deveria ser equilibrada com clemência para evitar a perpetuidade do ódio. Portanto, são erradas as medidas severas como, por exemplo, o boicote industrial. Bastaria que as nações envolvidas tivessem apenas uma parcela justa do comércio mundial. A nova nação americana, ainda não dominada por qualquer espírito racial, vê com maior imparcialidade e portanto com maior clareza do que qualquer outra, o que é correto. Esperemos que as idéias americanas de justiça prevaleçam. Lembremo-nos de que um erro nunca poderá corrigir e justificar outro, e que devemos viver e deixar viver.

CAPÍTULO X

Luz Mística na Guerra Mundial (1914-1918)*Parte II - Seu desenvolvimento sob o ponto de vista espiritual*

Esta afirmação pode parecer estranha, entretanto, a verdade é que a maioria da humanidade está adormecida uma grande parte do tempo, apesar de seus corpos físicos parecerem estar intensamente ocupados em trabalho ativo. Sob condições comuns, o corpo de desejos dessa maioria é a parte mais desperta do homem composto, que vive quase inteiramente de seus sentimentos e emoções, mas raramente se preocupa com os problemas da existência além do que necessita para manter juntos o corpo e a alma. Muitos talvez nunca tenham considerado seriamente o sentido da vida e nunca se perguntaram: "De onde viemos, por que estamos aqui, e para onde vamos?" Seus corpos vitais estão em constante atividade reparando os estragos do corpo de desejos sobre o corpo denso, e fornecendo a vitalidade que logo será consumida na gratificação dos desejos e emoções.

Esta é a batalha árdua entre os corpos vital e o de desejos, que gera a consciência no mundo físico e torna os homens e mulheres tão intensamente alertas, e que, do ponto de vista do mundo físico, parece desmentir nossa afirmação de que eles estejam parcialmente adormecidos. Contudo, depois de todos os fatos examinados, verificar-se-á que isso é verdade. Também podemos dizer que esta questão foi planejada pelas Grandes Hierarquias responsáveis pela nossa evolução.

Sabemos que houve uma época em que o homem estava muito mais desperto no mundo espiritual do que no físico. Na verdade, nessa época, embora possuindo um corpo denso, não era consciente disso. Para que aprendesse a usar adequadamente esse instrumento, conquistasse o mundo físico e soubesse pensar corretamente, tornou-se necessário que, por algum tempo, esquecesse tudo sobre os mundos espirituais e canalizasse todas as suas energias para as questões físicas. Como isso foi realizado com a introdução do álcool como bebida estimulante e por outros meios, já foi explicado no "*Conceito Rosacruz do Cosmos*" e não precisa ser repetido. Mas agora enfrentamos o fato de que a humanidade se tornou tão envolvida no materialismo que, no que respeita à grande maioria, os veículos invisíveis estão inteiramente voltados para as atividades físicas e adormecidos para as verdades espirituais, que chegam a ser ridicularizadas como imaginação de cérebros doentios. Mesmo os que estão começando a acordar do sono do materialismo são tidos como fanáticos, prontos para serem internados num manicômio.

Se esta atitude mental permanecesse sempre, o espírito acabaria cristalizando-se no corpo. A vida celestial, na qual preparamos nossos futuros veículos e ambientes, tornar-se-ia cada vez mais árida, pois, quando nos agarramos persistentemente ao pensamento de que nada existe além do que podemos perceber através dos nossos sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar e análise), esta atitude mental, cultivada na vida terrena, persistirá no Segundo Céu e fará com que ali negligenciemos a preparação que nos daria um campo para nossos esforços e instrumentos para trabalhar. Como resultado, a evolução logo cessaria.

Segundo os Ensinamentos Rosacruzes, a alma é o extrato dos vários corpos, acumulado pela experiência de onde o pão vivo deriva e que deve ser usado para alimento do espírito. No curso normal de evolução, o aperfeiçoamento dos vários veículos é gradual, e a substância da alma é então acumulada e

assimilada pelo espírito no espaço entre vidas terrenas. Mas, em determinado período na vida, quando estamos entrando numa nova fase espiritual - uma fase diferente de evolução - em geral é necessário empregar medidas drásticas para desviar o espírito do caminho já trilhado para uma nova e desconhecida direção. Antes, quando possuíamos pouca individualidade e éramos incapazes de tomar a iniciativa, essas mudanças eram levadas à efeito pelo que podemos chamar de grandes cataclismos da natureza. Na verdade, eram planejados pelas Divinas Hierarquias que regem a evolução com o objetivo de destruir muitos corpos - que foram úteis para o desenvolvimento humano em determinada ocasião, mudando o ambiente para os que haviam aprendido as possibilidades de um novo caminho e iniciando esses pioneiros num novo curso. Essa destruição em massa era naturalmente muito mais freqüente em épocas anteriores do que agora. Lemúria teve todas as condições para que numerosas tentativas fossem feitas de recomeçar com um grupo quando outro havia falhado e sido destruído. Na verdade, não houve apenas um dilúvio na Atlântida, mas três, e entre o primeiro e o último decorreu um período de mais ou menos três quartos de um milhão de anos.

Não devemos esperar que o método de destruição em massa e um novo começo possam ser abolidos até que nós, como um todo, despertemos para a necessidade de tomar um novo rumo quando chegarmos ao fim do antigo. Entretanto, Guias Invisíveis da evolução estão usando um novo método. Já não empregam cataclismos da natureza para mudar a antiga ordem por algo novo e melhor, *mas estão fazendo uso das energias mal dirigidas da própria humanidade para atingir seus objetivos*. Esta foi a origem da grande guerra que recentemente nos assolou. Seu propósito foi desviar nossas energias da procura do pão, pelo qual os homens morrem, e criar em nós a fome da alma que nos desviasse das coisas materiais para as espirituais. Na verdade, estamos começando a operar a nossa própria salvação. Estamos começando a fazer coisas por nós, ao invés de que as façam para nós e, embora o ignoremos, estamos aprendendo como transformar o mal em bem.

Alguns devem pensar que esta guerra afetou apenas aqueles milhões de homens realmente envolvidos nela. Mas, refletindo um pouco mais sobre o assunto, qualquer pessoa ficará convencida que o bem-estar do mundo inteiro foi envolvido em maior ou menor grau no que diz respeito às condições econômicas. Não há raça ou país que tenha ficado inteiramente ausente dessa catástrofe, e ninguém pôde prosseguir na mesma tranqüilidade como antes de ser deflagrada a guerra. Parentesco e amizade eram laços que se estendiam desde as trincheiras da Europa alcançando todas as partes do globo. Muitos de nós tínhamos parentes em um e talvez nos dois grupos empenhados na luta, e acompanhávamos a sua sorte com interesse proporcional ao grau de nossos sentimentos por eles. Mas, durante a noite, quando nosso corpo denso dormia e entrávamos no Mundo do Desejo, não podíamos deixar de viver e sentir toda a tragédia, com toda a intensidade possível, pois as correntes de desejos arrebatavam o mundo todo. No Mundo do Desejo não existe tempo nem distância. As trincheiras da Europa vinham até nossa porta onde quer que estivéssemos, e não podíamos fugir dos efeitos subconscientes do espetáculo que ali víamos. Além disso, essa luta titânica produzia efeitos que nunca poderiam ser igualados por um cataclismo natural, que é muito mais rápido em sua ação, muito mais curto em sua duração e que, além de ser localizado, é incapaz de gerar os mesmos sentimentos de amor e ódio que foram fatores tão importantes na Grande Guerra.

Durante o anterior curso de vida do homem, o objetivo das Divinas Hierarquias foi ensiná-lo como conseguir resultados físicos por meios físicos. Ele esqueceu como utilizar as forças mais sutis da natureza como, por exemplo, a energia liberada quando uma semente está germinando, que era usada para propósitos de propulsão e levitação nas aeronaves da Atlântida. Não percebe a santidade do fogo e como usá-lo espiritualmente, porque somente uns quinze por cento de seu poder é utilizado nas melhores máquinas a vapor. Certamente é bom que o homem seja assim limitado, pois se fosse capaz de usar o poder para comandar alguém cujas faculdades espirituais estivessem despertadas, ele poderia destruir nosso mundo e tudo que há sobre ele. Mas, enquanto faz o melhor ou o pior que pode com os poderes que hoje tem em mãos, está aprendendo a lição de como dominar seus sentimentos para tornar-se apto a usar as forças superiores necessárias para seu progresso na Era de Aquarius. Está também arrancando a venda dos olhos para descortinar o novo mundo que está destinado a conquistar.

Dois processos separados e diferentes estão sendo usados para chegar a esse resultado. Um, é a visita da morte a milhões de lares, arrancando do grupo familiar o marido, o pai ou o irmão e deixando os sobreviventes enfrentarem uma negra existência de privação econômica. O Sol existiu antes da formação dos olhos e construiu esse órgão para que fosse percebido. O desejo de ver era naturalmente inconsciente por parte do indivíduo, que não conhecia e não fazia idéia do sentido ou uso da visão, no entanto, no mundo da alma repousava o conhecimento e o desejo necessários que tornaram possível o milagre. Da mesma maneira no caso da morte. Quando nossa consciência se concentrou primeiro nos veículos físicos e a realidade da morte nos foi apresentada, não restou mais esperança, mas, no tempo devido, a religião liberou o conhecimento da existência de um mundo invisível, de onde o espírito veio e para onde retornará depois da morte. A esperança da imortalidade surgiu gradativamente na humanidade com o sentimento de que a morte é apenas uma transição, mas a ciência moderna tem feito o possível para roubar ao homem este consolo.

Todavia, as lágrimas que são derramadas a cada morte servem para dissolver o véu que esconde o mundo invisível da nossa visão. A profunda saudade e a tristeza pela partida dos entes queridos, fazem com que de ambos os lados do véu hajam dilacerações. Algum dia, não muito distante, o efeito acumulado de tudo isto revelará que a morte não existe, e os que passaram para o além estão tão vivos quanto nós. Contudo, a intensidade destas lágrimas, desta tristeza, desta saudade não é igual em todos os casos, e os efeitos diferem largamente segundo o corpo vital tenha sido ou não despertado por atos de abnegação e serviço em determinada pessoa. Isso se coaduna com o aforismo oculto de que toda evolução na linha espiritual começa no corpo vital. Esta é a base, e nenhuma superestrutura pode ser construída até que este princípio esteja assentado.

No que se refere ao segundo processo do desenvolvimento da alma, que abrange os que estão envolvidos em conflitos de guerra, provavelmente há poucos que tenham tido a rara oportunidade de estudar as reais condições da prolongada linha de batalha como o autor. Apesar de todo horror e brutalidade, ele acredita que esta tenha sido a maior escola de desenvolvimento anímico que jamais existiu, pois em nenhum lugar houve tantas oportunidades de serviço desinteressado como nos campos de batalha da França, e em nenhum outro lugar os homens estiveram tão dispostos a ajudar seu semelhante. Assim, os corpos vitais de um grande número de

peçoas receberam um revigoramento como provavelmente não teriam conseguido em outras numerosas vidas.

Portanto, essas pessoas tornaram-se mais sensíveis às vibrações espirituais, e suscetíveis, num elevado grau, de receber benefícios que podem advir do primeiro processo antes mencionado. Conseqüentemente, a seu devido tempo, veremos entre nós uma multidão de sensitivos que estarão em tão íntimo contato com o mundo invisível, que seu testemunho em conjunto não poderá ser anulado pela escola materialista. Serão grandes elementos que nos ajudarão a estar preparados para as condições elevadas da Era de Aquarius.

"Mas", perguntarão alguns, "eles não se esquecerão quando a tensão e o esforço da guerra tiverem passado? Uma grande porcentagem destas pessoas não voltará à mesma rotina em que estava antes?" Podemos responder que temos confiança que isto não irá acontecer, pois, enquanto os veículos invisíveis, especialmente o corpo vital, estão adormecidos, o homem pode persistir numa escalada materialista. Porém, uma vez que esse veículo tenha sido despertado e provado o pão da vida, torna-se como o corpo denso sujeito à fome - tem fome de alma - e seu desejo não deixará de ser atendido, salvo se sucumbir após uma luta extremamente árdua. Neste caso, as palavras de Pedro são bem aplicadas: "O último estado desse homem é pior do que o primeiro". Contudo, é bom sentir que, não obstante a indescritível dor e a calamidade da guerra, o bem foi trabalhado no crisol dos deuses, e será permanente. Possamos todos reunir nossas forças e ajudar a extrair o bem, para sermos exemplos luminosos na missão de conduzir a humanidade para a Nova Era.

CAPÍTULO XI

Luz Mística na Guerra Mundial (1914-1918)*Parte III - Paz na Terra*

Um mundo cansado de guerra, vermelho com o sangue de milhões, a flor da juventude, que é a esperança do futuro, geme em agonia clamando pela paz, não por armistício -uma cessação temporária de hostilidade - mas por uma paz duradoura, e está lutando para resolver como alcançar este tão almejado fim. No entanto, está colidindo com os efeitos, pois ignora ou está cego para a causa fundamental da agressividade das pessoas, que estava apenas encoberta por um tênue verniz de civilização antes de explodir no vulcão destruidor que recentemente testemunhamos e lamentamos.

Até que seja compreendida a conexão entre o alimento do homem e sua natureza, e esse conhecimento usado para controlar as paixões e erradicar a selvageria, não poderá haver paz duradoura. No obscuro limiar da existência, o homem em formação labutava sob a orientação direta das Divinas Hierarquias que o guiavam no caminho da evolução. Era-lhe dado alimento adequado para desenvolver seus vários veículos de maneira ordenada, sistemática, para que, no devido tempo, esses diferentes corpos se tornassem um instrumento completo que servisse de templo a um espírito que pudesse nele habitar e aprender a lição de vida, por uma série de renascimentos em corpos terrestres de textura cada vez mais sutil. Existem cinco grandes estágios ou épocas na jornada evolucionária do homem sobre a Terra.

Na primeira, ou Época Polar, o homem atual era apenas um corpo denso como são os minerais de hoje. Portanto, ele era como um mineral, e a Bíblia nos diz que "Adão (Adam) foi formado da terra".

Na segunda, ou Época Hiperbórea, foi-lhe acrescentado um corpo vital feito de éter. O homem em formação possuía então um corpo constituído como os das plantas atuais. Não era uma planta, mas era como uma planta. Caim, o homem dessa época, é descrito como um agricultor; seu alimento era proveniente apenas de vegetais, pois as plantas contêm mais éter do que qualquer outra estrutura.

Na terceira, ou Época Lemúrica, o homem desenvolveu o corpo de desejos, um veículo gerador de paixões e emoções, e era constituído como os animais. O leite, um produto dos animais vivos, foi acrescentado à sua alimentação, pois esta substância é facilmente produzida pelas emoções. Abel, o homem dessa época, é descrito como um pastor. Não há nenhuma evidência que ele tenha matado um animal para alimentar-se.

Na quarta, ou Época Atlante, a mente desabrochou, e o corpo tornou-se o templo de um espírito que nele habitava, um ser pensante. Mas o pensamento desgasta as células nervosas; mata, destrói, e causa decadência. Portanto, o novo alimento dos atlantes era a carne de animais. Eles matavam para comer, e a Bíblia descreve o homem dessa época como Nimrod, um poderoso caçador.

Utilizando esses vários alimentos, o homem mergulhou cada vez mais fundo na matéria. Seu corpo, outrora etérico, formou dentro de si um esqueleto, tornando-se sólido. Ao mesmo tempo, foi gradativamente perdendo sua percepção espiritual, mas a lembrança do céu permaneceu nele, pois sabia

estar exilado de seu verdadeiro lar, o mundo celestial. Para fazê-lo esquecer esse fato e dedicar sua atenção exclusivamente à conquista do mundo material, na quinta época ou Época Ária, um novo elemento foi introduzido ao seu regime alimentar: o vinho. Pela indulgência com esse falso espírito do álcool durante os milênios que se passaram, desde que o homem surgiu da Atlântida, as mais evoluídas raças humanas são também as mais ateístas e materialistas. *Eles são todos bêbados* e, embora uma pessoa diga - certa de estar dizendo a verdade - que nunca provou uma só gota de álcool em sua vida, não deixa de ser um fato que o corpo, no qual ela está atuando, descende de ancestrais que por milênios se entregaram à bebida, sem comedimento. Portanto, os átomos que compõem atualmente os corpos do Ocidente são incapazes de vibrar na medida necessária para a percepção dos mundos invisíveis, como ocorria antes que o vinho fosse acrescentado à alimentação humana. Igualmente hoje, embora uma criança possa ser criada com dieta sem carne, ainda participa da natureza feroz de seus ancestrais carnívoros de milhões de anos, porém em menor intensidade do que os que continuam a se deliciar com esse alimento. Assim, o efeito da introdução da carne está firmemente implantado e arraigado nas pessoas, mesmo nas que agora não a consomem.

Não nos admiremos que os que ainda apreciam a carne e o vinho extravasem, às vezes, uma perversa selvageria e exibam uma ferocidade incontida contra qualquer dos sentimentos superiores supostamente acalentados durante séculos por uma, assim chamada, civilização! Enquanto os homens continuarem a reprimir o espírito imortal dentro de si, por apreciarem a carne e o enganador espírito do álcool, nunca haverá paz duradoura na Terra. A ferocidade inata produzida por estes alimentos, de vez em quando virá à tona e arrebatará até as mais altruísticas concepções e ideais num turbilhão de selvageria, numa orgia de cruel carnificina que aumentará em proporção ao desenvolvimento da inteligência do homem, o que o habilitará a conceber com sua mente superior, métodos de destruição mais diabólicos do que qualquer um já testemunhado.

Não há necessidade de argumentos para provar que a última guerra foi mais destrutiva do que qualquer dos conflitos anteriores registrados pela história, porque foi travada mais entre homens de cérebros do que entre homens de músculos. A habilidade que em tempos de paz tem sido tão proveitosa em empreendimentos construtivos, foi canalizada para objetivos de destruição. Podemos supor que, se houver outra guerra daqui a cinquenta ou cem anos, a Terra poderá, talvez, ficar despovoada. Portanto, é absolutamente necessária uma paz duradoura sob o ponto de vista de auto-preservação. Nenhum ser humano que raciocine pode permitir-se ignorar esta realidade, e deve interessar-se por toda teoria que considere a guerra um fato absurdo e lastimável, mesmo que se tenha habituado a olhá-la como um acontecimento banal.

Está comprovado que uma dieta carnívora aguça a ferocidade, mas não nos estenderemos mais sobre o assunto por falta de espaço. Contudo, queremos mencionar como exemplo claro, a bem conhecida agressividade das feras e a crueldade dos índios antropófagos americanos. Por outro lado, a força prodigiosa e a natureza dócil do boi, do elefante e do cavalo, mostra o efeito da dieta herbívora nos animais. As nações vegetarianas e pacíficas do Oriente são uma prova do argumento contra uma dieta de carne, fato que não pode ser negado. No passado, o consumo da carne encorajou a, então, baixa inventividade humana; serviu a um propósito em nossa evolução, mas agora estamos no limiar de uma nova era, quando abnegação e serviço trarão à humanidade um desenvolvimento espiritual. A evolução da mente

nos trará uma sabedoria profunda, que está além de nossa concepção. Contudo, antes que nos tornemos dignos de confiança para receber essa sabedoria, devemos tornar-nos inofensivos como pombas, pois, do contrário, seremos capazes de usa-la para propósitos tão egoístas e destrutivos que seria uma ameaça inconcebível para nossos semelhantes. Para evitar isso, a dieta vegetariana deve ser adotada.

Mas há vegetarianos e vegetarianos. Atualmente na Europa as condições obrigam o povo a abster-se de carne por um longo tempo. Não são verdadeiros vegetarianos, pois desejam ardentemente comer carne e acham sua escassez uma grande privação e sacrifício. Com o tempo se acostumarão e, em muitas gerações, isso os tornaria mais tranquilos e dóceis. Obviamente este não é o tipo de vegetarianismo que necessitamos agora. Há outros que se abstêm de carne por motivo de saúde; seu motivo é egoísta, e muitos dentre eles provavelmente desejam até as "Painéis de carne do Egito". Sua atitude mental também não é a de abolir a ferocidade com rapidez.

Mas há uma terceira classe capaz de compreender que toda vida pertence a Deus e que causar sofrimento a qualquer ser consciente é errado. Sendo assim, eles se abstêm do uso de carne como alimento unicamente por compaixão. Estes são os verdadeiros vegetarianos, e é óbvio que uma guerra mundial nunca poderia ser travada por pessoas com essa mentalidade. Todos os verdadeiros cristãos deverão abster-se de carne por motivos semelhantes. Então, será um fato real a paz na Terra e boa vontade entre os homens. As nações transformarão suas espadas em arados e suas lanças em podadeiras para que cessem de causar morte, tristeza e sofrimento e se tornem instrumentos para propiciar vida, amor e felicidade.

Nossa própria segurança, a segurança de nossos filhos, até a segurança da raça humana, obrigam-nos a entender a inspirada poetisa Ella Wheeler Wilcox, que escreveu este comvente apelo em favor de nossos amigos animais:

"Eu sou a voz daqueles que não falam;
e através de mim o mundo vai falar até que o
surdo ouvido do mundo seja aberto para escutar
as injustiças contra o fraco, que não sabe se
expressar.

"A mesma força formou o pardal
o rei, a criatura moldada;

Tanto para seres de pele como de pena,
pelo Deus de Todos
uma centelha de alma, a cada um lhe foi dada.

"Eu sou o guardião de meu irmão,
e até que o mundo corrija as coisas,
a luta dele lutarei,
e para animais e aves
a palavra falarei".

CAPÍTULO XII

Luz Mística na Guerra Mundial (1914-1918)*Parte IV - O Evangelho do Regozijo*

A recente luta titânica entre as nações da Europa perturbou o equilíbrio do mundo inteiro, de tal modo que as emoções das pessoas que viviam até nas mais remotas regiões da Terra foram agitadas como nunca o haviam sido antes, exprimindo cólera, ódio, histeria ou desalento, conforme sua natureza e temperamento. É evidente para aqueles que estudaram os mistérios profundos da vida e que compreendem a ação da lei natural nos mundos espirituais, que os habitantes dos reinos invisíveis foram afetados talvez em maior grau do que aqueles que viviam em corpos físicos, pois, por sua própria densidade, torna-se impossível para nós sentirmos, como eles, toda a intensidade das emoções.

Depois da deflagração da guerra, a onda de emoções espalhou-se forte e rapidamente, pois não havia condições adequadas de refreá-la. Por meio de grande trabalho e organização, os Irmãos Maiores da humanidade conseguiram, depois do primeiro ano, criar um exército de Auxiliares Invisíveis que, tendo passado pelo umbral da morte e sentido a tristeza e o sofrimento inerentes a uma transição prematura, ficaram plenos de compaixão por aqueles que chegavam constantemente, tornando-se aptos a confortá-los e ajudá-los até que encontrassem seu equilíbrio. Mais tarde, contudo, os sentimentos de ódio e malignidade gerados pelas pessoas do mundo físico tornaram-se tão fortes, que havia perigo que pudessem gerar alguma influência. Portanto, .foi necessário tomar novas providências para neutralizar esses sentimentos e, por toda a parte, as forças do bem reuniram-se e foram dirigidas para ajudar a restabelecer o equilíbrio e conservar as emoções básicas sob controle.

Uma das razões que agravou o problema e ajudou a prolongar a guerra, pela qual a maioria das pessoas orava para terminar, foi a fixação sobre o lado aterrador do conflito, esquecendo-se de vê-lo pelo seu lado favorável.

"O lado favorável dessa guerra cruel?" Provavelmente é essa pergunta que surge na mente do leitor. "O que quer dizer com isso?" Para alguns pode até parecer sacrilégio falar sobre um lado favorável ao referirmo-nos a tal calamidade, como eles a classificariam. Entretanto, vejamos se não há uma auréola prateada até na mais escura nuvem, e se não existe um método pelo qual essa auréola possa ser mais e mais ampliada até que a nuvem fique também luminosa.

Há algum tempo atrás, nossa atenção foi despertada para um livro chamado "Poliana". Poliana era a filha de um missionário, cujo salário era tão baixo que ele mal podia obter o essencial para viver. De tempos em tempos, chegavam à missão caixas com roupas usadas e quinquilharias para serem distribuídas. Poliana esperava que algum dia chegasse alguma contendo uma bonequinha. Seu pai havia até escrito pedindo para que na próxima caixa viesse uma boneca já usada para sua filha. A caixa veio, mas, em vez de uma boneca, trazia um par de muletas. Notando a decepção da criança, o pai disse: "Há uma coisa pela qual podemos ficar contentes e agradecidos: é de não precisarmos de muletas". Foi então que começaram a jogar o "jogo do contente", como o chamaram, procurando e achando qualquer motivo para alegrar-se e agradecer, não importando o que fosse, e sempre o achavam. Por exemplo, quando fossem obrigados a comer uma

refeição reduzida num restaurante, por não poderem pagar as guloseimas constantes do cardápio, diziam: "Bem, estamos contentes por gostarmos de feijão", embora seus olhos parassem no peru assado com seu preço proibitivo. Depois, passaram a ensinar o jogo a outros, fazendo com que muitas pessoas se tornassem mais felizes, entre elas algumas que acreditavam nunca mais poder alcançar a felicidade.

Por fim, estavam realmente passando fome, e a mãe de Poliana teve que ir para o céu para evitar a despesa de viver. Logo depois, seu pai a seguiu, deixando Poliana dependente da generosidade de uma tia solteira, rica, mas rabugenta e inóspita, que morava em Vermont. Apesar de ter sido mal recebida e do quarto horrível que lhe foi destinado, a menina só viu motivos para alegrar-se. Literalmente, ela irradiava alegria, atraindo por seu encanto a empregada e o jardineiro e, com o tempo, até a tia indiferente. A mente radiosa da criança logo forrou as paredes nuas e o chão do seu frio quarto do sótão com toda espécie de beleza. Se não havia quadros, ela ficava contente porque sua janelinha abria para uma paisagem mais linda do que um artista poderia pintar, e o gramado era um tapete verde e dourado que nem o mais hábil tecelão do mundo poderia tecer igual. Se em seu grosseiro lavatório não havia espelho, ela ficava contente porque isso a poupava de ver suas sardas; mas, se tinha sardas, não era um bom motivo ficar contente porque não eram verrugas? Se sua mala era pequena e as roupas poucas, não eram bons motivos para ficar contente porque era rápido desfazer a mala? Se seus pais não estavam com ela, não devia estar contente por eles estarem no céu com Deus? Já que eles não podiam falar-lhe, não devia alegrar-se por ela poder falar com eles?

Quando voava como um pássaro pelos campos e charnecas, esquecendo a hora da ceia, ao voltar mandavam-na para a cozinha para alimentar-se apenas de pão e leite. A tia que esperava lágrimas e amuos, surpreendia-se ao ouvi-la exclamar: "Oh, estou tão contente por você ter feito isto, porque eu gosto muito de pão e leite". Qualquer tratamento ríspido, e havia muitos no início, fazia com que ela imaginasse algum motivo bondoso por trás de tudo e, então, dedicava-lhe um pensamento agradecido.

Sua primeira seguidora foi a criada da casa, que costumava esperar o dia semanal de lavagem de roupa com verdadeiro horror e encarava a segunda-feira com mau humor. Não demorou muito para que nossa garota conseguisse que Nancy se sentisse mais contente na manhã de segunda-feira do que em outras manhãs, porque não haveria mais nenhum outro dia de lavar roupa em toda a semana; e também fê-la ficar contente que seu nome não fosse Hepsibah, e sim Nancy, do qual ela não gostava. Um dia, quando Nancy protestava dizendo: "Claro, não há nada num enterro para ficar contente", Poliana logo respondeu: "Bem, podemos ficar contentes por não ser o nosso". Para o jardineiro, que se queixava que estava curvado por causa do reumatismo, ela ensinou o jogo do contente dizendo-lhe que por já estar meio curvado deveria ficar contente por ter que se curvar só a metade quando estivesse arrancando o mato.

Perto de sua casa, numa mansão, vivia um velho solteirão, um recluso sombrio. Quanto mais ele a repelia mais solícita ela ficava, e freqüentemente o visitava porque nenhuma pessoa o fazia. Em sua inocência e compaixão, ela atribuía sua falta de cortesia a algum secreto infortúnio e, portanto, ansiava cada vez mais por ensinar-lhe o jogo do contente. Ela ensinou e ele aprendeu, embora fosse difícil no começo. Quando ele quebrou a perna, não foi fácil convencê-lo a ficar contente

por haver quebrado apenas uma das pernas, e admitir que teria sido muito pior se suas pernas fossem tão numerosas como as de uma centopéia e ele tivesse quebrado todas elas. Por fim, sua alegre disposição conseguiu que ele gostasse do sol, abrisse as venezianas, corresse as cortinas e abrisse seu coração para o mundo. Ele quis adotá-la, mas como não o conseguiu, adotou um menino órfão que ela encontrou à beira da estrada.

Conseguiu que uma senhora, que só usava roupa preta, passasse a usar roupas com cores alegres. Outra senhora, rica e infeliz porque sua mente estava fixada em desgostos passados, teve sua atenção desviada por Poliana para as misérias alheias, e tendo aprendido pelo jogo do contente como levar a alegria àquelas vidas, esta senhora trouxe alegria em profusão para a sua própria. Sem o saber, ela reuniu em feliz vida comum um casal que estava a ponto de separar-se, acendendo em seus corações, que estavam ficando frios, um grande amor por seus filhos. Aos poucos, toda a cidade começou a jogar o jogo do contente e a ensiná-lo a outros. Sob esta influência, os homens e mulheres transformavam-se em seres diferentes: os infelizes ficavam felizes, os doentes curavam-se, os que estavam a ponto de proceder mal encontravam de novo o caminho certo, e os desanimadas readquiriam coragem.

O principal médico da cidade achou por bem recomendá-la, como se ela fosse algum remédio. Dizia: "Essa garotinha é melhor do que um vidro de tônico. Se há alguém capaz de retirar o mau humor de alguém é ela; uma dose de Poliana é mais curativa do que uma farmácia cheia de medicamentos". Mas o maior milagre conseguido pelo jogo do contente foi a transformação operada no caráter de sua impertigada e puritana tia. Ela que havia recebido Poliana em sua casa por estrito dever de família, com a convivência com sua sobrinha desenvolveu um coração transbordante de carinho. Poliana foi retirada de seu frio quarto do sótão para um quarto lindamente forrado de papel, com quadros, tapetes e mobiliado, no mesmo andar de sua tia. Assim, o bem que ela fez reverteu em seu próprio benefício.

A história é urna ficção, mas é baseada sobre fatos com raízes na lei cósmica. O que essa menina fez com as pessoas ao seu redor, nós, os estudantes dos Ensinamentos Rosacruz, podemos e devemos fazer em nossas esferas individuais, tanto no que diz respeito aos assuntos referentes à comunicação com nossos parentes e companheiros próximos, como em relação ao mundo em geral.

No que se refere ao benefício extraído da guerra, em lugar de nos tornarmos melancólicos com a derrota ou amedrontados pelas catástrofes registradas em sensacionais manchetes de jornais, em lugar de juntar nossos desalentos, ódios e malignidade aos sentimentos similares engendrados por outros, não poderíamos encontrar um lado favorável, mesmo numa tão aterradora calamidade? Claro que há motivo de extremo regozijo nos pensamentos de abnegação que impeliram tantos homens nobres a abandonar seu trabalho no mundo, suas vultuosas rendas, seus lares confortáveis pelo que, em sua opinião, era um ideal para tornar o mundo melhor para os que viessem depois deles, pois sabiam que não voltariam para gozar dos frutos alcançados. Não nos poderíamos regozijar e ressaltar que tantas mulheres nobres, criadas na comodidade e conforto, deixassem seus lares e amigos pelo árduo trabalho de cuidar dos feridos? Havia entre todas um espírito de altruísmo partilhado pelas que, por força das circunstâncias, eram obrigadas a ficar em casa, mas ainda

assim colaboravam tricotando e trabalhando para os que deviam sofrer a violência da batalha.

Imenso é o sofrimento através do qual o altruísmo está nascendo em milhões de corações humanos e, por toda angustia sofrida na última guerra, a humanidade torna-se mais benevolente, nobre e melhor do que nunca. Se encararmos este aspecto do recente sofrimento e amargura, se pudermos ensinar aos outros a esperar as bênçãos futuras que advirão desses tormentos, nós mesmos teremos mais forças para recuperar-nos da tensão e estaremos melhor qualificados para ajudar outros a fazerem o mesmo.

Desse modo, podemos imitar Poliana e, se formos suficientemente sinceros, nossa visão se ampliará e se enraizará em outros corações. Como pensamentos são coisas, e os pensamentos positivos são mais poderosos que o mal, desde que estejam em harmonia com a tendência da evolução, breve virá o dia em que conseguiremos a supremacia do bem e ajudaremos a instalar a paz duradoura.

Esperemos que esta sugestão seja aceita seriamente e posta em prática por todos os nossos estudantes, pois a necessidade é muito grande atualmente, maior do que já o foi em tem. pos passados.

CAPÍTULO XIII

O Significado Esotérico da Páscoa e o Início da Filosofia Rosacruz

Outra vez a Terra atinge o equinócio da primavera em seu movimento anual de translação em torno do Sol, e assim chegamos à Páscoa. O raio espiritual emitido pelo Cristo Cósmico a cada outono para reativar a esgotada vitalidade da Terra, está prestes a ascender ao Trono do Pai. Às atividades espirituais de fecundação e germinação, levadas a efeito durante o inverno e a primavera, seguir-se-ão os processos de crescimento físico e amadurecimento durante os próximos verão e outono sob a influência do Espírito da Terra. O ciclo termina no "Lar da Colheita". Deste modo, o grande Drama do Mundo é encenado e reencenado ano após ano, numa eterna disputa entre a vida e a morte, sendo cada uma, por vez, vencedora e vencida na seqüência dos ciclos.

Os grandes fluxos e refluxos cíclicos não estão limitados em seus efeitos à Terra, à sua flora e fauna. Exercem igualmente uma influência dominante sobre a humanidade, mesmo que a grande maioria não se aperceba das causas que a impelem a agir numa e noutra direção. Não obstante essa ignorância, permanece o fato de que a mesma vibração terrestre que adorna vistosamente as aves e outros animais na primavera, responde também pelo desejo humano de vestir-se com cores alegres e roupas mais claras nessa época do ano. É também "o apelo do campo", que no verão convida o homem a descontrair-se no meio rural, onde os espíritos da natureza exercitaram suas artes mágicas nos campos e florestas, para recuperar-se da tensão das condições artificiais reinantes nas cidades congestionadas.

Por outro lado, é a "queda" do raio espiritual do Sol no outono que causa o reinício das atividades mentais e espirituais no inverno. A mesma força germinadora que fermenta a semente na terra e a prepara para reproduzir sua espécie multiplicada, também ativa a mente humana e fomenta atividades altruístas que tornam o mundo melhor. Caso essa grande onda de desprendido Amor Cósmico não culminasse no Natal, com vibrações de paz e boa-vontade, não poderia haver nenhuma sensação festiva em nossos corações de modo a gerar o desejo de fazer os outros igualmente felizes. O costume universal de dar presentes no Natal seria impossível, e todos nós sofreríamos essa perda.

Quando Cristo andava, dia após dia, pelas colinas e vales da Judéia e Galiléia ensinando as multidões, todos foram beneficiados. Mas Ele convivia mais com Seus discípulos, e estes cresciam rapidamente a cada dia. À medida que o tempo passava, esses laços de amor estreitavam-se mais, até que um dia, mãos impiedosas tiraram o amado Mestre e o levaram à morte desonrosa. Contudo, mesmo que tenha morrido na carne, Ele continuou a conviver intimamente com Seus discípulos por algum tempo, em espírito. Por fim, subiu às esferas superiores, perdendo-se assim o contato direto com Ele. Aqueles homens olharam-se tristemente, face a face, e perguntaram-se: "É este o fim?" Eles haviam esperado tanto, haviam alimentado tão elevadas aspirações que, apesar da verdejante paisagem continuar brilhante e beijada pelo Sol como antes de Sua partida, a Terra parecia fria e monótona. Sombria desolação oprimia os seus corações.

Algo semelhante também acontece conosco quando buscamos seguir o espírito e lutar contra a carne, mesmo que a analogia não tenha sido aparente até aqui. Quando, no outono, a "queda" do raio crístico começa anunciando a época da supremacia espiritual, logo o sentimos e começamos avidamente a

banhar nossas almas nessa bendita maré. Experimentamos uma sensação semelhante a dos apóstolos quando andavam com Cristo e, à medida que a estação avança, torna-se cada vez mais fácil comungar com Ele, face a face, como antes. Mas, no curso anual dos acontecimentos, a Páscoa e Ascensão do raio de Cristo "ressuscitado" para o Pai, deixa-nos em idêntica posição a dos apóstolos quando seu querido Mestre se afastou. Nós ficamos desolados e tristes, vemos o mundo como um deserto monótono e não

podemos atinar com a razão de nossa perda, que é tão natural como os fluxos e refluxos das marés ou como os dias e as noites-fases da era atual dos ciclos alternantes.

Existe um perigo nesta atitude mental. Se permitimos que ela nos domine, é possível que abandonemos o nosso trabalho no mundo e nos convertamos em sonhadores desiludidos, percamos nosso equilíbrio e provoquemos contra nós a crítica muito justa dos demais. Este tipo de conduta é inteiramente errado, pois, assim como a Terra emprega o seu esforço material para produzir abundantemente no verão após haver recebido o ímpeto espiritual do inverno, é também nosso dever envidar os maiores esforços ao trabalho do mundo quando possuímos o privilégio de comunicar com o espírito. Assim fazendo, é possível que despertemos nos outros o espírito de emulação e o de servir.

Estamos acostumados a pensar no avaro como alguém que junta ouro, sendo essa classe de pessoas, de modo geral, objeto de desprezo. Mas há indivíduo" que lutam tão tenazmente para adquirir conhecimento como o avaro se esforça para acumular ouro, não hesitando em usar qualquer meio ou subterfúgio para alcançar seu intento, guardando consigo seus conhecimentos tão egoisticamente quanto o avaro guarda o seu tesouro. Não compreendem que, por tal método, eles fecham de fato as portas a uma sabedoria maior. A antiga teologia nórdica continha uma parábola que, simbolicamente, esclarece o assunto. Dizia que todos os que morriam no campo de batalha (as almas fortes que combateram o bom combate até o fim) eram conduzidos ao Valhalla para estar com os deuses, enquanto os que morriam na cama ou por doença (as almas fracas que vagavam pela vida) iam para o lúgubre Niflheim. No Valhalla, os valentes guerreiros banquetearam-se diariamente com a carne de um javali chamado Scrimner, que se caracterizava por uma particularidade: sempre que se cortava um pedaço de suas carnes, imediatamente outro crescia no lugar, de modo que seu corpo nunca era consumido, não importa quanto se cortasse dele. Isto simboliza adequadamente o "*conhecimento*", pois, não importa quanto dele possamos dar aos outros, o original sempre fica conosco.

Portanto, há uma certa obrigatoriedade em passar adiante o conhecimento que temos, pois "a quem muito é dado, muito será exigido". Talvez seja oportuno narrar novamente uma experiência que pode ilustrar o caso. Foi a "prova" final a que fui submetido antes de me serem confiados os ensinamentos compreendidos no "O Conceito Rosacruz do Cosmos", embora nessa ocasião, naturalmente, eu não soubesse que estava sendo testado. Aconteceu numa época em que fui a Europa em busca de um professor que, eu acreditava, poderia ajudar-me a avançar no caminho da realização. Mas, quando já havia investigado a fundo seus ensinamentos, tendo-o forçado a admitir certas incongruências que ele não soube explicar, encontrei-me numa verdadeira "depressão e desalento", pronto para voltar para a América. Quando sentei em minha cadeira, avaliando o meu desapontamento, tive a sensação de que havia mais alguém presente vindo em minha direção.

Olhei para cima e contemplei Aquele que, desde então, se tornou meu Mestre. Lembro-me, envergonhado, do quão rispidamente perguntei quem o havia enviado e o que ele queria, pois eu estava muito mortificado e hesitei bastante antes de aceitar seu auxílio sobre os pontos que motivaram minha ida para a Europa.

Durante os dias seguintes, meu novo conhecido apareceu em meu quarto diversas vezes, respondendo às minhas perguntas e ajudando-me a resolver problemas que antes me haviam desorientado. Mas como a minha visão espiritual era fracamente desenvolvida e nem sempre sob controle, eu me sentia bastante cético no assunto. Não teria sido alucinação? Discuti o assunto com um amigo. As respostas às minhas dúvidas, dadas pela aparição, eram claras, concisas e altamente lógicas. Eram diretas e muito além de qualquer concepção que eu fosse capaz de imaginar, daí concluímos que a experiência devia ser real.

Alguns dias depois, meu novo amigo disse-me que a Ordem, à qual pertencia, tinha uma solução completa para o enigma do universo, muito mais extensa do que qualquer outro ensinamento conhecido, e que eles iriam partilhar comigo esses ensinamentos com a condição de eu concordar em conservá-los como um segredo inviolável.

Voltei-me para ele enraivecido: "Ah! Por fim estou percebendo a armadilha! Não, se você possui o que diz e se é bom, então é bom também que o mundo o saiba. A Bíblia proíbe-nos expressamente de ocultar a Luz, e não me interessa desfrutar dessa fonte de conhecimentos enquanto milhares de almas anseiam por uma solução a seus problemas, assim como eu". Meu visitante, então, deixou-me e não voltou, e eu concluí que ele era um emissário dos Irmãos Negros.

Mais ou menos um mês depois, deduzi que não poderia obter maior iluminação na Europa, portanto, fiz reserva num navio para Nova Iorque. Como o movimento era intenso, só consegui vaga para um mês depois.

Quando voltei para meu alojamento depois de haver comprado a passagem, lá estava meu desconsiderado Mestre que novamente me ofereceu ensinamentos com a condição de conservá-los em segredo. Desta vez minha recusa foi talvez mais enfática e indignada do que antes. Porém, ele não se foi, mas disse: "Estou contente em ouvir sua recusa, meu irmão, e espero que você seja sempre zeloso em propagar nossos ensinamentos, sem medo nem parcialidade como tem sido nesta recusa. Esta é a real condição para receber as revelações".

Como recebi instruções para tomar um determinado trem numa certa estação para ir a um lugar do qual nunca ouvira falar, como lá encontrei o Irmão em carne e osso e fui levado ao Templo, e como recebi as principais instruções contidas em nossa literatura, é agora assunto de menor importância. O importante é que se eu tivesse concordado em conservar em segredo as revelações, naturalmente teria sido considerado incapaz de ser um mensageiro dos Irmãos e eles teriam que procurar outro. Assim é com qualquer um de nós. Se guardamos avaramente as bênçãos espirituais que recebemos, o mal estará batendo à nossa porta, portanto, vamos imitar a terra nesta época da Páscoa. Vamos dar ao mundo físico da atividade, os frutos do espírito semeados em nossas almas durante a passada estação invernal. Assim, receberemos bênçãos mais abundantes cada ano que passa.

CAPÍTULO XIV

Os Ensinamentos da Páscoa

Novamente é Páscoa. Passaram-se os sombrios e monótonos dias de inverno. A Mãe Natureza remove o manto frio de gelo que cobre a terra, permitindo a milhões e milhões de sementes abrigadas no chão macio, romperem sua crosta e vestirem o solo com trajes de verão numa orgia de cores alegres e vistosas, preparando as "câmaras nupciais" para os animais e aves se acasalarem. Mesmo neste ano de guerra regado de lágrimas, o canto da vida ressoa bem alto, acima do canto fúnebre da morte. "Oh! morte, onde está teu aguilhão? Oh! tumba, onde está tua vitória?" Cristo ressuscitou - os primeiros frutos. Ele é a Ressurreição e a Vida; quem acredita Nele não morrerá, mas terá vida eterna.

Na presente estação, a mente do mundo civilizado volta-se para a festividade que chamamos Páscoa, na qual se comemora a morte e ressurreição do nobre ser que o mundo conhece pelo nome de Jesus, cuja história de sua vida foi escrita nos Evangelhos. Mas um Cristão místico tem uma visão mais profunda e mais ampla desse evento cósmico que se repete anualmente. Para este, o que existe é uma impregnação anual da Terra com a vida do Cristo cósmico. Uma inalação que tem lugar durante os meses do outono, culminando no solstício do inverno quando celebramos o Natal, e uma exalação que chega ao fim na época da Páscoa. A inspiração ou impregnação manifesta-se pela aparente inatividade do inverno, enquanto que a expiração da vida de Cristo manifesta-se como a força da ressurreição, que dá nova vida a tudo que vive e se movimenta sobre a terra, vida abundante, não apenas para manter, mas para propagar e perpetuar.

O drama cósmico da vida e da morte é representado anualmente por todas as criaturas e coisas evoluíntes, da maior à menor, porque até o grande e sublime Cristo cósmico, em Sua compaixão, torna-se sujeito à morte quando entra nas condições enclausurantes da Terra em um período do ano. Por conseguinte, é oportuno recordar alguns pontos relativos à morte e renascimento que, às vezes, podemos esquecer.

Entre os símbolos cósmicos conservados desde a antigüidade, nenhum é mais comum que o símbolo do ovo. Encontramo-lo em toda religião. Está presente no Antigo Eddas dos Escandinavos, venerável pela idade, que nos fala do ovo mundano esfriado pelo sopro gelado no Niebelheim, mas aquecido pelo hálito quente do Muspelheim antes que os vários mundos e o próprio homem viessem a existir. Se voltamo-nos para o ensolarado sul, podemos achar nos Vedas da Índia a mesma história no mito Kalahgansa, o Cisne do tempo e do espaço, o qual pôs o ovo que veio a ser finalmente o mundo. Entre os egípcios encontramos o globo alado e as serpentes ovíparas, simbolizando a sabedoria manifestada neste nosso mundo. Depois, os gregos utilizaram esse simbolismo reverenciando-o em seus Mistérios. Foi preservado pelos druidas. Tal símbolo era também conhecido dos construtores do grande outeiro da serpente, em Ohio, e conservou seu lugar na simbologia sagrada até hoje, muito embora a grande maioria dos seres humanos seja cega ao grande mistério que ela encerra e revela - o mistério da vida.

Quando quebramos a casca de um ovo, achamos apenas fluídos viscosos de coloração variada e consistências diversas. Mas, se submetido a uma temperatura adequada, logo observamos uma série de mudanças, assim, em pouco tempo, uma criatura viva pode romper a casca e surgir pronta para assumir seu lugar entre os de sua espécie. Os magos dos laboratórios

podem duplicar as substâncias do ovo e injetá-las numa casca, de maneira que , conforme as experiências feitas até hoje, uma réplica perfeita do ovo natural pode ser produzida. Contudo, este difere do ovo natural em um ponto, isto é, nenhuma coisa viva pode ser incubada no produto artificial. Fica evidente, portanto, que alguma coisa intangível deve estar presente em um e ausente em outro.

Esse mistério de séculos que produz o ser vivo é que nós chamamos Vida. Como a Vida não pode ser detectada em meio aos elementos do ovo, nem mesmo através do mais potente microscópio (ainda que ela ali esteja para produzir as mudanças que se notam), é de concluir-se que ela deve ser capaz de existir independentemente da matéria. Aprendemos através do sagrado simbolismo do ovo que, apesar da vida ser capaz de modelar a matéria, não depende entretanto desta para existir. Ela é auto-existente e não tendo princípio não pode também ter fim. Isto é simbolizado pela forma ovóide do ovo.

Estamos estarecidos com a carnificina nos campos de batalha da Europa, e também pela maneira como as vítimas são arrancadas da vida física. Mas, se considerarmos que a média da vida humana é de apenas 50 anos mais ou menos, e que a morte ceifa cento e cinquenta milhões em meio século, ou três milhões por ano, ou duzentos e cinquenta mil cada mês, vemos que afinal o total não foi tão expressivamente aumentado. E quando nos apercebemos do verdadeiro conhecimento contido no simbolismo do ovo, isto é, que a vida não é criada, nunca teve princípio e nunca terá fim, habilitamo-nos a criar coragem e admitir que os que são retirados agora da existência física estão apenas atravessando uma jornada cíclica idêntica à da vida do Cristo cósmico, vida que penetra a Terra no outono e a abandona na Páscoa. Os que morreram estão apenas indo para os reinos invisíveis, de onde mais tarde mergulharão de novo em uma matéria física entrando como todas as coisas vivas no óvulo da mãe. Depois de um período de gestação, eles reentrarão na vida física para aprender novas lições na grande escola. Assim, vemos como a grande lei da analogia opera em todas as fases e sob todas as circunstâncias da vida. O que acontece ao Cristo no grande mundo vai acontecer também na vida dos que vão se tornar Cristos. Isto permitirá que encaremos a presente luta mais animadamente.

Devemos admitir que a morte é uma necessidade cósmica nas atuais circunstâncias, porque se fôssemos aprisionados num corpo como o que agora usamos e colocados num ambiente tal e qual este em que nos encontramos hoje, para assim viver perenemente, as enfermidades do corpo e as condições insatisfatórias do ambiente bem cedo nos fariam cansar da vida e implorar por libertação. Isso impediria todo progresso e tornaria impossível evoluirmos à alturas mais elevadas, tais como as que podemos alcançar através do renascimento em novos veículos e novos ambientes que nos permitam novas possibilidades de crescimento. Por conseguinte, devemos agradecer a Deus o fato de que, enquanto o nascimento em um corpo concreto é necessário para nosso desenvolvimento futuro, a liberação pela morte tem sido proporcionada para libertar-nos do instrumento esgotado pelo uso. A ressurreição e um novo nascimento sob o céu alegre de um novo ambiente, fornecem-nos outras oportunidades para recomeçar a vida e assim aprender as lições que não conseguimos assimilar antes. Por esse método seremos algum dia perfeitos como o Cristo ressuscitado. Ele assim determinou e exemplificou para ajudar-nos a conseguí-lo.

CAPÍTULO XV

Método Científico do Desenvolvimento Espiritual*Parte I - Analogias materiais*

Enquanto estávamos descendo para uma existência concreta pela involução, nossa linha de progresso consistia unicamente em desenvolvimento material. Mas, desde que ultrapassamos o nadir da materialidade e começamos a ascender além do concreto, a expansão espiritual está se tornando cada vez mais importante, como um fator necessário para nosso desenvolvimento, embora ainda tenhamos muitas lições importantes a aprender da fase material de nossa existência. Isto se aplica à humanidade em geral, mas particularmente, é claro, aos que já estão conscientemente começando a aspirar a viver a vida superior. Portanto, é oportuno rever por um outro ângulo os Ensinamentos Rosacruz, no que se refere ao método científico de alcançar esse desenvolvimento espiritual.

Pessoas da velha geração, especialmente na Europa e no leste dos Estados Unidos, sem dúvida devem lembrar-se com prazer de seus passeios através de tranqüilas alamedas no campo, e das muitas vezes que passaram por um riacho murmurante com seu velho e rústico moinho e sua barulhenta roda d'água movendo com dificuldade a rude maquinaria, usando apenas uma pequena fração da força acumulada pela água corrente, inaproveitada a não ser para esse pequeno uso. Porém, mais tarde, surgiu uma nova geração que notou as possibilidades a serem aproveitadas pelo uso científico dessa poderosa energia. Engenheiros começaram a construir represas para impedir que as águas continuassem a correr sem aproveitamento. Desviaram a água dos reservatórios através de canos e calhas para as rodas d'água construídas conforme princípios científicos. Economizaram a grande energia que haviam armazenado, permitindo a entrada de água apenas o suficiente para movimentar as rodas d'água a uma certa velocidade e a uma determinada carga.

Mas, enquanto a roda d'água construída cientificamente fosse um gigante comparada com a sua tosca antecessora, estava sujeita às mesmas limitações. Sua poderosa energia poderia ser usada somente no lugar onde estava localizada a fonte geradora. Tais lugares, em geral, estão a muitas milhas dos centros urbanos onde há maior necessidade de energia. Trabalhando com as leis da natureza, o homem assegurara um servidor com uma energia inesgotável. Mas como torná-la aproveitável onde fosse mais necessária, era a questão. Para solucionar esse problema, as leis da natureza foram invocadas novamente e geradores elétricos foram acoplados às rodas d'água. A força da água foi transformada em energia elétrica e realizados esforços para enviá-la, dos centros onde era gerada, para as cidades onde poderia ser utilizada. Também aqui foram necessários métodos científicos para operar com as leis da natureza, pois descobriu-se que diferentes metais transmitem eletricidade com diferentes resultados, sendo mais eficazes o cobre e a prata. Então, escolheu-se o cobre, por ser o mais barato dos dois.

Observe o estudante que não podemos compelir essas forças a fazer coisa alguma; *sempre que as usarmos será com o concurso das leis que governam suas manifestações*, optando pela linha de menor resistência para obter o máximo de energia. Se tivessem sido escolhidos como transmissores o fio de ferro ou o argentão, que oferecem comparativamente uma alta resistência, uma grande parte de energia se perderia, além de sobrevirem outras complicações que, para o nosso atual objetivo, não é necessário

aprofundar. Mas, empregando as leis da natureza e escolhendo a linha de menor resistência, obtemos sempre o melhor resultado da maneira mais simples.

Esses pesquisadores enfrentaram outros problemas para transformar a força da água das velhas rodas em eletricidade utilizável muitas milhas além da sua fonte de energia. Descobriu-se que uma corrente elétrica sempre procuraria chegar ao solo pelo caminho mais curto, se houvesse qualquer possibilidade para fazê-lo. Tornou-se necessário, então, que o metal que transmitia a corrente elétrica fosse isolado da terra por algum material que a impedisse de evadir-se, exatamente como altos muros confinam prisioneiros dentro deles. Foi preciso encontrar alguma coisa pela qual a eletricidade tivesse uma aversão natural. Descobriu-se isso no vidro, na porcelana e em certas substâncias fibrosas, utilizando-se meios científicos e engenhosidade. Sempre trabalhando com as leis da natureza, solucionou-se o problema de como usar em lugares distantes, vantajosamente, a grande energia que a velha e tosca roda do moinho desperdiçava em sua fonte.

Aplicando, da mesma forma, métodos científicos a outros problemas da vida, como na agricultura, obtiveram-se resultados maravilhosos em proveito e conforto da humanidade, fazendo brotar duzentos pés de uma planta onde antes, pelos antigos métodos rústicos, nenhum conseguia subsistir. Gênios, como Luther Burbank, melhoraram as variedades silvestres de frutas e legumes tornando-os maiores, mais suculentos e mais saborosos, bem como mais produtivos. Em qualquer área em que os métodos científicos suplantaram os hábitos rústicos e o puro acaso, foram obtidos igual resultados benéficos. Mas como já foi dito e isto é muito importante para nossas considerações, tudo foi o resultado de um trabalho em harmonia com as leis da natureza.

O axioma hermético, "Como é em cima, assim é embaixo", expõe a lei da analogia, a chave mestra de todos os mistérios espirituais ou materiais. Podemos deduzir com segurança que o que é válido na aplicação de métodos científicos para problemas materiais, também terá igual força se aplicado para solucionar os mistérios espirituais. O mais superficial retrospecto do passado desenvolvimento religioso será suficiente para evidenciar que nele nada havia de científico e sistemático, e que os métodos mais casuais prevaleceram. Devido ao seu sentimento de devoção, alguns alcançaram alturas sublimes de espiritualidade e são conhecidos através dos séculos como Santos, iluminando caminhos, mostrando o que pode ser feito. Mas como alcançar essa sublime espiritualidade foi e ainda é um mistério para todos, mesmo para os que desejam ardentemente tal desenvolvimento. E uma pena que eles sejam, comparativamente, muito poucos hoje em dia.

Os Irmãos Maiores da Rosacruz criaram um método científico que, se seguido persistente e profundamente, ajudará a desenvolver os poderes latentes da alma em qualquer pessoa, tão certo quanto o exercício constante pode tornar uma pessoa competente em qualquer atividade material em que se empenhe. Para entender este assunto é necessário examinar os fatos do exemplo. Foi a velha e tosca roda do moinho que deu ao engenheiro a idéia de utilizar a força da água de maneira mais eficiente e vantajosa. Se estudarmos o desenvolvimento natural do poder anímico pela evolução, estaremos, então, em posição de entender os grandes e benéficos resultados que podem advir da aplicação de métodos científicos nesta importante questão. Naturalmente, os estudantes dos

Ensinos Rosacruzes estão bem familiarizados com os pontos principais deste processo de desenvolvimento da humanidade através da evolução. Mas deve haver alguns não tão bem informados. Em consideração a eles faremos um resumo sobre esse assunto.

A ciência diz, com muita propriedade, que uma substância invisível, intangível, chamada éter, permeia tudo, desde os sólidos mais densos até o ar que respiramos. Este éter nunca foi visto, medido ou analisado pela ciência. Porém, é necessário admitir a sua existência para explicar os vários fenômenos como, por exemplo, a transmissão de luz através do vácuo. Portanto, diz a ciência, o éter é o agente de transmissão dos raios de luz. Ele traz-nos uma imagem de todos os objetos que estão ao nosso redor e no raio de ação de nossa capacidade visual, impressionando a retina de nossos olhos. De igual modo, quando o operador cinematográfico focaliza uma série de cenas num filme, o éter transporta imagens de todos os objetos, seus movimentos, etc., nos mínimos detalhes para a placa sensível através das lentes de sua câmara, deixando um registro completo de todo o cenário e dos atores dessa peça. Se em nossos olhos houvesse um filme igualmente sensível, suficientemente extenso para conter as imagens, no fim de nossas vidas poderíamos ter um registro completo de todos os acontecimentos que nela tiveram lugar, isto é, contanto que pudéssemos ver.

Há um grande número de pessoas com deficiências em vários sentidos. No entanto, *uma coisa todos devem fazer para viver: respirar*. E a natureza, que é apenas outro nome de Deus, corretamente determinou que o registro seja feito por esse meio universalmente usado. Em todos os momentos de nossa participação no drama da vida, desde o primeiro alento até o último suspiro, o éter, que penetra em nossos pulmões, leva consigo a imagem completa de nosso ambiente externo, dos nossos atos e das ações de outras pessoas que convivem conosco. O registro ocorre num único e pequeno átomo situado no ventrículo esquerdo no ápice do coração, por onde o recém oxigenado sangue flui incessantemente, transportando com ele uma imagem diferente de cada momento de nossa vida. Portanto, tudo que dizemos ou fazemos de bem e de mal, de maior ou de menor importância, fica indelevelmente gravado em nosso coração. Esse registro é a base do natural método lento do crescimento da alma pela evolução, correspondendo à tosca e velha roda d'água.

No próximo capítulo, veremos como isso se processa e como, por meios científicos, podemos alcançar o crescimento e o poder anímicos desenvolvidos pelo aperfeiçoamento neste caminho.

CAPÍTULO XVI

Método Científico do Desenvolvimento Espiritual*Parte II - Retrospecção - Um meio de evitar o Purgatório*

Vimos no capítulo anterior que um registro de nossa vida, desde o berço até o túmulo, está gravado num pequeno átomo no coração pela ação do éter que inalamos em cada respiração, e que leva consigo os quadros do mundo exterior no qual estamos vivendo e nos movendo agora. Isto forma a base de nossa existência "post-mortem". O registro das ações más é erradicado numa dolorosa experiência purgatorial causada pelo fogo do remorso, que cauteriza a alma à medida que o filme se desenrola sob nossa contemplação, tornando-nos menos propensos a repetir em vidas futuras os mesmos atos reprováveis. A reação diante das imagens das boas ações praticadas é uma alegria celestial, cuja lembrança subconsciente estimulará a alma a agir melhor ainda em vidas futuras. Mas esse processo é necessariamente lento e pode ser comparado à atividade e operação da velha roda d'água. Contudo, é essa a maneira designada pela natureza para ensinar aos homens a andar prudentemente e observar suas leis. Por esse processo lento, a maior parte da humanidade está gradativamente evoluindo do egoísmo para o altruísmo. Embora extremamente lento, parece ser o único método pelo qual poderá aprender.

Há outra classe que, no relance de uma visão, percebem no distante futuro uma humanidade gloriosa expressando os atributos divinos e vivendo uma vida de amor e paz. Esta classe tem as estrelas como alvo de suas aspirações, e está tentando alcançar em uma ou em poucas vidas curtas, o que seus semelhantes necessitarão de centenas de reencarnações para conquistar. Como os pioneiros ao captar as águas e transmitir cientificamente a eletricidade, eles também estão à procura de um método científico que possa eliminar a perda de tempo e energia envolvidas no lento processo de evolução, e capacitando os a levar avante a grande obra de seu próprio desenvolvimento de forma científica. Este era o problema que os primeiros Rosacruzes se propuseram a resolver e, tendo descoberto este método, agora o estão ensinando a seus fiéis seguidores para a prosperidade eterna de todos os que desejam e perseveram. Já vimos como os engenheiros se incumbiram de aperfeiçoar a primitiva roda do moinho e conseguiram transmitir a eletricidade para pontos distantes, alcançando seus objetivos pelo estudo dos efeitos e defeitos do primitivo mecanismo. Assim também, os Irmãos Maiores da Rosacruz estudaram antes, com auxílio de sua visão espiritual, todas as fases da evolução humana no estado "post-mortem", bem como no mundo físico, para que pudessem assim determinar como o progresso através de muitas vidas é gradativamente alcançado. Estudaram também os grifos e símbolos dados à humanidade através dos séculos para ajudá-la no crescimento da alma, notadamente o Tabernáculo no Deserto que, como disse Paulo, era "uma sombra das boas coisas que virão". Encontraram o segredo do crescimento da alma oculto nos vários utensílios e acessórios usados naquele antigo local de adoração. As cenas do panorama da vida que se desenrolam diante dos olhos da alma depois da morte, causam um sofrimento no purgatório e livram a alma do desejo de repetir as ações que originaram essas imagens. O sal, com o qual se friccionavam as vítimas imoladas no Altar dos Sacrifícios antes de serem colocadas nesse altar, e o fogo, no qual eram consumidas, simbolizavam a dor abrasadora semelhante ao sofrimento que a alma sente no purgatório. Confiando no axioma hermético "Como é em cima, assim é embaixo", eles concluíram que o método da "Retrospecção" se harmoniza com

as leis cósmicas do crescimento da alma, sendo capaz de realizar cada dia o que a experiência purgatorial só faz uma vez numa vida, isto é, purificar a alma do pecado pelo fogo do remorso.

Mas, quando dizemos "Retrospecção", freqüentemente ouvimos as pessoas dizerem: "Oh, isso é ensinado por outro grupos religiosos e eu o fiz durante toda minha vida; eu examino meus atos diários todas as noites antes de dormir".

Porém, isso não é suficiente. Para poder realizar esta prática cientificamente é necessário seguir os processos da natureza, como o fez o eletricitista quando precisou isolar a corrente elétrica do solo e descobriu que o vidro, a porcelana e a fibra agiam como obstáculos à sua passagem. Devemos procurar seguir, em cada detalhe, os processos da natureza nos seus métodos de obter o crescimento anímico. Quando estudamos a expiação purgatorial, aprendemos que "o panorama da vida se desenrola em ordem inversa", do túmulo para o berço. Cenas que se passaram no fim da vida são expiadas antes, e as que aconteceram no começo da juventude são as últimas a serem revistas. Isto serve para mostrar à alma como certas conseqüências na vida foram ocasionadas por causas originadas num período anterior. Do mesmo modo, o método científico do desenvolvimento da alma exige do aspirante que examine sua vida todas as noites antes de dormir, começando pelas últimas ações imediatamente antes de se recolher, continuando gradativamente em ordem inversa para os atos praticados durante a tarde, depois para os da manhã até o momento de acordar. Mas, e isto é muito importante, não é suficiente examinar essas cenas de maneira descuidada e admitir estar arrependido ao defrontar-se com uma cena em que agiu mal ou injustamente para com outra pessoa. Sobre isso os grifos gravados no Altar dos Sacrifícios oferecem instruções precisas. Assim como a carne oferecida era friccionada com sal - como é do conhecimento de todos, o sal num ferimento provoca sensação dolorosa - e como o fogo ateado às ofertas nesse Altar consumia-as, assim também o aspirante ao desenvolvimento da alma deve entender que ele é, ao mesmo tempo, sacerdote e sacrifício; o altar e o fogo. Ele deve permitir que o sal e a chama do remorso queimem e cauterizem no mais recôndito de seu coração todas as falhas cometidas, uma verdadeira contrição ao pensar em qualquer erro, porque unicamente esse profundo e sério procedimento apagará o registro do átomo-semente no coração, deixando-o limpo. A menos que isso seja feito, nada se conseguirá. Mas, se o aspirante ao desenvolvimento científico da alma conseguir tornar bastante intenso este fogo do remorso e da contrição, então, o átomo-semente será purificado dos pecados diários cometidos durante a vida, e mesmo as coisas que aconteceram antes que ele começasse estes exercícios irão gradativamente sendo consumidas por esse fogo purificador, para que, no fim da existência, quando o cordão prateado se romper, o aspirante esteja livre de qualquer panorama de sua vida passada, o que não acontece com as pessoas comuns que não tiveram a felicidade de aprender e praticar este método científico. Como resultado, o aspirante que, ao invés de passar um período de expiação purgatorial equivalente a mais ou menos um terço do tempo que viveu num corpo denso, incansável e decididamente praticar este método, encontrar-se-á desimpedido no mundo invisível, liberto das limitações que prendem e escravizam, e livre para trabalhar pela humanidade sofredora durante o tempo que estiver nas regiões inferiores. Mas há uma grande diferença entre as oportunidades que se oferecem. Aqui, um terço de nossa vida é empregado em repouso e recuperação, outro terço empregado no trabalho para obter recursos para manter nosso corpo denso alimentado, vestido e

abrigado; e apenas o outro terço estará disponível para os propósitos de descanso, recreação ou desenvolvimento da alma. É diferente no Mundo do Desejo, para onde o espírito se dirige após a morte. Os corpos em que lá atuamos não necessitam de alimento, vestuário, nem de abrigo; também não estão sujeitos ao cansaço. Assim, em lugar de passar dois terços do seu tempo provendo o necessário para o corpo, o espírito encontra-se livre para usar seus instrumentos durante as vinte e quatro horas, dia após dia. Portanto, o tempo disponível nos mundos internos por termos vivido diariamente o nosso purgatório aqui, é equivalente ao período de toda uma vida dispendida em trabalhos na Terra. Por outro lado, durante o tempo assim poupado, não devemos manter outro pensamento ou preocupação que não seja como colaborar no aperfeiçoamento do esquema de evolução e ajudar nossos irmãos mais jovens e menos afortunados. Assim, colheremos uma abundante safra e teremos um crescimento maior nessa existência "post-mortem" do que seria possível em muitas vidas comuns. Quando renascermos, traremos conosco todas essas forças da alma assim desenvolvidas, e estaremos muito mais adiantados no caminho da evolução do que poderíamos estar em circunstâncias usuais.

Note-se que outros métodos de desenvolvimento da alma ensinados por outras escolas são perigosos, podendo, algumas vezes, levar os que os praticam ao manicômio. O método científico de desenvolvimento anímico difundido pelos Irmãos Maiores da Fraternidade Rosacruz sempre beneficiam os que o praticam e sob nenhuma circunstância pode causar mal a alguém. Podemos também dizer que há outros meios que aqui não mencionamos, mas que são comunicados àqueles que provaram ser dignos por sua persistência. Mesmo que não aspirem diretamente a evolução da visão espiritual, esta também será desenvolvida por todos que a praticarem com a fidelidade necessária.

CAPÍTULO XVII

Os Céus proclamam a Glória de Deus

"Os Céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento exhibe Sua obra. Dia após dia enunciou Sua palavra, e noite após noite mostrou Seu conhecimento. Não há fala ou língua onde Sua voz não se faça ouvir. Suas formas espalharam-se por toda a Terra e Suas palavras até o fim do mundo. Neles colocou um templo para o Sol, que é como o noivo saindo de sua alcova, que se regozija como um homem forte ao disputar uma competição".

Em toda parte, por milhas ao nosso redor, vemos o glorioso nascer do Sol trazendo luz e vida para todos. Depois, a estrela do dia ascende nos céus para então declinar no horizonte ocidental numa gloriosa explosão de luminosidade quando mergulha no mar, deixando um arrebol de indescritíveis e variadas nuances colorindo os céus como fogo dos mais suaves e belos matizes que o pincel do artista jamais poderá reproduzir com perfeição. Depois a Lua, o astro da noite, nasce sobre as colinas do leste conduzindo para cima, como séquito, as estrelas e constelações em direção ao zênite, ao redor do Sol, em sua perpétua dança circular. Os caracteres estelares descrevem sobre o mapa do céu a evolução passada, presente e futura do homem no seu meio ambiente, o mundo concreto, sem descanso ou paz enquanto o tempo durar.

Neste caleidoscópio em constante mutação dos céus, uma única estrela permanece comparativamente estacionária e, para todos, os efeitos e do ponto de vista de nossa vida efêmera de cinqüenta, sessenta ou cem anos, é um ponto de referência: A Estrela do Norte. Quando o marinheiro navega na vastidão das águas, nutre uma fé absoluta de que enquanto se guiar por esse sinal, chegará a salvo ao porto desejado. Também não desanima quando as nuvens encobrem sua luz orientadora, pois dispõe de uma bússola magnetizada por um poder misterioso que, chova ou faça sol, com neblina ou garoa, aponta infalivelmente para essa estrela fixa e permite que ele guie seu navio tão seguramente como se, na realidade, estivesse vendo a própria estrela. Realmente, os céus proclamam as maravilhas do Senhor.

Assim como é no macrocosmo, o grande mundo fora de nós, também é em nossas vidas. Quando nascemos, o sol da vida desponta e começamos a ascensão através dos anos da infância e da juventude em direção ao zênite da vida adulta. O mundo em constante mutação, que constitui o nosso ambiente incluindo pais, irmãos e familiares, circunda-nos. Com amigos, conhecidos e adversários, enfrentaremos a batalha da existência com a força que adquirimos em nossas vidas passadas, pagando as dívidas contraídas, suportando os encargos diários, talvez para torná-los mais pesados consoante nossa sabedoria ou falta dela. Mas, entre todas as variáveis circunstâncias da vida e as vicissitudes da existência, há um grande e magnífico guia que, como a Estrela do Norte, nunca nos falha. Um guia que está sempre pronto, como a fixa estrela no céu, para nos ajudar a navegar no barco de nossa vida em águas serenas - Deus. É significativo lermos na Bíblia que os Reis Magos quando procuravam o Cristo (NOSSO GRANDE MESTRE ESPIRITUAL), também seguiram uma estrela que os conduziu para esta grande Luz espiritual. O que pensaríamos do capitão de um navio que amarrasse a roda do leme e deixasse o seu navio à deriva, entregando-o às mudanças do vento ou do destino? Surpreender-nos-ia se o navio finalmente naufragasse e o capitão perdesse sua vida nas rochas? Certamente não. O extraordinário seria se conseguisse alcançar a margem.

Uma grande e maravilhosa alegoria que se estampa nos céus em caracteres cósmicos também está escrita em nossas próprias vidas, advertindo-nos a abandonar a material vida fugaz e procurar a vida eterna de Deus. Assim como não ficamos abandonados, sem um guia, embora o véu da carne, o orgulho e a luxúria nos ceguem por algum tempo, assim também o espírito irá atrair-nos para a sua fonte com um anseio e um apelo ardentes que não podem ser inteiramente sufocados, não importa quão submergidos estejamos no materialismo. Presentemente há muitos tateando, procurando, tentando achar uma solução para este íntimo desassossego; algo parece impeli-los, embora não o entendam; algo que continuamente os arrasta para a frente à procura do espiritual, tentando alcançar algo superior -nosso Pai no Céu.

Davi disse: "Se eu subir ao céu, Tu estarás lá; se eu fizer minha cama na tumba, Tu estarás lá; Tua mão direita me guiará e me segurará". No vigésimo oitavo Salmo, ele diz: "Quando considero Teus céus, o trabalho de Teus dedos, a Lua e as estrelas que ordenaste, o que é para Ti o homem que Tu cuidas tanto, e o filho do homem para que Tu o visitasses? Pois Tu o fizeste um pouco mais baixo do que os anjos, e o coroaste de glória e honra. Tu o fizeste para que dominasse as obras de Tuas mãos, Tu puseste todas as coisas sob seus pés".

Tudo isso não é novidade para os que estão procurando a Luz, que estão dando o melhor de si mesmos para viver a vida; mas o perigo está naqueles que se tornam indiferentes, pois podem tornar-se espiritualmente fracos. Portanto, como o timoneiro ao leme do navio está constantemente alerta e vigiando a bússola orientadora, também é muito importante que continuamente nos movimentemos para não adormecer e não deixar que o barco de nossa vida saia do curso. Encaremos firmemente essa estrela da esperança, essa grande luz espiritual, a verdadeira e única coisa realmente importante - a vida de Deus.

CAPÍTULO XVIII

Religião e Cura

Em várias épocas e de maneiras diferentes têm sido dadas à humanidade religiões apropriadas para estimulá-la no caminho da evolução. O ideal de cada uma delas era suficientemente elevado para despertar as aspirações da classe de pessoas a quem eram destinadas, mas não tão elevadas que estivessem além de sua compreensão e deixassem de despertar seu interesse. O selvagem, por exemplo, precisa de um Deus forte, aquele que empunhe a espada flamejante do raio com mão poderosa. Ele irá encarar esse Deus com medo e desprezará um Deus que mostre amor e misericórdia.

Portanto, as religiões foram mudando à medida que o homem evoluiu; o ideal vem sendo elevado lentamente e atingiu o ponto mais alto em nossos ensinamentos cristãos. A flor das religiões é sempre oferecida à flor da humanidade. Numa época futura, uma religião ainda mais elevada será dada a uma raça mais desenvolvida. A evolução é eterna; mas afirmamos que os invisíveis guias da humanidade dão a cada nação os ensinamentos que melhor se apliquem às suas condições. O Hinduísmo ajuda nossos irmãos menores no Leste, mas o Cristianismo é o Ensino Ocidental, particularmente adequado aos povos do Oeste.

Vemos que a massa da humanidade fica aos cuidados da religião ensinada publicamente em seu país de origem. Mas sempre há pioneiros cuja precocidade exige um ensinamento superior e a eles é ministrada uma doutrina mais profunda através da Escola de Mistérios de seu país. (quando apenas uns poucos estão aptos a receber esses ensinamentos preparatórios, eles são ministrados particularmente. Porém, a medida que o número aumenta, os conhecimentos são ensinados publicamente.

É o que acontece atualmente no mundo ocidental.

Os Irmãos da Rosacruz ministraram ao autor uma filosofia como a que foi publicada em nossas várias obras, e aprovaram a fundação da *Fraternidade Rosacruz* para propagar esses ensinamentos. O propósito é colocar as almas aspirantes em contato com o Mestre quando, pelo serviço aqui no mundo físico, mostrarem sua sinceridade e derem provas suficientes de que usarão sua força e conhecimento para servir no mundo espiritual quando forem iniciados nele.

Os ensinamentos superiores nunca são ministrados com fins lucrativos. No passado, Pedro repreendeu Simão, o feiticeiro, que queria comprar o poder espiritual para prostituí-lo com ganhos materiais. *Os Irmãos Maiores também se recusam a abrir as portas aos que prostituem a ciência espiritual distribuindo horóscopos, lendo as mãos, ou dando interpretações de clarividência profissionalmente, por dinheiro.* A Fraternidade Rosacruz apóia o estudo da astrologia e da quiromancia, e proporciona, gratuitamente, um curso de astrologia, para que todos os seus membros possam estar conscientemente habilitados nessa ciência, e não sejam enganados por profissionais que são quase sempre charlatães.

Durante os últimos anos, desde que começamos a divulgar os Ensinamentos Rosacruz, estes espalharam-se rapidamente pelo mundo civilizado. São estudados avidamente desde o Cabo da Boa Esperança até o Círculo Ártico e ainda além. Têm encontrado resposta nos corações de toda classe de pessoas - nas cabanas cobertas de neve dos mineiros do Alasca, nas casas governamentais onde um vento tropical desfralda o Leão Britânico, nas

capitais das autocracias turcas, do mesmo modo que nas democracias americanas. Nossos adeptos podem ser encontrados tanto em instituições governamentais como nas mais modestas esferas da vida, todos correspondendo-se ativamente conosco, em íntimo contato com nosso movimento e trabalhando para a divulgação das verdades profundas referentes à vida e aos seres que os estão ajudando.

Os Princípios Rosacruz de Cura

Um ditado comum diz que "o homem tem breves dias e longos problemas". Entre todas as vicissitudes da vida, nenhuma nos afeta tão poderosamente como a perda da saúde. Podemos perder a fortuna ou amigos com relativa equanimidade, mas, quando a saúde falha e a morte ameaça, o mais forte vacila. Compreendendo a impotência humana, ficamos mais inclinados a procurar socorro no poder divino do que o fazemos em outras ocasiões. Daí, o papel do conselheiro espiritual estar sempre mais ligado ao padre.

Entre os selvagens, o sacerdote era também "curandeiro". Na Grécia antiga, Esculápio era muito procurado pelos que necessitavam de cura. A Igreja seguiu essa linha. Algumas ordens católicas prosseguem no mister de aliviar a dor desde séculos passados até o presente. Em tempos de doença, o "bom padre" vinha como representante de nosso Pai do Céu, e o que lhe faltava em perícia, sobrava-lhe em amor e compaixão - se ele fosse deveras um verdadeiro e santo padre - e pela fé transmitida ao paciente pelos ritos sacerdotais, conseguia anima-lo. Seus cuidados com o paciente não começavam à sua cabeceira quando doente, nem terminavam com sua recuperação. A gratidão do paciente para com o médico era somada à veneração sentida para com o conselheiro espiritual e, conseqüentemente, o poder em ajudar e animar seu paciente ficava grandemente aumentado, e o laço entre eles tornava-se mais forte do que quando as atividades de conselheiro espiritual e médico se encontravam separadas.

Não podemos negar que o duplo encargo enseja ao curador um poder imensamente perigoso sobre as pessoas, e que, muitas vezes, ele abusou desse poder. É evidente que a medicina atingiu um grau de eficiência que não seria possível se não houvesse também o devotamento a este específico fim de curar. A promulgação de leis sanitárias, a extinção dos insetos transmissores de moléstias, e a conseqüente imunidade à certas doenças são testemunhos monumentais do valor dos métodos científicos modernos. Parece, de certa forma, que tudo está bem e que não há necessidade de maiores esforços. Mas, na realidade, até que toda a humanidade goze de perfeita saúde, não há problema mais importante do que: "Como podemos conseguir e manter a saúde?"

Além das escolas regulares de cirurgia e medicina, que contam exclusivamente com meios físicos para cuidar das enfermidades, apareceram outros sistemas que dependem inteiramente da cura mental. É hábito das organizações que defendem a "cura pela mente", "cura pela natureza" e outros métodos semelhantes, fazerem relatos de experiências e publicá-los em revistas com testemunhos dos partidários que foram beneficiados por esses tratamentos. Se os médicos das escolas tradicionais fizessem o mesmo, não haveria falta de testemunhos semelhantes sobre a sua eficiência.

A opinião de milhares é de grande valia, mas isso nada prova, pois milhares podem ter um ponto de vista diferente. Ocasionalmente, um homem pode estar certo e o resto do mundo errado, como quando Galileu afirmou que a Terra se movia. Hoje todo o mundo está ciente dessa verdade pela

qual ele foi perseguido como herege. Nós afirmamos que como o homem é um ser composto, as curas terão sucesso na proporção em que se previnam males nos planos físico, moral e mental da pessoa. Afirmamos também que é possível obter resultados com maior facilidade em determinadas épocas, quando os raios estelares são propícios para a cura de uma determinada doença ou para tratamento com remédios previamente preparados sob condições favoráveis.

O médico moderno bem sabe que as condições do sangue, e portanto o estado geral de todo o organismo, muda em concordância com o estado mental do paciente, e quanto mais o médico usar a sugestão como um auxílio para a medicina, maior sucesso terá. Talvez poucos admitam o fato de que tanto o estado mental como o físico sejam influenciados pelos raios planetários que mudam à medida que os planetas se movimentam. Atualmente, desde que se estabeleceu o princípio da radioatividade, sabemos que todas as pessoas lançam no espaço inúmeras pequenas partículas. A telegrafia sem fio ensinou-nos que as ondas etéricas se propagam rápida e firmemente pelos espaços sem fim e operam numa faixa segundo a nossa vontade. Sabemos também que os raios do Sol afetam as pessoas de maneira diferente pela manhã, quando as atingem horizontalmente, do que ao meio dia, quando são perpendiculares. Se os raios luminosos do Sol, que se movimentam velozmente, produzem modificações físicas e mentais, não podem os raios persistentes dos planetas mais lentos produzir também um efeito? Se eles podem, são fatores capazes de influir na saúde, o que não deve ser desprezado pelo médico que segue a linha inteiramente científica.

Doença é uma manifestação de ignorância, o único pecado. Curar é a demonstração do conhecimento aplicado, a única salvação. Cristo é a incorporação dos Princípios da Sabedoria e, à proporção que Cristo se forma em nós, alcançamos a saúde. Portanto, o curador deveria ser espiritual e tentar transmitir altos ideais a seu paciente para que, conseqüentemente, ele aprenda a respeitar as leis de Deus que governam o universo, e assim alcançar saúde permanente tanto agora como em vidas futuras.

Contudo, a fé sem obras é morte. Se persistirmos em viver sob condições de insalubridade, a fé não nos livrará do tifo. Quando usamos medidas preventivas adequadas ou remédios para as doenças, estamos de fato mostrando nossa fé por atos.

Como outras ordens de Mistérios, a Ordem Rosacruz também objetiva ajudar a humanidade na conquista da saúde do corpo. Já foi mencionado em várias obras que os membros da Ordem fizeram voto de auxílio de cura gratuitamente. Esta declaração está incompleta. Os Irmãos Leigos faziam voto de servir aos outros com o melhor de suas possibilidades, gratuitamente. Este voto incluía a cura e, naturalmente, no caso de homens, como Paracelso, que possuíam a capacidade de combinar o método de medicamentos físicos usados sob influências estelares propícias e conselho espiritual, eram altamente bem sucedidos. Outros não estavam qualificados para curar, mas trabalhavam em outras áreas prestando vários e abnegados serviços. *Mas todos se igualavam num pormenor: jamais cobravam por seus serviços, e sempre trabalhavam em segredo sem o soar das trombetas ou o rufar dos tambores.*

CAPÍTULO XIX

Discurso na colocação da Pedra Fundamental em Mt. Ecclesia

Cristo disse: "Onde dois ou três estiverem reunidos em Meu nome, Eu estarei no meio deles" e, como tudo que Ele disse, essa declaração era a expressão da mais profunda sabedoria divina. Ela se apóia sobre uma lei da natureza, tão imutável como o próprio Deus. Quando os pensamentos de dois ou três focalizam-se sobre qualquer objeto ou pessoa determinada, gera-se uma forma poderosa de pensamento como uma expressão definida de suas mentes imediatamente projetada para seu objetivo. Seus efeitos ulteriores dependerão da afinidade entre o pensamento e a quem ele é endereçado, pois para conseguir gerar uma correspondência vibratória sobre a nota soada pelo diapasão, é necessário outro diapasão afinado no mesmo tom.

Se forem projetados pensamentos e orações de natureza inferior e egoísta, apenas criaturas inferiores e egoístas responderão a eles. Essa espécie de oração nunca chegará até Cristo, como a água não pode correr montanha acima. Gravita para os demônios ou elementais, que são totalmente indiferentes às sublimes aspirações manifestadas pelos que estão reunidos em nome de Cristo.

Como estamos reunidos hoje neste lugar a fim de assentar a pedra fundamental para a construção da Sede de uma Associação Cristã, estamos confiantes que, tão certo como a gravidade atrai uma pedra em direção ao centro da terra, o fervor de nossas aspirações unidas atrairá a atenção do Fundador de nossa fé (Cristo),. que assim estará entre nós. Tão certamente como diapasões com a mesma afinação vibram em unísono, também o augusto Cabeça da Ordem Rosacruz (Christian Rose Cross) faz sentir sua presença nessa ocasião quando a sede da Fraternidade Rosacruz está tendo início. O Irmão Maior que inspirou este movimento está presente e visível, pelo menos para alguns de nós. Estão presentes nesta maravilhosa ocasião e diretamente interessados nos acontecimentos formando o número perfeito - 12. Isto é, há três guias invisíveis que estão além do estágio da humanidade comum, e nove membros da Fraternidade Rosacruz. Nove é o número de Adão, ou homem. Destes, cinco - número ímpar masculino - são homens, e quatro - número par feminino - são mulheres, enquanto que o número dos guias invisíveis, três, apropriadamente representa a Divindade assexuada. O número dos que atenderam ao convite não foi programado pelo orador. Os convites para tomar parte nesta cerimônia foram enviados a muitas pessoas, mas apenas nove aceitaram. E, como não acreditamos no acaso, o comparecimento deve ter sido conduzido de acordo com os desígnios de nossos Guias invisíveis. Pode ser entendido também como a expressão da força espiritual por trás deste movimento, e não é necessária maior prova do que observarmos a extraordinária expansão dos Ensinamentos Rosacruzes, que se disseminaram por todas as nações da Terra nos últimos anos, despertando aprovação, admiração e amor nos corações de todas as classes e condições de pessoas, *especialmente entre os homens*.

Enfatizamos isto como um fato notável, pois enquanto todas as outras organizações religiosas compõem-se em sua maioria de mulheres, os homens são maioria entre os membros da Fraternidade Rosacruz. Também é significativo que nossos membros médicos sejam mais numerosos que os de outras profissões, e que, em seguida, estejam os ministros religiosos. Isto prova que aqueles que têm a prerrogativa de cuidar do corpo enfermo estão conscientes que causas espirituais geram fraqueza física, e estão

tentando compreendê-las para melhor ajudar os enfermos. Demonstra também que aqueles cujo trabalho é cuidar do espírito doente, estão tentando socorrer mentes inquisidoras com explicações razoáveis sobre os mistérios espirituais. Reforçam assim sua fé esmorecida e tentam firmar seus laços com a Igreja, ao invés de responder com máximas e dogmas não sustentadas pela razão, o que abriria totalmente as comportas para o mar agitado do ceticismo, afastando aqueles que procuram a luz através do porto seguro da Igreja, e levando-os para a escuridão do desespero materialista.

É um abençoado privilégio da Fraternidade Rosacruz socorrer a muitos que buscam sinceramente a verdade e que, embora ansiosos, são incapazes de acreditar no que lhes parece contrário à razão. Recebendo explicações razoáveis sobre a fundamental harmonia entre os dogmas e doutrinas apresentadas pela Igreja e as leis da natureza, muitos retornaram à sua congregação, regozijando-se com os companheiros, tornando-se mais fortes e melhores membros do que antes de se afastarem.

Qualquer movimento para perdurar deve possuir três qualidades divinas: *Sabedoria, Beleza e Força*. Ciência, arte e religião, cada uma possui, de certa forma, uma dessas qualidades. O objetivo da Fraternidade Rosacruz é unir e harmonizar umas com as outras, ensinando uma religião que é tanto científica como artística, e reunir todas as igrejas numa só grande Irmandade Cristã. Presentemente, o relógio do destino marca um momento auspicioso para o início das atividades da construção, erigindo um centro visível de onde os Ensinamentos Rosacruzes possam irradiar sua benéfica influência para aumentar o bem estar de todos que estão física, mental ou moralmente enfermos.

Portanto, agora ergamos a primeira pá de terra no local da construção com uma prece pela *Sabedoria*, para guiar esta grande escola no caminho certo. Cavemos o solo uma segunda vez, com uma súplica ao Mestre Artista pelo direito de introduzir aqui a *Beleza* da vida superior, de tal maneira a torná-la atrativa para toda humanidade. Cavemos pela terceira e última vez com relação a esta cerimônia, murmurando uma prece pela *Força*, para que, paciente e diligentemente, possamos continuar o bom trabalho em perseverar e tornar este lugar um maior fator de elevação espiritual do que qualquer dos que nos antecederam.

Cavado o local do primeiro prédio, continuaremos agora plantando o símbolo maravilhoso da vida e do ser, o emblema da Escola de Mistérios Ocidentais. O emblema consiste da cruz, representando a matéria, e das rosas, que envolvem e rodeiam o tronco, representando a vida em evolução subindo cada vez mais alto pela crucificação. Cada um de nós, os nove membros, participará deste trabalho de escavação para este primeiro e maior ornamento de Mt. Ecclesia. Vamos fixá-lo numa posição que os braços apontem um para Leste e outro para Oeste, enquanto o Sol do meridiano projeta-o inteiramente em direção ao Norte. Assim, ele estará diretamente no caminho das correntes espirituais que vitalizam as formas dos quatro reinos da vida: mineral, vegetal, animal e humano.

Sobre os braços e a parte superior desta cruz podemos ver três letras douradas, "C.R.C", Christian Rosenkreuz, ou Christian Rose Cross, as iniciais do Chefe Augusto da Ordem. O simbolismo desta cruz está parcialmente explicado aqui e também em nossa literatura, mas seriam necessários volumes para dar uma explicação completa. Vamos olhar um pouco mais longe sobre o significado da lição que nos oferece este maravilhoso emblema.

Quando vivíamos na densa *atmosfera aquosa da antiga Atlântida*, estávamos sob leis completamente diferentes das que nos regem hoje. Quando deixávamos o corpo, não o percebíamos, pois nossa consciência estava focalizada mais no mundo espiritual do que nas densas condições da matéria. Nossa vida era uma existência contínua; não percebíamos nem o nascimento nem a morte.

Ao emergirmos para as *condições aéreas da Época Ária*, o mundo de hoje, nossa consciência do mundo espiritual desvaneceu-se e a forma tornou-se mais proeminente. Então, começou uma *existência dupla*, cada fase definidamente diferenciada da outra pelos eventos do nascimento e da morte. Uma dessas fases é a vida do espírito livre no reino celestial; a outra, um aprisionamento num corpo terrestre, que é virtualmente a morte do espírito, como está simbolizado na mitologia grega de Castor e Pólux, os gêmeos celestiais.

Já foi elucidado em diversos pontos de nossa literatura, como o espírito livre ficou emaranhado na matéria pelas maquinações dos espíritos de Lúcifer, aos quais Cristo se referiu como as falsas luzes. Isso ocorreu na *ígnea Lemúria*. Portanto, *Lúcifer pode ser chamado o Gênio da Lemúria*.

O efeito de seu erro não ficou totalmente aparente até a *Época de Noé*, compreendendo o período final Atlante e o da nossa presente *Época Ária*. O arco-íris, que não poderia existir sob as condições atmosféricas anteriores, pairou com suas cores sobre as nuvens como uma inscrição mística quando a humanidade entrou na *Época de Noé*, onde a lei dos ciclos alternantes trouxe enchente e vazante, verão e inverno, nascimento e morte. Durante esta era, o espírito não pode fugir permanentemente do corpo mortal gerado pela paixão satânica primeiramente inculcada por Lúcifer. Suas repetidas tentativas de fugir para seu lar celestial são frustradas pela lei da periodicidade, pois, ao livrar-se de um corpo pela morte, será trazido para renascer quando o ciclo se completar.

Engano e ilusão não podem perdurar eternamente. Surgiu, portanto, o *Redentor* para purificar o sangue cheio de paixão, para pregar a verdade que nos libertará deste corpo de morte. Surgiu para inaugurar a imaculada concepção ao longo das linhas grosseiramente indicadas na ciência da eugenia, para profetizar uma nova era, um novo céu e uma nova terra, onde Ele, a verdadeira Luz, será o Gênio; uma era em que florescerão a virtude e o amor, pelos quais toda a humanidade suspira e procura.

Tudo isto e a maneira de evoluir estão simbolizados na cruz de rosas que temos em frente. A rosa, na qual a seiva da vida está inativa no inverno e ativa no verão, ilustra com clareza o efeito da lei dos ciclos alternantes. A tonalidade da flor e seus órgãos reprodutores lembram o nosso sangue. No entanto, a seiva que flui é pura, e a semente é gerada imaculadamente, sem paixão:

Quando alcançarmos a pureza de vida assim simbolizada, estaremos libertos da cruz da matéria, e as condições etéricas do milênio estarão presentes. A aspiração da Fraternidade Rosacruz é apressar esse dia feliz, quando a tristeza, a dor, o pecado e a morte desapareçam e nós sejamos redimidos das fascinantes mas escravizantes ilusões da matéria, e despertados para a suprema verdade da realidade do Espírito. Que Deus apresse e frutifique nossos esforços.

CAPÍTULO XX

Nosso Trabalho no Mundo

Parte I - (Publicação - Maio, 1912)

Ultimamente chegamos à conclusão que o trabalho da Fraternidade Rosacruz não é nosso trabalho particular; é o trabalho dos Irmãos Maiores e de todos os membros da Fraternidade *na execução do qual encontramos uma excelente oportunidade para o desenvolvimento da alma*. Não temos o direito de usurpá-lo para nós, como não o temos de privar os membros do alimento material. Devemos dar a todos a oportunidade de colaborar neste trabalho, seja física, mental ou financeiramente de acordo com tempo, talento, aptidão e condições de cada um. Também entendemos que, a não ser que o façamos, o trabalho ficará incompleto e nós seremos servos improdutivos dos Irmãos Maiores. A carga é maior do que podemos suportar e, para prosperar, a Grande Obra necessita de muitos colaboradores. Portanto, nesta lição darei um histórico do que foi realizado até hoje para que os estudantes tenham uma real perspectiva do que deverá ser o futuro trabalho. Será necessário abusar do pronome "Eu", e os estudantes vão bondosamente ser pacientes comigo neste caso. Ninguém menos aprecia introduzir um elemento pessoal do que o autor, mas no caso presente parece ser inevitável.

Temos deixado claro em nossa literatura, como um ensinamento axiomático, que cada objeto no universo visível é a corporificação de um pensamento invisível pré-existente. Fulton construiu um barco a vapor e Bell um telefone; primeiro em pensamento antes que esses inventos fossem construídos em madeira e metal. Do mesmo modo, um escritor planeja e mentaliza um livro antes de escrevê-lo. Uma Ordem de Mistérios também deve estruturar sua filosofia espiritual para satisfazer as necessidades das pessoas que foi encarregada de servir. Esse trabalho pode levar séculos. Como as investigações científicas são realizadas no isolamento dos laboratórios, e como suas conclusões experimentais, que pretendem promover o avanço intelectual da raça, não são divulgadas até estarem devidamente comprovadas, assim também os ensinamentos espirituais destinados a incrementar o desenvolvimento da alma entre uma classe de pessoas, não são ministrados à maioria até que fique demonstrada sua eficácia com aquela minoria.

Como as invenções, também as teorias ou projetos passam pelo estágio experimental e algumas vezes são recusados, a menos que sejam convenientes para uso geral. Também um ensinamento espiritual deve atingir um ponto de perfeição para que possa ser divulgado no trabalho do mundo, pois, de outro modo, morre. Assim tem sido com os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental formulados pela Ordem Rosacruz para harmonizarem-se com a mente extremamente intelectual da Europa e da América. Nosso venerado Fundador e os doze Irmãos Maiores, que ele escolheu séculos atrás para ajudá-lo na obra, provavelmente fizeram um estudo retrospectivo da linha de pensamento da nossa era, abrangendo talvez o estudo de milênios anteriores. Dessa forma, estavam aptos a obter uma concepção apurada da direção que provavelmente tomariam as mentes das gerações futuras e determinar suas necessidades espirituais. Quaisquer que fossem os seus métodos, suas conclusões foram corretas quando concluíram que o *"orgulho intelectual, a intolerância e a impaciência diante das limitações e restrições"* seriam os pecados dominantes em nossos dias. Formularam sua filosofia de modo a satisfazer o coração, ao mesmo tempo que apelaram para o intelecto ensinando o homem como vencer

essas limitações através do domínio próprio. Recebemos milhares de cartas de apreço de pessoas de todo o mundo, das altas esferas às camadas mais baixas, que atestam o desejo ardente da alma e a satisfação que todos encontraram nestes ensinamentos. Mas, à medida que o tempo passar, daqui a cinqüenta anos, um século ou dois, quando as descobertas científicas confirmarem muitas das afirmações contidas no "*Conceito Rosacruz do Cosmos*"; quando as inteligências se tornarem ainda mais abertas, os Ensinamentos Rosacruz darão satisfação espiritual a milhões de espíritos esclarecidos.

Neste caso, achamos fundamentais os cuidados que os Irmãos Maiores devem ter antes de confiar tão importante mensagem a qualquer um, principalmente porque tais ensinamentos só serão divulgados em épocas determinadas. Como a semente das plantas é plantada no começo do ciclo anual, também uma semente filosófica, como os Ensinamentos da Rosacruz, deve ser plantada e o livro. publicado na primeira década do século quando se inicia um novo ciclo, ou perde-se a oportunidade até o começo de outro. Em 1905 um mensageiro foi considerado inapto. Então, os Irmãos Maiores voltaram-se para mim e confiaram-me os ensinamentos depois de me testarem em 1908. O livro "*O Conceito Rosacruz do Cosmos*" foi publicado em Novembro de 1909, pouco mais de um ano antes do fim da primeira década. Amigos publicaram o manuscrito original e fizeram um trabalho esplêndido, mas é claro que eu precisava revisá-lo antes de entregá-lo à impressora. Depois li as provas da impressora, corriji-as e devolvi-as. Tornei a lê-las depois que os erros foram corrigidos, li-as novamente depois de paginadas, dei instruções aos gravadores sobre os desenhos, e ao impressor como distribuí-la no livro, etc. Eu levantava-me às seis horas e trabalhava até à meia-noite, uma, duas ou três horas da madrugada, durante semanas, por entre confusões intermináveis com comerciantes e o ruído de Chicago em meus ouvidos, muitas vezes chegando ao limite de minha resistência nervosa. Ainda assim consegui concentrar-me e escrevi muitas questões novas no "*Conceito*". Eu teria sucumbido não fosse o apoio dos Irmãos. Era obra deles e eles ajudaram-me. Tudo o que eu devia fazer era trabalhar até o limite de minhas forças e capacidade, deixando o resto por conta deles. Contudo, eu era quase uma ruína quando essa tarefa acabou.

Talvez agora todos entendam a minha atitude no que se refere ao "*Conceito Rosacruz do Cosmos*". Mais do que ninguém, permaneço extasiado diante de seus maravilhosos ensinamentos, e posso fazê-lo sem falsa modéstia porque o livro não é meu - ele pertence à humanidade. Inclusive nem parece que fui eu que o escrevi. Sinto-me absolutamente impessoal no assunto. Minha tarefa é cuidar que seja publicado corretamente, e os direitos autorais sirvam simplesmente para protegê-lo contra deturpações. Mas logo que seja possível encontrar depositários responsáveis e competentes, a Fraternidade Rosacruz será incorporada e todos os meus direitos autorais passarão para eles,

juntamente com tudo mais que me pertença, pois faz parte do acordo com os Irmãos que qualquer lucro resultante da obra, a ela deve reverter. Aceitei essa condição voluntariamente, pois nem eu nem Mrs. Heindel preocupamo-nos com dinheiro, a não ser o necessário para levar adiante esse trabalho. A abençoada missão é para nós a melhor recompensa, mais preciosa do que qualquer dádiva material.

Entre algumas tolices publicadas sobre a Ordem Rosacruz, existe uma que menciona uma grande verdade: ela anseia curar os doentes. Antigas ordens

religiosas procuravam o desenvolvimento espiritual flagelando o corpo, mas os Rosacruzes demonstram o maior zelo por esse instrumento. Há duas razões para sua atividade de curar. Como todos os outros zelosos seguidores de Cristo, eles esperam ansiosamente pelo "dia do Senhor". Sabem que o abuso da força sexual, inspirado pelos espíritos de Lúcifer, provoca e é responsável por doenças e debilidades, e que um corpo sã é indispensável para a manifestação de uma mente sã. Por isso, eles esforçam-se por curar o corpo físico para que este possa expressar uma mente sadia e um amor puro em lugar de um amor pervertido. A concepção sob tais condições apressa o Reino de Cristo, produzindo corpos cada vez mais puros para substituir "a carne e sangue que não podem herdar o Reino" por serem fisicamente incapazes.

Cristo deixou dois mandamentos para seus seguidores: "Pregar o Evangelho" (da próxima Era) e "Curar os Enfermos". Um é tão obrigatório quanto o outro e, pelas razões já apresentadas, igualmente necessários. Para cumprir o segundo mandamento, os Irmãos Maiores desenvolveram um sistema de cura que combina os melhores pontos das diversas escolas de hoje com um método de diagnose e tratamento tão certo quanto simples. Assim foi dado um grande passo para elevar a ação de curar, das areias da experiência às rochas do conhecimento exato.

Na noite de 9 de Abril de 1910, quando a lua nova transitava por Aries, meu Mestre apareceu em meu quarto e disse que uma nova década (ciclo) havia começado naquela noite. Na noite anterior, o meu trabalho com o recém formado Centro de Fraternidade de Los Angeles havia terminado. Eu viajara e realizara conferências seis noites por semana, além de algumas tardes. Depois da minha experiência em Chicago na época da edição, adoeci e afastei-me do trabalho em público para me recuperar. Eu sabia que era muito perigoso abandonar conscientemente o corpo quando doente, pois o éter está muitíssimo atenuado e o cordão prateado pode romper-se com facilidade. A morte, sob tais condições, causaria os mesmos sofrimentos que o suicídio. Por isso, previne-se sempre o Auxiliar Invisível para ficar em seu corpo quando este está enfermo. Mas, por solicitação do meu Mestre, eu estava pronto para o vôo da alma até o Templo, e alguém ficou incumbido de cuidar do meu corpo enfermo.

CAPÍTULO XXI

Nosso Trabalho no Mundo*Parte II*

Como foi exposto anteriormente em nossa literatura, há nove graus dos Mistérios Menores - em qualquer escola - e a Ordem Rosacruz não é exceção. O primeiro deles corresponde ao Período de Saturno e os exercícios correspondentes são realizados no dia de Saturno, aos sábados à meia-noite. O segundo grau corresponde ao Período Solar, e este rito específico é celebrado aos domingos. O terceiro grau corresponde ao Período Lunar, e é comemorado às segundas-feiras à meia noite; e assim sucessivamente com os restantes sete graus. Cada um corresponde a um Período e tem, por isso, o dia apropriado para a sua celebração. O oitavo grau é celebrado nas noites de lua nova e lua cheia, e o nono grau nos solstícios do verão e do inverno.

Quando um discípulo se torna um irmão ou irmã leiga, ele ou ela são introduzidos ao ritual celebrado nas noites de Sábado. A Iniciação seguinte faculta-os assistir os serviços do Templo, à meia noite dos Domingos, e assim por diante. Note-se que, embora todos os irmãos e irmãs leigas tenham livre acesso ao Templo nos seus corpos espirituais durante todos os dias, eles são proibidos de entrar nos serviços da meia-noite nos graus que ainda não tenham alcançado. Não há um guarda visível que permaneça à porta exigindo a palavra-passe para quem desejar entrar, mas há um muro ao redor do Templo, invisível mas impenetrável para aqueles que ainda não receberam o "Abre-te Sésamo". Cada noite esta muralha é constituída de modo diferente, por isso se alguém, por engano ou por esquecimento, quiser entrar no Templo quando os exercícios que aí se celebram estão acima de seu grau, ele aprenderá que é possível bater a cabeça contra a muralha espiritual, e esta experiência não é nada agradável.

Como já foi dito, o oitavo grau oficia-se nas noites de lua nova e lua cheia, e os que ainda não atingiram esse estágio são excluídos do serviço da meia-noite, e o autor foi um deles. Esses graus não se podem alcançar com dinheiro, mas exigem um desenvolvimento de espiritualidade muito além do que possuo atualmente, um estágio que não alcançarei senão depois de muitas outras vidas, não obstante o meu atual esforço e aspiração. Portanto, o leitor entenderá que na noite de lua nova em Aries em 1910, quando o Mestre veio me buscar, não foi para levar-me àquela exaltada reunião do oitavo grau, mas a outra sessão de natureza diferente. Além disso, ainda que aquela reunião tenha ocorrido à noite na Califórnia, o horário sendo diferente na Europa, os exercícios da lua nova foram celebrados na Alemanha algumas horas antes. Por isso, quando cheguei ao Templo com o meu Mestre, o Sol já estava alto nos céus da Alemanha.

Depois de entrarmos no Templo, passei algum tempo numa conversa a sós com o Mestre e, então, ele fez um esboço da missão da Fraternidade, tal como os Irmãos queriam que ela fosse levada adiante. A nota-chave de tudo deveria ser, se possível, evitar uma organização ou pelo menos torná-la tão livre quanto pudesse. Já foi dito que não importa se as intenções são boas no começo, pois, tão logo sejam criadas posição e poder que possam gratificar a vaidade dos homens, a tentação torna-se muito grande para a maioria. E, à medida que o livre arbítrio dos membros é conspurgado, frustra-se a finalidade da Ordem Rosacruz que é estimular a individualidade e a auto-confiança. Leis e estatutos são limitações, por

isso, deveria haver o menor número possível deles. O Mestre até pensou que seria possível passar sem eles.

Foi de acordo com essa política que fiz imprimir em nosso papel timbrado, "*Uma ASSOCIAÇÃO Internacional de Cristãos Místicos*", pois há uma grande diferença entre uma associação, que é inteiramente de voluntários, e uma organização que vincula os membros a votos, promessas, etc. Os que tomaram o compromisso como probacionistas na Fraternidade Rosacruz sabem que *esse Compromisso é uma promessa a eles próprios* e não à Ordem Rosacruz. O mesmo cuidado para assegurar o máximo da liberdade individual evidencia-se em todas as etapas da Escola de Mistérios Ocidental. Nós não temos Mestres; eles são nossos amigos e nossos professores, e sob nenhuma condição exigem obediência a alguma ordem, nem nos impelem a fazer isto ou aquilo. Quando muito nos aconselham, deixando-nos livres para a escolha.

Posso dizer que esta política de não *organizar* já está sendo adotada nos centros de estudos em Columbus, Ohio, Seattle, Washington, e Los Angeles. Desde então, tenho ido mais além nessa diretriz, tentando divulgar os ensinamentos através de uma Sede Mundial em vez de formar novos centros em diversas cidades. Em alguns lugares, grupos de estudantes desejaram reunir-se para estudos e elevação espiritual. Com esse propósito foi-lhes dada toda assistência possível, mas como já foi dito, não me empenho em formar centros de estudos, mas deixo os estudantes agirem para sentirem-se estimulados.

O novo trabalho de curar, sobre o qual falarei agora, precisava de uma sede permanente. Como vivemos num mundo concreto, sob condições materiais, parece ser necessário que a sede forme uma sociedade sob as leis do país em que vive, para que o que pertence à obra possa ficar disponível para o uso da humanidade depois que os líderes atuais se tenham desprendido da vida física. Até aqui não pudemos evitar as rígidas e firmes condições de organização na sede, mas a *associação sem restrições deve permanecer livre* para que possa alcançar maior crescimento espiritual e vida mais longa. No entanto, é triste considerar que, embora sejam essas as nossas intenções, chegará o dia em que a Fraternidade Rosacruz terá o mesmo destino de todos os outros movimentos: ficará atada por regras, e a usurpação de poder fará com que ela se cristalize e desintegre. Mas é um consolo saber que de suas ruínas surgirá algo maior e melhor, como ela surgiu de outras estruturas que já tiveram sua utilidade e agora estão em vias de extinção.

Depois desta entrevista, entramos no Templo onde os doze Irmãos estavam presentes. Tudo estava arrumado diferentemente do que eu tinha visto antes, mas, por falta de espaço, não posso dar uma descrição mais detalhada do que lá havia. Mencionarei somente três esferas suspensas uma sobre a outra no centro do Templo; a esfera do meio estava na metade da altura entre o piso e o teto e era a maior delas, as outras duas estavam suspensas uma acima, outra abaixo dela.

As várias formas de visão, além da visão física, são: a etérica ou raios-X; a visão da cor que nos abre o Mundo do Desejo; a visão tonal, que revela a Região do Pensamento Concreto, como está plenamente explicado no livro "Os Mistérios Rosacruzes". Meu desenvolvimento desta última fase da visão espiritual tinha sido muito fraco até o momento acima mencionado, porque é um fato que quanto melhor for a nossa saúde, tanto mais apegados estamos ao mundo físico e menos capazes de entrar em contato com as

regiões espirituais. Pessoas que dizem: "Não estive doente um único dia em minha vida", revelam estar perfeitamente sintonizadas com o mundo físico e menos capazes de contatar os reinos espirituais.

Esse foi o meu caso até o ano 1905. Sofri dores atrozes durante toda a vida, conseqüência de uma cirurgia na perna esquerda realizada na minha infância. A ferida não cicatrizava e só depois que eu deixei de comer carne é que fiquei curado e a dor desapareceu. Minha resistência e paciência foram grandes durante todos esses anos e nunca demonstrei as dores por que passava. Mas, fora isso, gozava fisicamente de perfeita, saúde. É interessante notar também que quando eu sofria qualquer acidente e me cortava, o sangue fluiu e não coagulava e, em conseqüência, eu perdia muito sangue. No entanto, depois de dois anos de uma dieta pura e equilibrada, quando acidentalmente fiquei sem uma unha inteira, perdi só umas poucas gotas de sangue e pude escrever à máquina na mesma tarde sem qualquer infecção e uma nova unha cresceu.

A edificação da parte espiritual da nossa natureza produz, muitas vezes, distúrbios em nosso corpo físico. Este fica muito mais sensível às condições do ambiente e, portanto, o resultado pode ser um esgotamento. Para mim este esgotamento foi total, porque a resistência antes mencionada e que me conservou de pé por finesses, quando eu deveria ter descansado, levou-me às portas da morte.

A morte é a permanente ruptura do laço entre os corpos físico e o espiritual. Os que chegam perto dela aproximam-se das condições que existem quando está para ocorrer o desligamento. Goethe, o grande poeta alemão, recebeu sua primeira Iniciação quando seu corpo se achava debilitado à beira da morte. Eu não havia progredido tanto, mas meus estudos, aspirações e um exercício praticado por muito tempo, e que eu achava naquela época que foi inventado por mim, mas que agora sei que já vinha do passado, contribuíram para que eu, durante aquela doença anterior, pudesse abandonar o meu corpo por um curto espaço de tempo e depois regressar. Não sei como fazia isso, e nem podia fazê-lo voluntariamente. Contudo, isso não vem ao caso. O ponto que quero ressaltar é que a perda de uma saúde perfeita é necessária antes de conseguirmos equilíbrio no mundo espiritual, e quanto mais forte e vigoroso o instrumento, tanto mais drástico será o método para debilitá-lo. Então, vêm anos de condições de saúde oscilantes até que possamos ajustá-las de maneira a manter a saúde no mundo físico, ao mesmo tempo que adquirimos capacidade de funcionar também nos reinos superiores.

Assim aconteceu comigo: um trabalho exaustivo, tanto físico como mental, contínuo até hoje, tem deixado o meu instrumento físico longe de um estado saudável. Amigos alertam-me e eu tenho tentado considerar suas admoestações, mas o trabalho tem que ser executado, e até que chegue ajuda, sou obrigado a continuar apesar da saúde. Mrs. Heindel acompanha-me nisto e em tudo. No entanto; além dessas precárias condições, alcancei uma capacidade crescente de funcionar no mundo espiritual. Como já afirmei, quando da época dos acontecimentos aqui narrados, minha visão tonal e a capacidade de funcionar na Região do Pensamento Concreto eram medianas e principalmente limitadas às subdivisões inferiores. Uma pequena ajuda dos Irmãos naquela noite permitiu-me entrar em contato com a quarta região onde se encontram os arquétipos. Lá recebi os ensinamentos e a compreensão do que é considerado o mais alto ideal e missão da Fraternidade Rosacruz.

Vi nossa sede e uma multidão de pessoas vindas de todas as partes do mundo para receber os ensinamentos. Vi-os sair dali para levar lenitivo para os aflitos próximas e distantes. Ao passo que neste mundo é necessário investigar para sabermos alguma coisa, lá, a voz de cada arquétipo traz consigo, ao mesmo tempo que impressiona a consciência espiritual, o conhecimento do que esse arquétipo representa. Portanto, nessa noite recebi um entendimento muito além do que minhas palavras possam expressar, pois o mundo em que vivemos é regido pelo referencial do tempo, enquanto que no reino superior dos arquétipos tudo é um eterno Agora. Esses arquétipos não revelam suas histórias como esta é narrada aqui, mas produzem sobre a pessoa uma concepção instantânea de toda a idéia, muito mais clara do que seria transmitida em palavras pelo narrador. Não ousei falar sobre esses fatos na ocasião em que eles ocorreram, mas no próximo capítulo irei esforçar-me para fazer-lhes uma descrição deles.

CAPÍTULO XXII
Nosso Trabalho no Mundo

Parte III

Como devem estar lembrados pelos nossos ensinamentos, a Região do Pensamento Concreto é o reino do som, onde a harmonia das esferas, a música celestial, penetra tudo que existe, da mesma forma que a atmosfera da Terra circunda e envolve tudo que é terrestre. Pode-se dizer que nessa região tudo está envolto e impregnado de música. Vive e cresce pela música. Lá, a PALAVRA de Deus ressoa e forma todos os vários modelos que depois se cristalizam nas coisas que contemplamos no mundo terrestre.

No piano, cinco teclas pretas e sete brancas formam a oitava. Além dos sete globos nos quais evoluímos durante um Dia de Manifestação, existem cinco globos escuros que atravessamos durante as Noites Cóslicas. Em cada ciclo de vida, o Ego retira-se por um tempo para o mais denso destes cinco, o Caos, o mundo sem forma onde nada permanece a não ser os centros de força conhecidos como átomos-semente. No começo de um novo ciclo de vida, o Ego desce novamente até a Região do Pensamento Concreto, onde a "música das esferas" imediatamente faz vibrar os átomos-semente.

Há sete esferas: os planetas de nosso sistema solar. Cada uma tem sua nota-chave e emite um som diferente de todos os outros. Um ou outro, dentre eles, vibra em sincronia particular com o átomo-semente do Ego que está em busca de incorporação. Então, esse planeta corresponde à "tônica" da escala musical e, embora os tons de todos os planetas sejam necessários para construir um organismo completo, cada um é modificado para adaptar-se ao impacto básico dado pelo planeta mais harmonioso, que é, portanto, o dirigente dessa vida, sua Estrela Guia. Como na música terrestre, também na celestial há harmonias e dissonâncias, e todos influenciam o átomo-semente e ajudam a construir o arquétipo. Assim se formam as linhas vibratórias de força que mais tarde atraem e organizam partículas físicas, como acontece com os esporos ou a areia que formam figuras geométricas à vibração de um arco de violino sobre um prato de latão.

Mais tarde, o corpo denso é formado dentro desta orientação arquetípica de vibrações, e assim ele expressa fielmente a harmonia das esferas como era tocada durante o período de construção. Este período, contudo, é muito mais longo do que o período real da gestação, e varia de acordo com a complexidade da estrutura requerida pela vida que busca manifestação física. Tampouco o processo de construção do arquétipo é contínuo, pois, sob os aspectos dos planetas que emitem notas, às quais as forças vibratórias do átomo-semente não podem responder, ele simplesmente sussurra as que já aprendeu. Assim engajado, espera por um novo som que possa usar na construção de organismos que deseja para expressar-se.

Sabendo que o organismo terrestre, que cada um de nós habita, é formado segundo linhas vibratórias produzidas pela música das esferas, podemos entender que as dissonâncias, que se manifestam como enfermidades, são produzidas primeiramente por desarmonia espiritual interna. Além disso, é evidente que se pudermos obter conhecimentos precisos referentes à causa direta da desarmonia e saná-la, a manifestação física da doença logo desaparecerá. É esta a informação dada pelo horóscopo de uma pessoa, pois nele cada planeta em sua casa e signo expressam harmonia ou discórdia, saúde ou doença. Portanto, todos os métodos de cura são apropriados

apenas na proporção em que levam em conta as harmonias e discordâncias estelares manifestadas na roda da vida - o horóscopo.

Enquanto as leis da natureza que governam os reinos inferiores são todopoderosas em circunstâncias normais, há leis superiores relativas aos reinos espirituais que, em determinadas circunstâncias, podem suplantar as anteriores. Por exemplo, o perdão dos pecados quando o reconhecemos e o verdadeiro arrependimento podem suplantar alei que exige olho por olho e dente por dente. Quando Cristo andou por esta Terra e curou os enfermos, Ele, sendo o Senhor do Sol, incorporou em Si a síntese das vibrações estelares, como a oitava incorpora todos os tons da escala, e Ele pôde, portanto, emitir de Si a verdadeira influência planetária corretiva requerida em cada caso. Sentia a desarmonia, sabendo imediatamente como equilibrá-la graças ao Seu elevado desenvolvimento. Não necessitava de preparação adicional, mas obtinha resultados imediatos substituindo por harmonia, a dissonância planetária que era a causa da doença que Ele atendia. Apenas num único caso Ele recorreu à leis superiores e disse: "Levanta-te, teus pecados estão perdoados".

Do mesmo modo, os métodos empregados pelo Serviço e Auxílio de Cura Rosacruz, dependem de um conhecimento das dissonâncias planetárias que causam as doenças e das influências corretivas que poderão curá-las. Isto tem sido suficiente em todas as solicitações que temos recebido até hoje. Contudo, existe um método mais poderoso e acessível que, sob uma lei superior, pode acelerar a recuperação em casos de longa duração. Em determinadas circunstâncias, quando existe o reconhecimento sincero e profundo do erro, podemos até eliminar os efeitos da doença antes que o destino, frio e inflexível, sentencie diferentemente.

Quando notamos com a visão espiritual algum enfermo, esteja seu corpo denso debilitado ou não, torna-se claro para o vidente que os veículos mais sutis estão muito mais frágeis que quando a pessoa estava sã, porque eles não transmitem para o corpo denso a dosagem necessária de vitalidade. Conseqüentemente, esse instrumento torna-se mais ou menos debilitado. No entanto, qualquer que seja o estado de abatimento do resto do corpo denso, determinados centros, frágeis em termos de saúde e em grau variável segundo o desenvolvimento espiritual da pessoa, ficam obstruídos em grau crescente de acordo com a gravidade da doença. Isto acontece principalmente no centro principal entre as sobrancelhas. Aí está enclausurado o espírito, às vezes a tal ponto, que perde contato com o mundo exterior, e seu progresso está tão voltado para sua própria condição que somente a completa ruptura do corpo denso poderá libertá-lo. Isso pode ser um processo demorado. Neste decorrer do tempo, a desarmonia planetária, que causou a doença inicial, já poderá ter passado, mas o sofredor é incapaz de aproveitar essas condições de melhora. Em tais casos, é necessária uma efusão espiritual especialíssima para levar a mensagem à alma: "Teus pecados estão perdoados". Quando isso for ouvido, a pessoa poderá responder à ordem: "Toma tua cama e anda".

Ninguém da presente humanidade pode sequer comparar-se à estatura de Cristo, conseqüentemente, ninguém pode exercer Seus poderes em casos tão extremos. No entanto, a necessidade desse poder em ativa manifestação existe hoje tanto quanto há dois mil anos atrás. O espírito impregna tudo dentro e sobre nosso planeta, mas em diferentes dimensões. Tem maior afinidade por algumas substâncias do que por outras. Sendo uma emanção do Princípio de Cristo, é o Espírito Universal comendo o Mundo do Espírito de Vida que restaura a harmonia sintética do corpo.

Uma substância foi mostrada ao autor no Templo dos Rosacruz na noite memorável já mencionada, com a qual o Espírito Universal se combinava e unia fácil e rapidamente, da mesma forma que o amoníaco o faz com a água. Dentro da grande esfera central, mencionada em lição anterior, havia um recipiente menor que continha vários pacotes repletos dessa substância. Quando os Irmãos se colocaram em certas posições e a harmonia de uma certa música havia preparado o ambiente, repentinamente os três globos começaram a brilhar nas três cores primárias, azul, amarelo e vermelho. Para a visão do autor ficou evidente, como durante a entoação das fórmulas mágicas, que o recipiente contendo os já mencionados pacotes se tornou luminoso com uma essência espiritual que antes não se encontrava lá. Alguns deles foram mais tarde usados pelos Irmãos com êxito instantâneo. As partículas cristalizadas, que envolviam os centros espirituais do paciente, dissiparam-se como por magia, e o doente despertou sentindo o restabelecimento da saúde e bem-estar físico.

Nota: - *Os quatro artigos seguintes são de manuscritos de Max Heindel que não haviam sido ainda publicados anteriormente à sua morte. Apareceram depois na revista "Rays From the Rose Cross" e estão aqui reproduzidos.*

CAPÍTULO XXIII

Condenação Eterna e Salvação

Na Fraternidade temos durante a semana um número de palestras nas quais o lado intelectual de nossa natureza predomina, enquanto que o culto de domingo à noite, incluindo a pregação, se destina ao coração. Sabe-se que o objetivo da Fraternidade Rosacruz é unir o intelecto e o coração, portanto, as palestras dos domingos à noite devem ser destinadas a ressaltar o lado do coração, tocar as suas cordas. Isto é algo que necessitamos muito, até mais do que o desenvolvimento intelectual. Na atual civilização somos tão propensos a encarar tudo pelo lado intelectual e procurar sempre uma explicação para os problemas que interessam apenas à mente, que esquecemos o que pode também apelar ao sentimento. Portanto, o orador deve esforçar-se para encaminhar o leitor para uma forma de meditação na qual as exortações se dirijam mais ao coração do que à mente, aplicando-as tanto para si como para os outros.

Durante a semana passada, o Irmão Maior, que tem sido por algum tempo o Mestre do orador, pediu que a palestra do último domingo fosse transmitida de outra forma, para que pudéssemos rever o aspecto de nossa filosofia que atualmente requer nossa maior atenção, isto é, prepararmos-nos para trabalhos superiores. Se olharmos para o homem como ele é agora, teremos apenas uma visão parcial dele, pois o homem, como tudo o mais, está em contínua mutação. E, a menos que nos preparemos para essa mutação, não poderemos experimentá-la. Portanto, é necessário termos os olhos de nossa mente continuamente voltados para o futuro, para podermos saber o que nos espera. Também é necessário esforçarmo-nos por viver à altura de nossos ideais, pois, somente vivendo-os assim é que poderemos alcançá-los à tempo.

Quando atingimos um ideal, ele deixa de ser um ideal. Houve uma época em que comíamos carne. Obtínhamos tal alimento através de uma tragédia, tirando alguma vida. Resolvemos acabar com esse hábito e, em pouco tempo, atingimos esse ideal e tornamo-nos "vegetarianos". Alimento vegetal já não era nosso ideal, porque já o havíamos realizado. Assim, há ideais na vida espiritual que estão muito distantes, mas que devemos lutar para alcançá-los no tempo devido e viver à altura do melhor que existe em nós.

Vamos agora discorrer sobre um assunto conhecido na igreja como "condenação eterna e salvação". Isto é algo do que pensamos ser possível fugir. Naturalmente, todos já ouvimos ministros pregar sobre o inferno; falando às pessoas sobre a necessidade de meditarem urgentemente sobre o problema da salvação para não sofrerem a condenação eterna. Depois, duvidando de tal doutrina, talvez aborrecidos ao pensar que Deus criou seres para depois atormentá-los eternamente, afastamo-nos da Igreja e voltamo-nos para outras religiões ou filosofias.

Alguns abraçaram as religiões do Oriente, que pregam a continuidade da vida e o processo pelo qual o homem evolui e futuramente se torna um deus. Talvez, ao estudar essas doutrinas, adquiriram a idéia da infinidade do tempo e, por isso, ficam desacreditados para o Mundo Ocidental, pois há os que pensam que a infinidade do tempo torna desnecessária qualquer dedicação e trabalho como fazemos aqui. Ao Mundo Ocidental também foi dada a doutrina que ensina a "condenação eterna e a eterna salvação" e, embora não acreditemos nisso da maneira ortodoxa como são ensinadas, não obstante, essas duas doutrinas contêm uma grande verdade.

A sua compreensão inteligente depende da origem da palavra "eterna". Se nos reportarmos à Bíblia grega, encontraremos a palavra "aionian". Procurando no dicionário veremos que esta palavra significa "que dura séculos - por um ilimitado período de tempo". A carta de Paulo a Filemon, onde ele fala do retorno do escravo Onésimo, diz: "Talvez fosse bom que ele lhe fosse tirado por uns tempos, para que volte para você para sempre (aionian)". Nem Onésimo nem Filemon eram imortais, portanto, "aionian" só pode significar uma parte da vida, e não a eternidade. Portanto, vemos que esta última não tem o sentido que lhe foi dado. Mas, em que sentido devemos tomá-la?

Quando olhamos o mundo ao nosso redor e contemplamos o processo de evolução, aprendemos que, através de toda a peregrinação do espírito desde o barro até o deus, há uma progressão perpétua; há muitos estágios e muitos pontos em que o espírito descansa um pouco, para depois dar um passo à frente. Nós que estudamos em nossa filosofia as várias épocas e períodos, lembramo-nos que foi afirmado que a primeira separação real das pessoas teve lugar na última parte da Época Lemúrica. Havia, então, o que pode ser chamado de um povo escolhido, devido a uma certa divisão no corpo de desejos de algumas pessoas que viviam na Terra naquela época. Nos seres onde o corpo de desejos houvesse sofrido uma divisão, de modo a haver alguma matéria de desejos superior em sua formação, o espírito humano ou Ego podia penetrar e, dessa forma, tornavam-se homens como os conhecemos hoje. Essa foi a primeira raça. Depois, gradualmente, outras raças formaram-se: sete durante a, Época Atlante e cinco na Época Ária. Haverá mais duas nesta Época e uma na Sexta Época; então, as raças desaparecerão.

Enquanto se efetua este processo de evolução, um vastíssimo grupo de espíritos vem continuamente progredindo de estágio em estágio, não obstante, muitos atrasados ficam pelo caminho. Mesmo quando ainda não éramos conscientes, alguns não progrediam com os de sua classe, e, como não eram tão adaptáveis como os outros, não podiam dar o passo seguinte na evolução. Chegamos agora ao ponto em que as mudanças acontecem rapidamente, onde o tempo entre duas raças é mais curto do que antes. Assim, os Irmãos Maiores consideram as dezesseis raças de um modo que justifica chamá-las "os dezesseis caminhos da destruição".

Aqui temos a nossa lição. Há um passo para cada um de nós, de uma raça para a seguinte. Nós viemos através das raças da Época Lemúrica; atravessamos as sete raças Atlantes, depois a primeira das raças Arianas. Temos evoluído sempre. Todas as vezes temos sido bem sucedidos na passagem dos pontos onde a divisão foi realizada e, dessa maneira, alcançamos a salvação. É exatamente como as crianças na escola, que cursam desde o jardim da infância até a universidade. Algumas são reprovadas e obrigadas a ficar para trás a fim de assimilar o que não aprenderam no ano anterior, mas, uma nova oportunidade é-lhes dada. Sempre alguns Egos ficam para trás e outros, mais diligentes, seguem à frente.

Coloco esta questão para o leitor e para mim, para ser respondida esta noite. Vamos ficar entre os atrasados ou vamos evoluir como devemos e podemos? Tendo recebido esta maravilhosa doutrina e conhecido a excelsa verdade da continuidade da vida, não podemos hesitar e dizer para nós mesmos: "Temos muito tempo. Não acreditamos nessa doutrina de condenação eterna; sabemos que todos seremos salvos no devido tempo". Mas alguns conseguirão antes que os outros, e outros ficarão para trás. A questão é:

Seremos nós uma ajuda ou um obstáculo para a raça? Atualmente encontramos entre os primeiros diante do Mundo Ocidental e nossa filosofia expõe melhor do que qualquer outra os problemas da vida. Vamos usá-la de maneira prática esforçando-nos por vivê-la nas nossas vidas diárias?

Não importa no que acreditemos, mas como vivemos. Isto não é só uma questão de fé, mas é mostrar a nossa fé por obras. Colocamos nossos ideais em nosso dia a dia? As pessoas que estão ao nosso redor e que nos observam, vêem em nós o que ou o que não devem ser. Ouvimos estes ensinamentos todos os domingos, aprendemos as lições da vida, meditamos sobre a palavra "servir". No entanto, estamos vivendo de acordo com esse ideal? Estamos servindo no mundo? Saímos pelo mundo praticando estes princípios e vivendo uma vida em concordância com os ensinamentos que nos são dados aqui? Nenhum de nós pode dizer que o fazemos com o melhor de nossos esforços. Deixamos muito a desejar. Então, perguntamos: "Esse ideal é muito elevado?" Não, não é. Há uma maneira pela qual podemos viver diariamente melhor, e vamos mencioná-la.

Os estudantes e leitores que não praticaram ainda os exercícios recomendados em nossos livros, devem seriamente pensar em fazê-lo. Eu os aconselho a começar, porque se sentimos em nós mesmos algum crescimento, seja ele notado ou não pelos outros que nos cercam neste mundo, o progresso existe. Devemos examinar nossas pensamentos e ações a cada dia, e assim, individualmente, conquistar uma vida melhor, tornando-nos homens e mulheres mais nobres. Os dois exercícios Rosacruz não são difíceis e requerem muito pouco tempo. Não devemos empregar o tempo que pertence ao nosso trabalho para nosso próprio desenvolvimento. Isto seria tão errado como tirar o pão da boca das pessoas da família e comê-lo. Todo e qualquer egoísmo deve ser evitado. Devemos empenhar-nos por melhorar dia a dia, capacitando-nos a irradiar vida mais abundante sobre a Fraternidade.

Os probacionistas que estão praticando os exercícios e, deste modo, identificando-se com os Ensinamentos Rosacruz, exercerão uma influência mais proveitosa e intensa do que seria possível de outra maneira. Portanto, torno a insistir - e não repetiria se não fosse uma recomendação especial - que todos comecem estes exercícios e se esforcem por viver de acordo com eles, pois é somente vivendo uma vida superior que estaremos preparados para o progresso que está por vir.

Na época em que o Sol transita por um novo signo do zodíaco, a humanidade recebe um novo impulso espiritual. Esse impulso deve ter um canal por onde fluir, e esse canal deve estar preparado e capacitado a vibrar com o impulso. Se não houver pessoas preparadas que possam receber essas vibrações e transmiti-las, os ensinamentos relacionados com esse impulso espiritual não poderão vir.

Sabemos como durante estes passados mil e novecentos anos, a segunda vinda de Cristo tem sido esperada. Como no tempo dos apóstolos, alguns esperavam Sua vinda e achavam que Ele viria fundar um reino mundano na Terra. Como no passado, também nos tempos de agora encontramos pessoas esperando Sua vinda - voltando como um ser humano. Mas, como disse Angelus Silesius:

"Ainda que Cristo nascesse mil vezes em Belém
Se não nascer dentro de ti, tua alma ficará
perdida.

Em vão olharás a Cruz do Gólgota,
A menos que dentro de ti, ela seja novamente
erguida".

Como um diapasão afinado em determinada vibração começará a soar quando outro do mesmo tom for tocado, assim também ocorrerá conosco. Quando estivermos afinados com as vibrações de Cristo, seremos capazes de expressar o amor que Ele veio ensinar aos homens, o qual procuramos demonstrar por meio do nosso serviço todos os domingos à noite. Enquanto não vivermos à altura desse amor e reconhecermos o Cristo interno, não poderemos ver o Cristo externo. Por isso, vamos rever o pequeno poema:

"Não desperdicemos nosso tempo ardentemente
desejando Feitos brilhantes, mas impossíveis;

Não fiquemos indolentemente esperando
O nascimento de asas angelicais visíveis.

Não desprezemos as pequenas luzes brilhando,
Pois nem todos podem ser uma estrela reluzente;

Mas vamos realizar nossa missão, iluminando
O lugar onde estamos presentemente".

CAPÍTULO XXIV

O Arco nas Nuvens

Devo dar algumas explicações preliminares, algumas razões porque a matéria contida no "O arco nas nuvens" é levada ao conhecimento do leitor. Recentemente ditei o manuscrito de um livro que estou desde então revisando. Durante o ditado surgiram alguns pontos que deviam ser investigados, sendo um deles a força vital que penetra no corpo pelo baço. Investigando, descobri que essa força se manifesta em diferentes cores, e que nos vários reinos da vida ela opera de maneira diversa. Há muito ainda para ser investigado antes de trazer a informação ao público. Um amigo, ao ler parte do manuscrito, mandou buscar em sua biblioteca em Seattle, um livro publicado há mais ou menos quarenta anos atrás chamado "Princípios de Luz e Cor" por Babbit. Consultei esse livro e achei-o muito interessante, escrito por um homem que era vidente. Depois de estudar o livro por uma hora, fiz eu mesmo algumas investigações no que resultou em novas luzes. E um assunto sério e profundo, pois a própria vida de Deus parece estar incorporada nessas cores.

Entre outras coisas, remontando à Memória da Natureza no que se refere à luz e à cor, cheguei ao ponto onde não existia a luz, como foi descrito no "Conceito Rosacruz do Cosmos": Depois segui os diferentes estágios da formação dos planetas até o momento em que o arco foi visto nas nuvens. Fiquei tão impressionado com essa investigação que minha devoção cresceu.

A Bíblia afirma que "Deus é Luz", e nada nos pode revelar a natureza de Deus tão claramente como esse símbolo. Se um vidente voltasse para o passado distante e obscuro, e olhasse para esse planeta na época da sua formação, vê-lo-ia como era no princípio, uma nuvem escura, informe, surgindo do Caos. Depois veria essa nuvem de substância virgem transformada em luz pelo Fiat Criador - sua primeira manifestação visível, uma névoa de fogo luminosa. Em seguida, houve uma época em que a umidade se acumulou ao redor dessa névoa de fogo e, mais tarde, chegaria o período conhecido como o Período Lunar. Mais tarde ainda, viria o estágio mais escuro e mais denso chamado Período Terrestre.

Na Época Lemúrica, a primeira incrustação da Terra começou quando a água fervente, em ebulição, foi evaporada. Sabemos que quando a água ferve e referve, ela deixa uma marca na chaleira. De maneira semelhante, a ebulição da umidade externa da bola ígnea da Terra formou uma crosta dura que constitui a superfície da Terra.

No que se refere à época seguinte, a Bíblia diz que não chovia na Terra, mas que uma névoa se elevava dela. Naquela época, fluis da terra úmida uma névoa que a envolvia completamente. Portanto, era impossível ver a luz do Sol como a vemos hoje. O Sol tinha a aparência de um arco de luz numa noite escura; ao redor dele havia uma aura. No início do Período Atlante, nós vivíamos nessa atmosfera nebulosa. Mais tarde, a temperatura foi gradativamente caindo e a umidade foi-se condensando em água, forçando finalmente os Atlantes a saírem de seus domínios através de um dilúvio, como assinalam as várias religiões.

Na época em que essa atmosfera nebulosa envolvia a Terra, era impossível a existência do arco-íris. Geralmente esse fenômeno ocorre quando há uma atmosfera clara em certos lugares e uma nuvem em outros. Então, chegou a época em que a humanidade contemplou o arco-íris pela primeira vez. Quando vi esta cena na Memória da Natureza fiquei maravilhado. Havia

refugiados que foram obrigados a sair da Atlântida, continente hoje parcialmente submerso no Oceano Atlântico, que inclui outras partes que atualmente são conhecidas como Europa e América. Esses refugiados foram guiados para o Leste até atingir um lugar elevado onde a atmosfera estava parcialmente clara e onde viram por cima o céu claro. De repente, apareceu uma nuvem, e dessa nuvem saiu um relâmpago. Ouviram o reboar do trovão, e eles, que haviam escapado ao perigo das águas e fugido sob a orientação de um guia que reverenciavam como Deus, voltaram-se para Ele perguntando: "O que foi? Vamos ser enfim destruídos?" Ele apontou para o arco-íris na nuvem e disse:

"Não, pois enquanto esse arco estiver na nuvem, assim também as estações se seguirão umas às outras, em sucessão ininterrupta". E o povo com grande admiração e alívio contemplou esse arco promissor.

Quando consideramos o arco como uma das manifestações da Divindade, podemos aprender algumas lições maravilhosas de devoção. Quando ficamos atemorizados diante do relâmpago e do trovão, o arco-íris no céu deve provocar sempre no coração humano uma admiração pela beleza de sua composição de sete cores. Não há nada que se compare a esse arco maravilhoso, e gostaria de chamar a atenção para alguns fatos físicos referentes a ele.

Em primeiro lugar, o arco-íris nunca aparece ao meio-dia. Isso ocorre sempre depois que o Sol atravessa mais da metade da distância desde o meridiano até o horizonte. Quanto mais perto do horizonte o Sol estiver, maior, mais claro e mais belo ele será. Nunca aparece num céu sem nuvens. Normalmente tem como fundo a nuvem escura e sombria, e sempre o vemos quando damos as costas ao Sol. Não podemos olhar em direção ao Sol e, ao mesmo tempo, ver um arco-íris. Quando levantamos os olhos para o arco, ele aparece como um semi-círculo acima da Terra e de nós. Quanto mais alto estivermos, maior visão teremos dele e, nas montanhas, quando atingimos uma altura suficiente acima do arco, nós o vemos como um círculo sétuplo -sétuplo como a Divindade da qual é a manifestação.

Com esses fatos físicos diante de nós, consideremos a interpretação mística do assunto. Na vida comum, quando estamos no apogeu de nossa atividade física, quando a prosperidade está no máximo, quando tudo nos parece brilhante e claro, então, não temos necessidade da manifestação da luz e vida divinas. Não temos necessidade desse acordo que Deus fez com o homem em sua entrada na Época Ária. Nós não nos importamos com uma vida superior; nosso barco navega em mar de rosas e não nos preocupamos com nada mais; tudo está tão bom para nós aqui, que parece não haver motivo para olharmos para o além.

Mas, de repente, vem a tempestade, o momento em que as tristezas e os aborrecimentos se abatem sobre nós. A borrasca do desastre rouba-nos toda base física, deixando-nos, talvez, solitários num mundo de sofrimento. Então, quando desviamos nossa atenção do sol da prosperidade material, quando olhamos para a vida superior, veremos sobre a nuvem escura do desastre, o arco indicando o pacto entre Deus e o homem, mostrando que podemos sempre entrar em contato com a vida superior. Talvez não seja o melhor para nós fazê-lo, pois todos necessitamos de uma certa evolução material que se consegue melhor quando não entramos em contato muito íntimo com essa vida elevada. Mas para evoluirmos, progredirmos e aspirarmos um estado cada vez maior de espiritualidade, devemos, vez por outra, sofrer inquietações e sofrimentos para entrarmos em sintonia com a

vida superior. Quando encararmos o sofrimento e as tribulações como um meio para atingir esse fim, então, as desgraças transformar-se-ão nas maiores bênçãos que podemos receber. Quando não temos fome, que nos importa o alimento? Mas, quando estamos famintos e temos diante de nós um alimento, não importa quão insignificante seja, ficamos muito agradecidos por ele.

Se dormimos bem todas as noites de nossa vida, não avaliamos que bênção isso é. Mas, quando permanecemos acordados, noite após noite, e desejamos ardentemente conciliar o sono com o descanso correspondente, reconhecemos o seu devido valor. Quando gozamos boa saúde e não sentimos dor ou qualquer mal em nosso corpo, esquecemos que alguma vez existiu algo como a dor. No entanto, quando nos restabelecemos de uma doença ou depois de um grande sofrimento, avaliamos bem as bênçãos da saúde.

No contraste entre os raios do Sol e a escuridão da nuvem, vemos o arco que nos acena para uma vida superior e, se ansiamos por ela, estaremos em melhores condições do que se continuássemos no caminho de uma vida inferior.

Muitas pessoas preocupam-se com ninharias. Isto me faz lembrar uma história, recentemente publicada num de nossos jornais, de um rapaz que havia subido numa escada. Enquanto subia olhava para cima e já estava em tal altura que uma queda seria morte certa. De repente parou e olhou para baixo, ficando imediatamente tonto. Quando olhamos para baixo de uma certa altura, ficamos tontos e assustados. Mas, alguém acima dele chamou-o e disse: "Olhe para cima, garoto. Suba até aqui e eu ajudarei você". Ele olhou para cima, e imediatamente a tontura e o medo desapareceram; então, continuou subindo até ser apanhado de uma janela.

Vamos olhar para cima, esforçando-nos por esquecer os pequenos tropeços da vida, pois o arco da ESPERANÇA está sempre nas nuvens. À medida que nos esforçamos por viver a vida superior e alcançar as alturas sublimes em direção a DEUS, mais veremos o arco da paz tornando-se um círculo e haverá tanta paz aqui embaixo como lá em cima. É nosso dever realizar o nosso trabalho no mundo e nunca nos esquivarmos dele. Ainda assim temos um dever para coisa a vida superior, e é no interesse desta que nos reunimos aos domingos à noite para, juntando nossas aspirações, avançarmos em direção às alturas espirituais.

Devemos lembrar que todos trazemos dentro de nós uma força espiritual latente, que é maior que qualquer poder no mundo, e como não está desenvolvida, somos responsáveis pelo seu uso. Para aumentar esse poder devemos dedicar parte de nosso tempo livre ao cultivo dessa vida espiritual para que, quando a nuvem da desgraça se abater sobre nós, possamos com o auxílio dessa força encontrar o arco dentro da nuvem. Como o arco é visto depois da tempestade, assim também quando pudermos ver o brilhante arco-íris em nossa nuvem de dor, o sofrimento estará no fim e o lado luminoso começará a aparecer. Quanto maior for a provação, maior será a necessidade da lição. Quando trilhamos o caminho do erro, mais cedo ou mais tarde seremos, bondosa mas firmemente, fustigados pela realidade da vida e forçados a reconhecer que o caminho da verdade aponta para o alto e não para baixo, e que Deus governa o mundo.

CAPÍTULO XXV

A Responsabilidade do Conhecimento

Na época distante e obscura do passado, quando começamos nossas vidas como seres humanos, tínhamos pouca experiência e, conseqüentemente, menor responsabilidade. A responsabilidade depende do conhecimento. Sabemos que os animais não são responsáveis perante a Lei de Causa e Efeito, sob o ponto de vista moral. Porém, é claro, que se um animal saltar de uma janela estará sujeito à lei da causa física, porque quando estatelar-se no chão possivelmente fraturará uma pata ou sofrerá qualquer outro dano. Se um homem fizesse a mesma coisa, teria de responder à Lei da Responsabilidade, além da Lei de Causa e Efeito. Existe para ele uma responsabilidade moral, pois sabe que não tem o direito de causar dano ao instrumento que lhe foi dado. Vemos, então, que nossa responsabilidade depende do nosso conhecimento.

Como ganhamos experiência através de muitas vidas, cada vez adquirimos mais aptidões. Renascemos sempre com talentos acumulados, que são o resultado das experiências dessas vidas. Somos responsáveis, portanto, pela maneira como os usamos. É necessário que usemos esses talentos durante a vida, pois a menos que o façamos, eles se atrofiarão tão certamente como a mão não usada pende inerte para um lado. Do mesmo modo como essa mão ficará atrofiada, assim também atrofiar-se-ão nossas aptidões espirituais, a não ser que as coloquemos em ação. Não pode haver descanso, nenhuma hesitação neste caminho da evolução que estamos trilhando; devemos seguir para diante ou do contrário degeneraremos.

Evidentemente, há muita responsabilidade unida ao conhecimento. Quanto mais conhecimento tivermos, mais responsabilidade teremos. Isto está bem claro. Observando sob o ponto de vista mais profundo do cientista ocultista, há uma responsabilidade ligada ao conhecimento que não é comumente notada pela humanidade. Esta fase especial de responsabilidade é que queremos discutir aqui.

Mabel Collins afirma que a história narrada em seu livro chamado "*A Floração e o Fruto, ou a História de Meta, a Necromante*"; é real. Ela declara que o material para essa história veio de um país distante, de maneira muito estranha, e que pelas referências de alguém que a conhecia, há nela algumas das verdades mais profundas relacionadas com a aquisição de conhecimentos e seu respectivo uso. Ela conta-nos como Fleta no começo de sua incorporação, quando ainda estava em estado selvagem, assassinou seu amante e, desde esse assassinato, pela crueldade que o envolveu, ela obteve um certo poder. Esse poder, naturalmente de acordo com o feito, estava na linha da magia negra. Portanto, na vida de que trata a história, ela possuía o poder de um mago negro. Ela forçou seu amante a matar uma entidade para que adquirisse novo poder. Era desta forma negra que utilizava seu conhecimento.

Há aqui uma grande verdade. Todo conhecimento que não estiver impregnado de vida é vazio, sem propósito e inútil. O conhecimento pode ser obtido de várias maneiras, e deve também ser utilizado de várias formas. Uma vez adquirido, pode ser guardado num talismã e depois usado pelas pessoas para bons ou maus propósitos, segundo o caráter de quem o utilizar. Se guardado por alguém que desenvolveu a força por si próprio, será usado de acordo com a índole desse homem ou dessa mulher. Isto ocorre pelo mesmo princípio com que acumulamos eletricidade numa bateria, que pode ser transladada da estação elétrica para ser utilizada em diversas

finalidades por outros e não apenas por quem a forneceu. Assim também a força dinâmica, advinda do sacrifício da vida com o propósito de adquirir poder oculto, pode ser usada dos dois modos e armazenada num talismã.

Vemos este grande fato particularmente descrito na lenda de Parsifal. Nesta bela lenda, o sangue purificador do Salvador, ofertado em nobre sacrifício próprio - não tirado de outro - foi recolhido num vaso que depois se tornou um talismã e tinha o poder de conferir força espiritual aos que cuidavam dele, se fossem puros, castos e inofensivos. Temos também o símbolo da lança que causou o ferimento do qual jorrou o sangue. Este foi transformado pelo sangue purificador num talismã que poderia ser usado de várias maneiras. Durante o reinado de Titurel, o mistério do Graal era poderoso; mas, quando o Graal foi entregue para Amfortas, filho de Titurel, ele saiu armado com a lança sagrada para matar Klingsor. Então, deixou de ser inofensivo, pois queria perverter o grande poder espiritual usando-o para matar um inimigo. Embora fosse um inimigo do bem, não era certo usar esse poder para tal fim. Portanto, o poder voltou-se contra ele, que tinha deixado de ser casto, puro e inofensivo. Em consequência, o poder causou-lhe um ferimento que nunca sarou. É também assim em outros casos.

Lemos sobre Daví, o guerreiro manchado de sangue, que foi proibido pelo Senhor de construir o Templo. Mesmo que esse Senhor fosse um deus da guerra, tendo punido nações para fazê-las voltar à razão, Ele não poderia usar o instrumento que houvesse sido maculado pelo sangue de Suas guerras com o propósito de construir um templo. Isso teve que ser delegado ao filho de Daví, Salomão, o homem da paz. Foi-nos dito como Salomão desejou sabedoria, grande conhecimento, não para que obtivesse vitória sobre seus inimigos, não para que pudesse aumentar seu território e fazer de seu povo uma grande nação, mas para que pudesse governar melhor o povo colocado aos seus cuidados; e o conhecimento foi-lhe dado em abundância.

Aprendemos também como Parsifal, a antítese de Amfortas, era descendente de um guerreiro, um homem manchado de sangue que morreu. Através de Herzleide - aflição do coração - o filho póstumo, Parsifal, veio ao mundo. Na primeira parte de sua carreira ele usou o arco, mas, a certa altura quebrou-o, tornando-se casto, puro e inofensivo. Pelo poder dessas qualidades conservou-se firme no dia da tentação, arrebatando a lança de Klingsor, que a possuiu desde o dia em que Amfortas a perdeu. Parsifal em sua peregrinação, desde o tempo em que recebeu a lança e a época em que voltou ao Castelo do Graal, foi perseguido por muitas tentações, muita tristeza, problemas e tribulações. Homens quiseram tirar-lhe a vida, e muitas vezes compreendeu que poderia ter-se salvado com a lança sagrada se a tivesse usado contra seus inimigos. Mas, ele sabia que a lança deveria ser empunhada não para ferir, mas para curar. Compreendeu o poder sagrado que o sangue do sacrifício havia conferido ao talismã, que deveria ser usado somente para os mais elevados propósitos.

Verificamos sempre que aqueles que possuem o poder espiritual nunca o usarão para qualquer propósito egoísta. Não importa o mal que os aflija, eles mantêm-se firmes sobre esse ponto. Não importa quão severamente sejam tentados; nem por um momento sonham em prostituir seu poder para propósitos egoístas. Apesar de alguém poder alimentar cinco mil pessoas que estão com fome e longe de sua fonte de provisões, ele não apanhará nem mesmo uma pequena pedra para transformá-la em pão para satisfazer a sua própria fome. Embora possa colocar-se diante de seus inimigos e curá-los, como Cristo restaurou a orelha do soldado romano, irá recusar-se a

usar o poder espiritual para estancar o sangue que corre de seu próprio flanco. Ouvimos falar a respeito de homens que "outros eles salvaram, a si mesmos não salvariam". Eles poderiam sempre tê-lo feito, pois o poder é grande. Mas se o tivessem usado para esse fim, tê-lo-iam perdido; eles não tinham o direito de assim prostituir seu poder.

Há ainda um outro tipo de mistério diferente do Graal. Por exemplo, a cabeça de João Batista foi colocada numa bandeja depois dele ter sido sacrificado, e outros adquiriram um certo poder por assistir a esse espetáculo. A mitologia grega fala-nos de Argos, que tinha tantos olhos que podia ver tudo que quisesse - ele era vidente. Mas usou seu poder para um propósito errado, e Mercúrio, o deus da sabedoria, decepou-lhe a cabeça retirando seu poder. Toda vez que um homem procura usar seu conhecimento espiritual e poder de maneira errada, ele os perderá; não podem continuar a pertencer-lhe.

Mesmo quando vemos o conhecimento do ponto de vista científico, compreendemos que ele consome vida, pois cada pensamento rompe os tecidos em nosso cérebro, que é formado de pequenas células. Cada célula tem sua vida celular individual. Essa vida é destruída pelo pensamento, ou antes, a forma, é destruída e assim a vida não pode mais manifestar-se nela. Sempre há destruição de vida em qualquer direção que nos voltemos à procura de conhecimento. Há os que tiram a vida em experiências científicas por pura curiosidade. Há os que são cruéis ao tirar a vida, como na vivissecção e, quando a busca do conhecimento se baseia apenas na curiosidade, há uma terrível dívida acumulada para um dia futuro, pois o equilíbrio deverá ser, com certeza, restabelecido.

No caso de Fleta, o sacrifício de vida que teve lugar no mundo físico, foi seguido por outro sacrifício em outro mundo. Mas, através dele, ela obteve um poder que a conduziu até às portas do templo, onde se postou e pediu Iniciação. Contudo, seus motivos, como os de Klingsor, não eram puros. Ela não era casta, não estava qualificada para ter poder espiritual em toda a sua dimensão, nem foi considerada uma das auxiliadoras da humanidade. Portanto, foi banida da porta do templo e teve a morte das necromantes. Um véu pende sobre essa morte e não sabemos o que está por trás dele. Talvez essas coisas fiquem melhor quando não reveladas. Mas, a lição é bem válida, pois ensina-nos que não podemos tirar a vida nem acumular conhecimentos de uma maneira prejudicial, sem incorrer com isso numa terrível responsabilidade. A única razão satisfatória e apropriada para a busca do conhecimento é aquela onde possamos servir e ajudar a raça da maneira mais eficiente.

Na época presente, o sacrifício de vidas para obter-se conhecimento é inevitável; nada podemos fazer. Deveríamos procurar o conhecimento com o mais puro e melhor dos motivos, pois as vidas que destruímos são inumeráveis. O ocultista observando a vida que vai nascer, a vida elementar que está à procura de incorporação e que é privada de sua forma pelo processo da obtenção de conhecimento, algumas vezes fica surpreso com a vasta perda de vidas que são assim sacrificadas e imoladas sem um bom propósito. Por isso, repetimos, ninguém tem o direito de procurar conhecimento a não ser com o mais puro e melhor dos motivos.

Se, por outro lado, trilhamos o caminho do dever, se procuramos fazer bem e completamente as coisas que nos chegam às mãos, e se temos aspirações espirituais sem o propósito de forçar o crescimento espiritual, então seremos mais facilmente qualificados para obter poderes superiores. É uma

bela característica dos Ensinamentos Rosacruz não só transmitirem conhecimentos espirituais, mas também ajudarem os aspirantes a obtê-los. Devemos aprender a trilhar o caminho do dever, a viver a vida do bem. Não importa uma vida longa; muitas pessoas, como diz Tomás de Kempis, preocupam-se em viver uma vida longa. Mas isto não importa. Ou melhor, esforcemo-nos todos os dias para cumprir nosso dever; então, certamente estaremos qualificados a receber o conhecimento superior que acompanha o poder exaltado.

Não importa qual seja a nossa esfera. Sempre há um lugar onde podemos fazer uso de nosso conhecimento, não para pregar sermões, não para falar ao povo, desde a manhã até a noite, sobre as coisas que conhecemos para que eles possam admirar nosso conhecimento, mas para que possamos viver entre eles a vida espiritual, para que possamos servi-los pelos exemplos vivos de nossos ensinamentos. Essa oportunidade existe para todos nós. Não precisamos procurá-la muito longe; ela está precisamente aqui.

Tomás de Kempis expressou tudo isso da maneira que só mesmo um místico poderia fazê-lo. Ele expôs a idéia em palavras tão lindas que valeria a pena lê-las e ponderar sobre algumas delas em sua "Imitação de Cristo". Ele diz:

"Cada homem naturalmente desejaria saber de que vale o conhecimento sem o temor de Deus. Com certeza, um humilde agricultor que serve a Deus é melhor do que um orgulhoso filósofo que estuda o curso dos céus e negligencia a si. mesmo... Quanto maior for o seu conhecimento, mais grave será o seu julgamento, a não ser que sua vida também seja a mais santa. Portanto, não se envaideça, mas antes tema o conhecimento que lhe foi dado. Se julga que sabe muito, lembre-se que existe muita coisa que desconhece. Ninguém sabe como e quanto poderá progredir ao fazer o bem".

Por isso, lembremo-nos de que não devemos procurar o conhecimento simplesmente pelo conhecimento, mas apenas como um meio para viver uma vida melhor e mais pura, pois apenas isso o justifica.

CAPÍTULO XXVI

A Jornada no Deserto

Nosso assunto é extraído da passagem bíblica "O Templo no Deserto", e vamos tentar interpretá-lo sob o ponto de vista dos Ensinamentos Rosacruz. Pode parecer àqueles que não estudaram estes ensinamentos, que uma interpretação é tão válida e tão digna de confiança como outra. Mas, uma reflexão mais profunda sobre o assunto poderá suscitar uma opinião um pouco diferente. Pedro, em sua segunda Epístola, primeiro capítulo, versículo 20, diz: "Atendendo antes de tudo a isto: que nenhuma profecia das Escrituras é de interpretação particular". Em nossa vida diária compreendemos que se nossa opinião sobre qualquer assunto for considerada valiosa, essa opinião deve ser baseada sobre um certo conhecimento do assunto. O depoimento de testemunhas num tribunal é baseado neste princípio. Se uma pessoa bem qualificada por estudos ou por experiência expõe uma opinião sobre um assunto, ela é ouvida com respeito e recebe a devida consideração. Deveria acontecer o mesmo sobre alguém que interprete as Escrituras.

Deve-se notar que Pedro diz que as Escrituras não são de interpretação particular. Os Católicos Romanos sustentaram durante muitos séculos (e foram censurados por afirmá-lo), que são uma autoridade na interpretação das Escrituras. Há algum fundamento para tal alegação, pois cada Papa que esteve à testa do Vaticano, com uma exceção, era dotado de visão espiritual desenvolvida.

Não asseguramos que os Papas exercessem seus poderes com sabedoria. Contudo, não eram cegos guiando cegos. É essa reivindicação que Pedro reclama para si. Ele diz: "Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas artificialmente compostas; mas nós mesmos vimos Sua Majestade". (II Pedro, 1:16) "Então eu não vi Jesus Cristo Nosso Senhor?" diz Paulo no 9º Capítulo da primeira Epístola aos Coríntios, primeiro versículo.

Existe uma base em suas palavras e ensinamentos. Essa base é que eles viram e ouviram. Podemos ir além e demonstrar que os que estavam associados com o Cristo quando Ele esteve na Terra, possuíam visão espiritual. Eles foram levados para o Monte da Iniciação, onde viram Moisés e Elias que haviam morrido há muito tempo e não estavam mais no mundo físico. Eles, em contemplação, viram e ouviram coisas das quais não deveriam falar. Portanto, pelo desenvolvimento do sexto ou sentido espiritual, eles tinham uma base para seus conhecimentos. Eram capazes de interpretar os ensinamentos que lhes foram ministrados, dos quais tiveram a prova.

Na Fraternidade Rosacruz não acreditamos que a faculdade da visão espiritual seja privilégio apenas de alguns, mas pode ser adquirida por todo ser humano no decurso de seu desenvolvimento espiritual. Algum dia, nós todos teremos visão espiritual, então, saberemos que as coisas que foram previamente proclamadas são verdadeiras. Há alguns entre nós que desenvolveram a visão espiritual e, através desse desenvolvimento, adquiriram a faculdade de ver além do véu, de ler na Memória da Natureza e encontrar refletidas nela, vindas de um mundo superior, as causas que originaram nossa presente civilização. Alguns podem também ver o porvir, e assim conhecer o trabalho futuro da evolução. As Escrituras não foram estudadas pelo autor e interpretadas segundo seu entendimento pessoal,

mas esta informação é o resultado de uma compreensão obtida por meio da visão espiritual.

Em primeiro lugar, vamos deixar bem claro, como já foi dito ao falarmos sobre os mistérios do Cristianismo, que os quatro Evangelhos não são meramente o relato da vida de um simples indivíduo escrito por quatro pessoas diferentes, mas simbolizam diferentes Iniciações. Paulo diz: "Até que Cristo seja formado em vós". Algum dia, todos passarão pelos quatro estágios descritos nos quatro Evangelhos; cada um estará desenvolvendo em si mesmo o espírito de Cristo. E, ao dizer isto sobre os quatro Evangelhos, podemos aplicar a mesma afirmativa a uma grande parte do Velho Testamento, pois trata-se de um livro maravilhoso de ocultismo. Quando colhemos batatas, não esperamos encontrar só batatas e nenhuma terra. Também não poderíamos esperar pesquisar o livro que chamamos Bíblia e achar que cada palavra é uma verdade oculta, pois assim como há terra no meio das batatas, também deve haver impurezas entre as verdades ocultas nas Escrituras.

Os quatro Evangelhos foram escritos de tal maneira, que somente os que têm o direito de saber podem desvendar o seu significado e compreender os fatos subjacentes. Da mesma forma, encontramos no Velho Testamento grandes verdades ocultas, que se tornam muito evidentes quando podemos olhar por trás do véu que cega muitos de nós. No momento, muitos devem privar-se da visão oculta para poder dominar as condições da evolução material e assim aperfeiçoar-se nas atividades do mundo material. Mas nós, do mundo Ocidental, estamos agora no arco oculto; estamos nas praias do mar espiritual, onde individualmente devemos colher as pérolas do conhecimento que têm estado ocultas pela matéria e que tanto nos cegam.

Vamos agora examinar uma forma de Iniciação relatada numa parte da Bíblia, descrevendo a jornada do homem desde o barro até Deus. Quando nos enfronhamos nessa coleção de livros chamada Bíblia, vemos que se inicia com cinco livros comumente denominados os cinco Livros de Moisés. Eles falam da jornada do assim chamado "povo escolhido" desde o Egito até a Terra Prometida, e de como eles atravessaram as águas do Mar Vermelho guiados por uma forma sobrenatural. Depois de muitos, muitos anos, e depois que muitos dos que primeiro partiram para essa jornada haviam perecido, finalmente alcançaram a terra que lhes fora prometida. Ainda assim, Paulo, em sua Epístola aos Hebreus, fala desse pacto como não tendo sido realizado, pois o que deveria ter sido cumprido, falhou. Isso é um fato. Quando instituímos uma lei, também existe um meio de transgredi-la; portanto, é impossível a salvação pela lei.

Houve uma época em que a humanidade vivia em tal estado, que era impossível governá-la sem leis - leis prescritas para todos os casos, o que deviam e o que não deviam fazer. Portanto, era a missão de seu guia dar-lhes essas leis, e estas estavam incorporadas nos cinco livros de Moisés. Historicamente, os israelitas eram um povo que viajava não do Egito para a Palestina, mas foi levado por seus guias desde a sentenciada Atlântica, onde a umidade condensada da atmosfera causava enchentes que tornavam a Terra inabitável, até a parte central da Ásia. Esse grupo de homens e mulheres foi selecionado como um núcleo para uma raça escolhida, tornando-se, desde então, o que se conhece como raça Ariana. Conquanto esta possa ser uma interpretação histórica, ainda assim há nela uma grande lição espiritual, especialmente nessa parte da história que é objeto de nossa consideração.

No "*Conceito Rosacruz do Cosmos*" há uma descrição de dois homens parados numa esquina; um derruba o outro. Um observador poderia dizer que um pensamento de ódio derrubou o homem. Outro discordaria dessa afirmação e diria que havia visto o braço levantado e o golpe caindo na cabeça do homem, causando a sua queda no chão. A última versão está correta, mas também houve o pensamento; o braço foi apenas um instrumento irresponsável. E o pensamento que movimenta tudo, e quando consideramos o lado oculto dos efeitos, teremos uma compreensão mais profunda das causas. A partir deste ponto de vista é que falaremos sobre o "Templo no Deserto".

Em nossa Bíblia há uma descrição das primeiras pessoas sobre a Terra. Chamavam-se Adão e Eva. Interpretado corretamente significam a raça humana, que gradativamente se arrogou o poder da procriação, tornando-se assim agente livre. Em vista disso, a humanidade conquistou sua liberdade e tornou-se responsável perante a Lei de Conseqüência, pois havia assumido o poder de criar novos corpos, e foi então separada da árvore da Vida e do estado que agora reconhecemos como etérico. Quando aprendermos que possuímos um corpo vital formado de éter - que é a árvore da vida de todos nós - que nos fornece a vitalidade pela qual somos capacitados a fazer os movimentos do corpo, poderemos compreender por que o poder de recriar-nos e regenerar-nos, foi-nos arrebatado. Isso ocorreu para que não aprendêssemos como vitalizar o imperfeito corpo denso. Entendemos também porque, como afirma a Bíblia, foram colocados Querubins com espadas flamejantes na entrada do Jardim do Éden para guardar essa região.

Esta história é relatada no começo da Bíblia, mas, no fim do livro, na Revelação, fala-se sobre uma cidade onde há paz entre as pessoas. Duas cidades são mencionadas na Bíblia; a primeira, Babilônia, uma cidade de desgraças e tribulações, onde se estabeleceu a confusão pela primeira vez. A humanidade dividiu-se e a fraternidade acabou. A segunda, a Nova Jerusalém, é descrita como a nova cidade onde haverá paz. Foi-nos dito na Revelação que nesta Nova Jerusalém está a árvore da Vida, simbolizando o poder de nos regenerarmos, pelo qual poderemos reaver a saúde e: a beleza que nos falta presentemente.

Houve um bom propósito no fato deste poder ter-nos sido tirado. Não por maldade, para que sofrêssemos tristeza e dor, mas porque somente por repetidas existências num corpo inferior poderíamos aprender a construir para nós um veículo adequado à imortalidade. Gradativamente, o homem saiu do estado etérico para a presente condição sólida. Naquela época, ele podia viver no estado etérico tão facilmente como pode viver hoje nos três elementos presentes no mundo físico. Na passada condição etérica, ele ligava internamente as correntes de vida, que agora nós contactamos inconscientemente. Naquele tempo, tinha capacidade de centralizar a energia do Sol em seu corpo e empregava-a de modo diferente do atual. Este poder foi-lhe gradualmente tirado à medida que entrava no presente estado sólido.

Então, começou a jornada através do deserto, um deserto de espaço e matéria. Continuaremos nesta peregrinação até que reentremos conscientemente no reino etérico - esse reino chamado o Novo Céu e a Nova Terra - onde imperará a virtude e não haverá mais pecado. Atualmente ainda estamos viajando através do deserto do espaço, como veremos se estudarmos a Bíblia com compreensão. Contudo, não nos referimos à versão inglesa, preparada por tradutores tolhidos por um édito do Rei James

informando-os de que não deveriam traduzir nada que pudesse interferir com as crenças existentes naquela época.

A primeira coisa que aprendemos, do ponto de vista oculto, sobre o Templo construído no deserto, é que Moisés foi chamado para as montanhas, e lá foram-lhe mostrados certos padrões. Lembramo-nos do que foi dito no "Conceito Rosacruz do Cosmos", que no mundo celeste há imagens padrão-arquétipos. Encontramos na língua grega a palavra "apxn" que significa "no começo", isto é, o início. Cristo diz de Si próprio, ou melhor, o Iniciado que compreende Sua divindade diz: "Eu sou o princípio (apxn) e o fim". Há nessa palavra "começo" (apxn) o núcleo de tudo que temos aqui.

No Templo foi colocada uma arca e esta foi disposta de tal modo que suas varas não poderiam ou não deveriam ser removidas. Durante toda a viagem através do deserto, essas varas deveriam lá permanecer. Nunca foram removidas até que a arca foi levada ao Templo de Salomão. Vemos aqui uma constatação de que um determinado símbolo, um arquétipo, algo que vem desde o princípio, é elaborado de tal modo que pode ser retirado em determinada ocasião e levado mais adiante. Essa arca era o núcleo em redor do qual se centralizava tudo no Templo; continha também o cajado de Arão, o pote de maná e as duas tábuas da lei.

Descrevemos aqui o símbolo perfeito do que é realmente o homem, pois, enquanto ele atravessa este vale de matéria e transita continuamente de um lugar para outro, as varas, sob nenhuma hipótese, são removidas. Não serão removidas até que ele esteja no estado simbolizado na Revelação, onde se diz: "Aquele que triunfar, eu o farei um pilar no templo de meu Deus; e dali nunca mais sairá".

Durante o transcorrer do tempo, desde o momento em que o homem começou sua passagem através da matéria, ele possuía esse espírito de peregrinação. Nunca ficou parado. Algumas vezes, o Templo era levado, assim como a arca, mais para adiante para um novo lugar. Também o homem é sempre levado de um lugar para outro, de um ambiente para outro, de uma condição para outra. Não é uma jornada sem objetivo, pois tem como meta a terra prometida, a Nova Jerusalém, onde haverá paz. Mas, enquanto o homem está na jornada, deve saber que não haverá. descanso nem paz.

Esta é a consequência da lei que, de um certo modo, o homem transgrediu. No princípio não estava nos planos que passássemos por uma evolução como essa, um vale de dor e lágrimas. Foi-nos dito que a força criadora, latente dentro de nós e que estamos apenas começando a usar de maneira construtiva, foi primeiramente usada por nós sob a direção dos anjos, que cuidavam para que a procriação se processasse em épocas em que as condições planetárias fossem favoráveis. Nessa época, o parto era indolor. Tudo era bom sobre a Terra. O Senhor fez com que tudo fosse bom. Mas veio o tempo em que os espíritos de Lúcifer, que reconhecemos como os atrasados da evolução dos anjos, necessitavam de cérebros para que pudessem funcionar no mundo físico. Portanto, eles mostraram como deveríamos usar nossa força criadora independentemente da liderança dos anjos, para que quando um corpo fosse largado por ocasião da morte, quando se tornasse inútil, fosse possível ao ser humano criar outro corpo.

Assim, temos essas duas classes trabalhando em diferentes partes do corpo: os espíritos de Lúcifer que, desde então, trabalham em nós através da medula espinhal e do cérebro; e os anjos, que estão encarregados da faculdade de propagação desde que não interfiram com nosso próprio

desempenho. Aqui, neste ponto, é que entra o livre-arbítrio, à escolha e também a Lei de Conseqüência. Os animais não são responsáveis da mesma maneira que nós; se um animal pular de uma certa altura, ele irá machucar-se de maneira física, mas aí cessa a responsabilidade. Mas, se nós fizéssemos a mesma coisa, teríamos os mesmos resultados físicos além da responsabilidade moral, pois sabemos que não devemos ferir desnecessariamente o veículo físico. Assim, a Lei de Conseqüência está ligada a todos os atos do ser humano no que se refere ao livre-arbítrio.

Tudo que fazemos de errado deve, de alguma forma, chegar ao nosso conhecimento. Tristeza e dor têm sido os agentes que nos têm guiado corretamente, e a Lei de Conseqüência foi-nos dada para que, com o tempo, aprendéssemos a agir certo. Na arca, que simbolizava o ser humano, foram colocadas as Tábuas da Lei e também o pote de maná. A palavra "maná" (manna) não significa o pão que veio do céu, mas o pensador, o Ego, que desceu das esferas superiores. Em quase todos os idiomas existe a palavra "man" (homem). Em sânscrito, alemão, escandinavo, etc., a raiz é a mesma. Na arca está o pensador, e ele está sendo levado para o Templo do Deserto durante o presente estágio de sua evolução.

Em nós também há o poder espiritual simbolizado pelo cajado de Arão. Lembremo-nos de que o cajado de Arão foi o que floresceu quando todos os outros permaneceram secos. Há em todos nós um poder espiritual que esteve latente durante o tempo que estivemos em peregrinação pela matéria, e depende de nós despertar esse poder. Falamos inúmeras vezes sobre este poder espiritual e como seu uso traz bênçãos para o mundo quando usado como o usou Parsifal, e traz desgraças quando usado erradamente como o fez Amfortas.

Este poder espiritual está latente na época atual, mas a humanidade, simbolizada pela arca itinerante, não se preparou ainda para recebê-lo. Nós somos muito egoístas, e devemos cultivar o altruísmo antes que nos seja confiado o domínio sobre esse maravilhoso poder. Pedro é muito enfático ao referir-se aos guias que podem aparecer entre nós, quando fala de falsos mestres, e diz que eles tentarão auferir lucros de seus negócios. São os que vendem lições sobre esta ou aquela espécie de ciência espiritual e mais provavelmente sobre assuntos de astrologia, talvez a cinco dólares por aula. Possuem esses conhecimentos para trocá-los por moedas, prometendo o reino aos incautos, mas devemos lembrar que não é o dinheiro, mas sim o mérito que nos leva à conquista espiritual, e é impossível iniciar uma pessoa dando-lhe a força espiritual superior por alguns dólares ou por qualquer outra consideração material. Assim como é necessário carregar o revólver antes de puxar o gatilho que causará a explosão, assim também é necessário termos armazenado dentro de nós a força, o poder espiritual, simbolizado pelo cajado de Arão, antes de colocarmos essa força em uso correto e legítimo. Esta é uma das grandes lições da arca.

Se continuarmos a viajar, renascimento após renascimento, e não aprendermos a obedecer à voz de Deus, a aceitar Seus mandamentos sagrados vivendo uma vida de bem, devemos estar cientes que não alcançaremos a Cidade da Paz, mas permaneceremos na terra da tristeza e do sofrimento.

Então, como vamos desenvolver nossa força espiritual? O que é o caminho, a verdade e a vida? O caminho triplo foi-nos mostrado no glorioso ensinamento de Cristo. Em todo o mundo, a humanidade comum está sendo regida pela lei, que age sobre o corpo de desejos e consegue controlá-lo.

O pensador contrapõe-se à carne. Mas, sob a lei, ninguém pode ser salvo. Em nossos ensinamentos também falamos do corpo vital. Este é o veículo do amor e da atração, como disse Paulo. Se pudermos dominar o lado passional de nossa natureza e fugir das baixas vibrações do amor, se pudermos cultivar a pureza e resistir à tentação, como fez Parsifal, vivendo urna vida pura, estaremos todos os dias cultivando dentro de nós uma força. Esta força é a do amor, que se expressará em nossas vidas diárias através do serviço e, gradativamente, irá aumentando até ser como a pólvora na pistola carregada. Então, o Mestre virá e nos mostrará como liberar a força que armazenamos internamente.

Dependerá de nós o tempo da nossa jornada no deserto. Todos temos a força latente em nosso interior que nos levará à Cidade da Paz, um lugar distante da tristeza e do sofrimento. Todos podemos e devemos começar em algum momento, e o primeiro passo é a purificação, pois sem uma vida pura não pode haver progresso espiritual. "Não podemos servir a Deus e a Mammon". Geralmente "Mammon" representa o ouro e as riquezas do mundo. Contudo, um homem pode manter-se em seus negócios e cuidar deles pelo bem de todos, não por seu próprio interesse e ganância, mas fazendo o possível para ajudar os outros. Não servindo a "mammon", não importa o quanto esteja acumulando. Uma pessoa pode amar apenas uns poucos ao seu redor, mas há um amor maior que deve ser observado e que deve fluir para outros que não os do seu círculo social. Todo dever merece ser cumprido para que possamos aproveitar as elevadas oportunidades que se abrem diante de nós.

Assim, é servindo que aprendemos: servindo a humanidade, servindo os animais, servindo os nossos irmãos menores, servindo em toda a parte. Somente isto nos tirará do "deserto". Diz-se que os que serviam estavam colocados mais alto no templo e Cristo disse: "Aquele que quiser ser o maior entre vós, seja o servo de todos". Esforcemo-nos por prestar este serviço. É fácil cumpri-lo se quisermos. Então, algum dia, num futuro não muito distante, ouviremos aquela voz gentil, a voz do Mestre, que chega a todos que servem e ouvem a voz de Deus.

FIM